

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**  
**MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA**

**Linha de Pesquisa: Clínica da Infância e Adolescência**

**CARACTERIZAÇÃO DOS VÍNCULOS AFETIVOS ENTRE ADOLESCENTES**  
**COM INDICADORES DE ORGANIZAÇÃO DE PERSONALIDADE**  
***BORDERLINE E SEUS PAIS***

**Aline Bedin Jordão**

**Orientadora: Prof. Dra. Vera Regina Rohnelt Ramires**

São Leopoldo, abril de 2008.

## **Dedicatória**

Dedico este estudo aos adolescentes e suas famílias, pelo interesse na participação desta pesquisa, e pela disponibilidade em compartilhar seus sofrimentos, vivências e angústias. Ainda, pela capacidade que demonstraram em ressignificar sua história e buscar novos posicionamentos diante da vida.

## Agradecimentos

Agradeço, primeiramente, à minha família: ao meu querido esposo, aos meus pais e irmãos, pela continência recebida, pelo acolhimento em momentos difíceis desta trajetória, pelo amparo, amor e confiança sempre depositada.

Muitíssimo obrigada! Eu amo muito vocês!

À minha orientadora, Vera Ramires, pelos ensinamentos, incentivo e apoio no decorrer de toda a pesquisa.

Às professoras integrantes da banca, pelas contribuições e dedicação a este trabalho.

À professora Claudia Maria Palma (UFSM), pelo auxílio prestado através das supervisões do *Rorschach*.

Às acadêmicas de Psicologia da UFSM, Carla Cattelan e Larissa Abentroth, pela colaboração nas transcrições das entrevistas.

Às minhas colegas de mestrado, que se tornaram grandes amigas, em especial a Jana, a Mi, a Soraya e a Raquel. Gurias, obrigada pelos emails compartilhados, pelos cafés, pelos almoços, nos quais pudemos dividir alegrias, tristezas, angústias, temores, enfim, presenças essenciais nessa caminhada.

Agradeço, sempre, a Deus, pela vida, pela minha família, e pelas oportunidades como esta - do mestrado - em minha caminhada profissional.

Por fim, agradeço aos participantes deste estudo, que auxiliaram enormemente na elucidação dos objetivos propostos nesta pesquisa, trazendo uma contribuição muito importante para o campo da psicologia.

MUITO OBRIGADA!!!!

## SUMÁRIO

<b>Resumo</b> .....	06
<b>Abstract</b> .....	07
<b>Introdução</b> .....	08
<b>Seção 1: Relatório de Pesquisa</b> .....	11
1.1. Introdução .....	11
1.2. Objetivos .....	12
1.3. Método .....	13
1.4. Procedimentos da Pesquisa .....	15
1.5. Procedimentos de Coleta dos Dados.....	16
1.6. Procedimentos de Análise dos Dados.....	19
1.7. Resultados e Discussão.....	20
1.8. Considerações Finais.....	49
<b>Seção 2: Revisão da Literatura</b> .....	51
2.1. Introdução.....	51
2.2. Adolescência e cultura contemporânea .....	52
2.3. Adolescência e organização de personalidade <i>borderline</i> .....	54
2.4. Os vínculos afetivos dos adolescentes com organização de personalidade <i>borderline</i> .....	58
2.5. Considerações Finais .....	62
<b>Seção 3: Artigo Empírico</b> .....	64
3.1. Introdução.....	64
3.2. Método.....	67
3.3. Resultados.....	69
3.4. Discussão.....	79
3.5. Considerações Finais.....	86

<b>Alguns Apontamentos Finais</b> .....	89
<b>Referências Bibliográficas</b> .....	92
<b>Anexos</b> .....	100
Anexo A (Aprovação Comitê de Ética em Pesquisa).....	100
Anexo B (TCLE – pais).....	101
Anexo C (TCLE – adolesc.).....	102
Anexo D(questões norteadoras – entrevistas c/ pais).....	103
Anexo E (questões norteadoras – entrevistas c/ adolescentes).....	104
Anexo F (Escala de Frequência de Sinais Específicos – Desenho Família).....	105
Anexo G (Escala Global – Desenho Família).....	107
Anexo H (Inventário de Vínculos Parentais - PBI).....	108

## Resumo

Essa Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica focalizou os vínculos afetivos de adolescentes com indicadores de organização de personalidade *borderline* com seus pais ou cuidadores primários. Foi realizado um estudo qualitativo, baseado em Estudos de Casos Múltiplos. Buscou-se caracterizar e analisar os vínculos afetivos estabelecidos entre estes adolescentes e seus pais, com base em uma leitura psicanalítica. Este volume inclui o relatório da pesquisa realizada, e dois artigos científicos: um de revisão crítica da literatura, e o outro empírico, com a apresentação e discussão dos resultados do estudo. A partir da análise das entrevistas e instrumentos utilizados, foi possível constatar, como aspectos principais, as fragilidades e inconsistências nos vínculos afetivos e histórias de vida permeadas por vivências e representações de abandono, negligência e falta de investimento emocional por parte das figuras parentais. Aspectos transgeracionais apareceram com destaque nas dinâmicas destas famílias, repercutindo nas dificuldades vinculares pais-filhos.

**Palavras-Chaves:** adolescentes; organização de personalidade *borderline*; vínculos afetivos.

## **Abstract**

This Master Dissertation in Clinical Psychology focalized on adolescent's affective bonds with his parents or primary caretakers. These adolescents presented borderline personality disorder *indicatives*. It was accomplished a qualitative study, based on Multiple Cases Studies. The aim was to characterize and to analyze the affective bonds established between these teenagers and their parents, from a psychoanalytical perspective. This volume includes the report of the accomplished research, and two papers: one of them makes a literature revision, and another one presents and argues results. The interviews analysis and used instruments allowed to verify the fragilities and inconsistencies in the affective bonds. Life histories permeated by abandonment experiences and representations, negligence and lack of emotional investment by parents were seen. Transgenerational aspects also appeared with highlight in the families' dynamics, reflecting in the affective bonds and its difficulties.

**Key-Words:** adolescents; borderline personality disorder; affective bonds.

## Introdução

Apresenta-se, neste volume, a dissertação de mestrado intitulada “Caracterização dos vínculos afetivos entre adolescentes com indicadores de organização de personalidade *borderline* e seus pais”, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS-RS). Trata-se de uma pesquisa empírica, qualitativa, de cunho descritivo e exploratório, a partir da utilização de Estudos de Casos Múltiplos. Foram avaliados adolescentes que apresentaram indicadores de organização de personalidade *borderline*, em uma triagem previamente realizada<sup>1</sup>.

Pesquisar o território que envolve a adolescência, atualmente, (e, em especial, os sofrimentos psíquicos desta etapa) mostra-se extremamente relevante. Este momento vital, por si só, representa um processo permeado por ressignificações, reordenamentos identificatórios, exigindo todo um (re)desenvolvimento da vida subjetiva, marcado por confusões e conflitos. Somam-se a isso os atravessamentos da cultura contemporânea na vivência do processo adolescente e no sofrimento psíquico. O adolescente habita, segundo Calligaris (2000), um “não-lugar”: não é mais aquela criança amada e protegida e ainda não é um adulto, estando, portanto, no espaço do “entre”.

Existe, hoje, toda uma *teenagização* da cultura, uma idealização do “adolescer” (Jeammet & Corcos, 2005; Kehl, 1998). A mídia contribui significativamente para esta representação de que o ideal é ser jovem, transgredir, não ter limites, estar “fora da lei”. As barreiras intergeracionais cada vez diminuem mais, o que deixa o adolescente numa situação de desamparo, sem uma figura de adulto para se identificar. Nesse sentido, o adolescente parece não estar conseguindo encontrar “um lugar ao sol”, ou seja, um tão desejado reconhecimento. Além disso, diante desse contexto, destacam-se as dificuldades na capacidade de simbolização por parte do adolescente, o que repercute no incremento das passagens ao ato (Jeammet & Corcos, 2005; Savietto, 2007; Savietto & Cardoso, 2006).

Diante disso, assume-se a postura de que o estudo dos vínculos parentais na adolescência, e sua articulação com a promoção de saúde mental, constitui um terreno fértil para a Psicologia Clínica. Portanto, faz-se necessário compreender e discutir as situações em que os vínculos afetivos mostram-se extremamente conturbados e

---

<sup>1</sup> Os detalhes sobre os procedimentos da triagem encontram-se no relatório de pesquisa.



conflitivos, tal como na dinâmica familiar dos adolescentes com indicadores de organização de personalidade *borderline*.

Primeiramente, será apresentado o relatório completo da pesquisa desenvolvida, em que aparecem descritos os objetivos, método, procedimentos realizados, e uma síntese dos resultados e discussão. Em seguida, na seção 2, encontra-se uma revisão crítica da literatura existente sobre a temática dos vínculos afetivos dos adolescentes com organização *borderline*. Essa revisão foi baseada numa busca nas principais bases de dados nacionais e internacionais, a fim de elucidar o estado atual dos estudos nesta temática. Posteriormente, na seção 3, contempla-se o relato dos resultados da pesquisa, e sua discussão.

*O peito é de vidro.  
Os olhos, porcelana  
delicada e astuta.  
Da língua escorre  
o néctar sutil.*

*As patas são de estanho,  
mas sabem se mover  
imóveis: mal flutuam.  
O ventre é quase nada,  
pura transparência  
onde se escondem  
o dorso e seus andaimes.*

*Não tem entranhas.  
A pele de tão fina já não é:  
limita (...)  
o nada de fora e o quase nada de dentro.*

*O peito é de vidro  
mas às vezes se desmancha  
em pétalas.*

*Dentro pulsa um coração  
que imobiliza tudo em torno.*

*O rabo, sim,  
é feito de algo insuspeitado:  
nuvem  
algas  
milhares de roldanas e desejos  
enrodilhados na engrenagem  
que espaneia o chão e foge para o céu aberto*

Trecho do poema do autor Carlos Felipe Moisés, “Lagartixa”.

## Seção 1

### Relatório de Pesquisa

# CARACTERIZAÇÃO DOS VÍNCULOS AFETIVOS ENTRE ADOLESCENTES COM INDICADORES DE ORGANIZAÇÃO DE PERSONALIDADE BORDERLINE E SEUS PAIS

## 1.1. Introdução

O presente estudo teve como foco a caracterização dos vínculos afetivos entre adolescentes com indicadores de organização de personalidade *borderline* e seus pais (ou principais cuidadores). O referencial teórico utilizado foi o da psicanálise, em especial no que diz respeito à psicodinâmica dos adolescentes com organização *borderline* e suas famílias. Foram também abordadas questões relativas aos estilos de apego destes adolescentes, as suas representações dos cuidados parentais, a história familiar, dentre outras.

A opção por esse tema deu-se a partir da experiência clínica com adolescentes e do interesse pela dinâmica familiar neste período (em especial quando se trata de adolescentes com funcionamento *borderline*). Além disso, estes adolescentes trazem uma importante demanda para a clínica psicológica, tendo em vista o incremento destas manifestações na contemporaneidade, configurando-se em uma situação que requer estudos a fim de melhor compreendê-la.

Seguiu-se, como base teórica, a vertente da psicanálise contemporânea, que emerge de uma tradição da teoria das relações de objeto, em que o desenvolvimento psicológico é visualizado como acontecendo em uma matriz interpessoal. Nessa ótica, a compreensão dos vínculos afetivos torna-se essencial para a teoria e a prática psicanalítica. Parte-se do pressuposto de que o sujeito é constituído simultaneamente pelo que o determina na origem e pelo que realiza ao longo de sua caminhada com os outros (Berenstein, 2003) e de que o período da adolescência é fundamental para a constituição subjetiva.

Além disso, compreende-se o “fenômeno *borderline*” articulado ao contexto cultural da atualidade, marcado por um “mal-estar” dos sujeitos, tendo em vista as vivências e sentimentos de desamparo e as fragilidades nos vínculos. Diante disso, torna-se cada vez mais difícil encontrar um lugar de acolhimento, em meio a uma

cultura individualista, competitiva e de rápidas transformações (Birman, 2005; Hegenberg, 2000). Não se pode negar, portanto, os atravessamentos da cultura contemporânea no sofrimento psíquico e suas implicações no processo adolescente, nos vínculos afetivos e nas manifestações *borderline* na adolescência.

Os adolescentes com organização de personalidade *borderline*, segundo a literatura, apresentam-se com dificuldades marcadamente acentuadas no senso de identidade e nas relações objetais. Além disso, caracterizam-se pela impulsividade exacerbada, atuações, uso de defesas primitivas como identificação projetiva e clivagem, angústias depressivas, intolerância à solidão e às frustrações (Agrawal, Gunderson, Holmes & Lyons-Ruth, 2004; Bradley & Westen, 2005; Bradley, Zittel & Westen, 2005; Cardoso, 2005; Diguier et al., 2004; Kernberg, 2003; Outeiral, 1993).

Esse funcionamento também tem sido relacionado a um contexto familiar instável, caótico, inseguro, marcado por experiências traumáticas, negligências, abusos, violências. Geralmente é constituído por estilos de apego inseguro (do tipo desorganizado) entre pais e filhos, o que remete a um funcionamento bastante comprometido das figuras parentais (Agrawal et al., 2004; Fruzzetti, Shenk & Hoffman, 2005; Levy, 2005; Reich & Zanarini, 2001).

Partindo desses pressupostos, buscou-se investigar os vínculos afetivos de adolescentes com indicadores de organização de personalidade *borderline* e seus pais. Pretende-se, com esse estudo, contribuir para a clínica de adolescentes, pela via da prevenção e promoção de saúde mental.

## 1.2. Objetivos

A presente pesquisa teve por objetivos:

- Caracterizar os vínculos afetivos entre adolescentes com indicadores de organização de personalidade *borderline* e seus pais ou cuidadores primários, descrevendo-os, analisando-os e compreendendo-os;
- Articular a dinâmica vincular ao desenvolvimento do funcionamento *borderline* dos adolescentes avaliados, com base numa compreensão psicodinâmica;
- Identificar o funcionamento psicodinâmico dos adolescentes, buscando semelhanças e divergências entre os participantes;

- Contribuir para o campo de conhecimentos da clínica de adolescentes, especialmente no que se refere aos vínculos afetivos, suas características e vicissitudes nas organizações *borderline* na adolescência.

### 1.3. Método

Esta pesquisa foi pautada por uma abordagem qualitativo-exploratória, a partir da realização de Estudos de Casos Múltiplos (Yin, 2003). Um estudo de caso, segundo Yin (2003), refere-se a uma análise intensiva de uma situação particular, a partir de uma inquirição empírica, que investiga um fenômeno contemporâneo, dentro de um contexto da vida real. Além disso, é um método usado quando a fronteira entre o fenômeno analisado e o contexto não é claramente evidente, e em que múltiplas fontes de evidências são utilizadas. O autor refere, ainda, que estudos de casos múltiplos têm tido uma maior receptividade no meio acadêmico, sendo considerados convincentes e “robustos”.

Conforme Yin (2003), os benefícios das informações obtidas através de Estudos de Casos Múltiplos podem ser potencializados se seguidos três princípios para a coleta de dados: utilização de várias fontes de evidências, criação de um banco de dados para as informações coletadas no estudo e, por fim, o encadeamento das evidências, para que se percebam as interligações entre a problemática, os objetivos, os procedimentos metodológicos e as constatações resultantes. Diante disso, o presente estudo contemplou esses cuidados, obedecendo a uma sistemática coleta e análise das informações, segundo o modelo de Yin (2003), que será apresentado mais adiante.

#### Participantes:

Foram realizados três Estudos de Caso, que incluíram adolescentes de 16 e 17 anos e seus pais. Esses adolescentes foram convidados a participar da pesquisa, a partir de uma triagem realizada em duas escolas, na qual participaram 108 adolescentes com idades entre 14 e 17 anos, estudantes do ensino médio. Destes, 22 apresentaram indicadores de organização de personalidade *borderline*.

A triagem realizada com a finalidade de selecionar os participantes dos Estudos de Caso foi baseada nos seguintes instrumentos<sup>2</sup>:

---

<sup>2</sup> Os instrumentos de triagem foram utilizados com a permissão dos autores ou de seus representantes.

- *Child Behavior Checklist* - CBCL, versão auto-relatada para jovens (Achenbach, 1991).
- Inventário de Personalidade *Borderline* – *Borderline Personality Inventory* - BPI (Leichsenring, 1999).

O CBCL para jovens configura-se como um questionário composto por duas partes: uma primeira referente à escala de competências sociais, relacionadas a atividades em geral, socialização e *performance* acadêmica, e uma segunda parte que trata de sintomas clínicos, a partir da descrição de comportamentos pelo adolescente. As faixas clínicas são divididas em problemas internalizantes (depressão, ansiedade, problemas somáticos, isolamento) e problemas externalizantes (comportamento agressivo, comportamento de quebrar-regras). O CBCL permite, assim, identificar adolescentes que se situam nas faixas clínicas na escala de competências sociais e na área comportamental.

O BPI (*Borderline Personality Inventory*), por sua vez, é um instrumento auto-administrável, contendo 53 itens que podem ser considerados “verdadeiro” ou “falso”. É baseado na compreensão psicodinâmica de Kernberg (1995) relativa às patologias limítrofes. Esse instrumento permite identificar sujeitos que apresentem indicadores de personalidade *borderline*, a partir de questões relacionadas à difusão de identidade, teste de realidade, relacionamentos interpessoais e nível de operações defensivas.

A opção por estes instrumentos deu-se devido à grande dificuldade de discriminar normalidade e patologia na adolescência, por tratar-se de um momento marcado por processos de reestruturações e remodelamentos da identidade e da subjetividade. Outeiral (1993) alerta para a importância de ter critérios definidos das situações patológicas deste período, já que considera a adolescência, por si só, como uma etapa vital na qual uma série de elementos psíquicos se encontram em estado de turbulência emocional, configurando um “estado *borderline* normal” ou, baseado nas idéias de Peter Giovacchini (1993), um “equilíbrio *borderline* normal”.

Em razão da cautela em não diagnosticar e/ou rotular os participantes, justificase o uso de questionários auto-relatados. Pela descrição que o próprio adolescente fez acerca de seu comportamento, foi possível encontrar indicadores de uma organização de personalidade *borderline*.

Assim, aqueles que obtiveram escores mais elevados nesses instrumentos, foram convidados a participar da segunda etapa da pesquisa. O número exato de participantes

não foi definido *a priori*, já que se utilizou o critério de saturação teórica para tal delimitação (Gil, 2002).

Após a triagem, quatro adolescentes e seus pais (ou cuidadores principais) foram convidados a participar do estudo e foram avaliados. Entretanto, um dos casos, embora tenha apresentado indicadores de organização *borderline* na triagem realizada, não confirmou essa hipótese no decorrer da avaliação. Tratava-se de uma adolescente com características marcadamente históricas e narcísicas, o que não correspondia aos objetivos deste estudo, sendo, portanto, excluído da análise dos dados.

A Tabela 1 sintetiza algumas características dos três casos analisados<sup>3</sup>:

Tabela 1. Identificação dos adolescentes participantes dos Estudos de Casos.

	<b>Caso 1: Johnny</b>	<b>Caso 2: Natasha</b>	<b>Caso 3: Camila</b>
<b>Sexo</b>	Masculino	Feminino	Feminino
<b>Idade</b>	17 anos	17 anos	16 anos
<b>Escolaridade</b>	3º ano/ 2º grau	2º ano/ 2º grau	1º ano/2º grau

#### 1.4. Procedimentos de pesquisa

##### Contato com o local e com os participantes:

Na fase anterior à triagem, foram adotados alguns procedimentos:

- Contato com a direção e coordenação pedagógica de duas escolas (uma pública e outra particular) para apresentação do trabalho, esclarecimento dos objetivos do projeto de pesquisa e combinações necessárias (entrega de uma carta de apresentação);
- Contato com os alunos do ensino médio destas escolas, para apresentação da proposta, esclarecimentos sobre a pesquisa, avaliação da disponibilidade e interesse na participação, e combinações necessárias;
- Envio de uma carta informativa aos pais dos adolescentes, com a solicitação da autorização para a participação no processo de triagem da pesquisa.

<sup>3</sup> Os nomes dados aos participantes são fictícios, e foram criados com base em letras de músicas que tratam da adolescência. Quaisquer outras informações que pudessem identificar os adolescentes foram extraídas e/ou alteradas, preservando a confidencialidade dos dados.

Posteriormente, a realização dos Estudos de Caso deu-se no consultório particular da pesquisadora, a partir de combinações feitas diretamente com os adolescentes e seus pais, via contato telefônico. Isso foi possível uma vez que, num primeiro momento, os pais já haviam autorizado a participação no processo de triagem e, além disso, estavam cientes da possibilidade de serem convidados a participar da segunda etapa da pesquisa (já que isso estava informado na carta entregue aos pais e adolescentes). Da mesma forma, com os adolescentes já havia ficado esclarecido que a continuidade do trabalho seria combinada diretamente com a pesquisadora, e que se daria no consultório particular da mesma.

#### Procedimentos Éticos:

O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UNISINOS, de acordo com a Resolução 045/2007, protocolado sob o número 07/017 (documento apresentado no Anexo A). Todos os participantes foram esclarecidos sobre a pesquisa, os procedimentos utilizados, a possibilidade de desistência, e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, (cujos modelos, para os pais e para os adolescentes, são apresentados nos Anexos B e C).

Nos casos em que foram identificados a demanda e o desejo, os participantes foram encaminhados para psicoterapia no final da avaliação.

### **1.5. Procedimentos de coleta de dados**

Foram utilizados os seguintes instrumentos para coleta de dados:

- **Entrevistas semi-estruturadas com os pais ou responsáveis:** foram utilizadas para levantamento da história de vida dos adolescentes. As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas, sob autorização dos participantes. As questões norteadoras destas entrevistas giraram em torno da escuta da história de vida dos pais e da história do filho adolescente, e das características de seus relacionamentos, na perspectiva dos pais. Questionou-se a relação deles com o (a) filho (a) e com seus próprios pais, as situações significativas e/ou difíceis nas suas histórias de vida e na história de seu filho (a), além de como se descrevem enquanto pais e como caracterizam o (a) filho (a). As questões norteadoras dessas entrevistas encontram-se apresentadas no Anexo D.

- **Entrevistas semi-estruturadas com os adolescentes:** seus objetivos foram, num primeiro momento, o estabelecimento de *rapport* e esclarecimentos sobre a



avaliação e, posteriormente, a escuta da história de vida e da representação dos vínculos afetivos na perspectiva desses adolescentes. As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas, sob autorização. Algumas questões norteadoras foram definidas *a priori*, articuladas com os objetivos da pesquisa. Solicitou-se o relato de sua história de vida e das situações que consideravam marcantes e/ou difíceis; questões sobre o relacionamento com os pais, amigos, namorados (as), professores, etc., as relações que consideram significativas e confiáveis em sua vida e a percepção e descrição que eles têm de si e dos pais. As questões norteadoras dessas entrevistas encontram-se apresentadas no Anexo E.

• **Teste do Desenho da Família:** utilizado com o objetivo de avaliar a representação de apego, através da Escala de Frequência de Sinais Específicos e da Escala Global, desenvolvidas por Fury, Carlson e Sroufe (1997) e validadas no Brasil por Cecconello e Koller (1999) e Cecconello, Krum e Koller (2000). A Escala de Frequência de Sinais Específicos é subdividida em 4 grandes categorias, cada qual com características que a representam, e que devem ser marcadas como presentes ou ausentes no desenho (Anexo F):

1. Sinais ansiosos ou evitantes;
2. Sinais ansiosos ou inseguros;
3. Sinais ansiosos ou resistentes e
4. Sinais desorganizados/desorientados.

A Escala Global compõe-se por itens que devem ser avaliados no desenho, recebendo uma pontuação que varia de 1 a 7 (Anexo G). São eles:

- \* Vitalidade – Criatividade
- \* Orgulho da família – Felicidade
- \* Vulnerabilidade
- \* Distância Emocional – Isolamento
- \* Tensão – Raiva
- \* Papéis Invertidos
- \* Dissociação
- \* Patologia Global.

Com base nessas escalas foram avaliadas as características predominantes do apego de cada adolescente.

• **Inventário de Vínculos Parentais:** Traduzido do PBI (*Parental Bonding Instrument*) (Hauck, Schestatsky, Terra, Knijnik, Sanchez & Ceitlin, 2006; Parker,

Brown & Tuppling, 1979), avalia a percepção do vínculo paterno e materno pelo adolescente, a partir de duas categorias: “cuidado” e “superproteção”, resultando em quatro categorias de vínculos (ANEXO H):

1. “Vinculação ótima”;
2. “Negligente”;
3. “Controle afetivo” e
4. “Controle sem afeto”.

Algumas pesquisas têm utilizado este instrumento na avaliação de adolescentes *borderline* (Hallie & Paris, 1991; Russ, Heim & Westen, 2003), encontrando, como resultados, índices baixos na dimensão do “cuidado” e índices elevados de “controle parental”.

• **Teste projetivo *Rorschach*:** Foi aplicado nos adolescentes. Utilizou-se como embasamento os postulados da psicanálise francesa (Anzieu, 1961/1986; Chabert, 1987/1993; Rausch de Traubenberg, 1970/1998).

Este método tem sido usado por alguns estudos que buscaram avaliar a psicodinâmica dos adolescentes com organização de personalidade *borderline* (Romaro & Loreiro, 1997; Silva e Yazigi, 2004; Vaz & Santos, 2006; Zilberleib, 2006;). Bradley e Westen (2005) discutem pesquisas realizadas a partir da utilização do *Rorschach* e outros testes projetivos com indivíduos *borderline*, demonstrando que tal método permite explicitar as dificuldades nas relações objetais destes pacientes. Os resultados do *Rorschach* com pacientes *borderline* têm indicado que se trata de uma estrutura estável de personalidade, marcada por perturbações nas relações objetais, com falhas no processo de organização lógica de estruturação e representação das experiências psíquicas (Romaro & Loreiro, 1997; Silva & Yazigi, 2004).

• **Entrevistas de devolução:** foram realizadas com os adolescentes e com seus pais, havendo encaminhamento para psicoterapia quando foi identificada tal demanda.

#### Ordem de obtenção dos dados:

A avaliação de todos os casos seguiu um roteiro no que se refere à aplicação dos instrumentos:

1. Primeiramente, os pais foram entrevistados, individualmente ou conjuntamente, conforme as possibilidades e interesses de cada casal. O número de entrevistas com os pais variou de 1 a 3;

2. Entrevistas semi-estruturadas com os adolescentes. Esse número variou de 2 a 3 entrevistas com cada adolescente;
3. Encontro para aplicação do Teste do Desenho da Família;
4. Encontro para aplicação do Inventário de Vínculos Parentais (PBI), e inquérito (entrevista) acerca de algumas respostas dadas nos questionários da triagem – BPI e CBCL;
5. Aplicação do teste projetivo *Rorschach*;
6. Entrevista de devolução para os adolescentes;
7. Entrevista de devolução para os pais.

### 1.6. Procedimentos de análises dos dados

Os dados foram analisados com base no referencial teórico psicanalítico, especialmente nas contribuições dos teóricos das relações objetais e na revisão de pesquisas sobre os vínculos afetivos dos adolescentes *borderline*. Como estratégia analítica geral, foi adotado o método de proposições teóricas, de acordo com Yin (2003). Foram percorridas as seguintes etapas:

**1º. Passo:** foi realizada uma descrição abrangente de cada caso, organizada de forma **cronológica** (seguindo os eventos importantes da história de vida dos adolescentes, de acordo com a percepção dos seus pais e a sua própria) e **temática** - com base nas seguintes categorias de análise: “vínculos entre os adolescentes e seus pais”, conforme foram descritos por ambos, “eventos significativos de vida”, na percepção de ambos, “eventos estressores”, também na percepção de ambos, “representações inconscientes das relações com os objetos primários”, baseada nos resultados do *Rorschach*, “representação dos vínculos de apego”, baseada nos resultados do Teste do Desenho da Família e “percepção dos cuidados parentais pelos adolescentes”, baseada nos resultados do PBI (Inventário de Vínculos Parentais).

**2º. Passo:** foi utilizada a técnica de Construção da Explanação, com o objetivo de analisar exhaustivamente os dados de cada Estudo de Caso e construir uma explanação psicodinâmica sobre o mesmo, e a técnica de Análise de Séries Temporais, na modalidade cronológica, com o objetivo de explorar os eventos ao longo da história de vida do adolescente, identificando presumíveis eventos causais, especificamente em

relação àqueles que tiveram impacto sobre as relações objetivas significativas do adolescente (Yin, 2003).

**3º. Passo:** foi utilizada a técnica de Síntese de Casos Cruzados (Yin, 2003), com o objetivo de confrontar os resultados obtidos na análise de cada caso, identificando convergências e divergências e buscando, desta forma, evidências que auxiliassem a responder quais são as características dos vínculos afetivos constituídos entre adolescentes com organização de personalidade *borderline* e seus pais ou cuidadores primários.

### 1.7. Resultados e Discussão

A Tabela 2 apresenta o número de encontros realizados em cada Estudo de Caso:

Tabela 2. Encontros realizados com os participantes de cada Estudo de Caso:

<i>Encontros</i>	<b>Caso 1: Johnny</b>	<b>Caso 2: Natasha</b>	<b>Caso 3: Camila</b>
Entrevistas c/ pais	—	—	1
Entrevistas c/ mãe	—	2	1
Entrevistas c/ pai	3	1	—
Entrevistas adolescente	3	3	3
Encontros-aplic. Testes	3	3	3
<b>Total:</b>	9	9	8

#### Descrição e Análise dos Casos:

##### **CASO I: Johnny: o “frágil selvagem”**

*“(...) Ele era o maioral. O nosso Johnny era um cara legal (...)*

*Era o rei dos pegas na Ala Sul (...)*

*Johnny era fera demais prá vacilar assim.*

*E o que dizem é que foi tudo por causa de um coração partido...Um coração”.*

*(‘Dezesseis’, Legião Urbana).*

##### **Passo 1: Descrição Abrangente do Caso (cronológica e temática:)**

Johnny é um jovem de 17 anos que vive com o pai e, até há pouco tempo, também com a madrasta e a filha dela. O pai é empresário, considerado pelo filho como um *workholic*. Sua gravidez não foi desejada nem planejada. Ocorreu num momento em que os pais haviam terminado o namoro, sua mãe era adolescente (18 anos) e o pai tinha 24 anos. O casamento de seus pais ocorreu por pressão da avó paterna e o casal foi viver com a avó materna de Johnny.

As relações familiares sempre foram conturbadas, tanto na linhagem materna como paterna. A mãe de Johnny não era filha do pai que a criou, era fruto de uma relação extraconjugal da mãe, e não sabia disso (embora sempre tivesse desconfiado). Há conflitos na sua família até hoje com os irmãos, em função de herança. Sua mãe foi negligente com ela, e sempre colocou a outra filha em primeiro plano. A avó materna também teria sido negligente com os filhos. Além disso, tem uma tia com problemas mentais, e uma outra que se suicidou.

Na família do pai de Johnny, sua mãe era a figura autoritária, que dava limites, surras se precisasse, e o pai era compreensivo, amparava. Houve vários conflitos entre ele e suas irmãs, o que provocou um afastamento da mãe em alguns períodos. Quando sua mãe morreu ela lhe pediu perdão por tê-lo feito se casar.

Os pais de Johnny não tinham um vínculo muito forte entre eles, não havia “muita afinidade, nem sintonia”. Depois do nascimento do filho a mãe revelou que engravidou de propósito, por querer “livrar-se” de seu próprio pai, e o pai de Johnny, que não planejava se casar nem ter filhos, estabeleceu que quando o menino completasse 8 anos se separaria.

Segundo o pai, a mãe era “desligada”, não tinha proximidade afetiva com o filho; era ele quem fazia a função materna: dava mamadeira, trocava fraldas, lavava fraldas, fazia dormir, mesmo trabalhando muito. Era o pai também quem brincava e passeava com o filho. Para Johnny a referência em termos de carinho, limites e educação é o pai, mesmo trabalhando e viajando muito, e ficando pouco em casa.

O casal se separou quando Johnny tinha 10 anos, sendo que o processo de separação foi tumultuado, demorado e ambivalente. Envolveu muitas brigas, agressões, processo judicial, batalhas financeiras, retiradas de móveis e objetos de casa. As brigas do casal também provocaram o afastamento do pai de Johnny de seu próprio pai, sendo que os dois acabaram rompendo e não resgataram sua relação até a morte desse avó paterno.

A mãe de Johnny teve várias internações por problemas psiquiátricos. Envolveu-se com um jovem viciado em cocaína, foi perdendo tudo o que tinha (carros, dinheiro). Investiu em atividades que não deram certo.

O pai de Johnny teve amantes e o filho participava da situação, acompanhando o pai nos encontros, viajando junto, por exemplo. Os pais “brigavam direto”, e Johnny disse a eles que se sentia mal com aquilo e que era melhor que se separassem. Johnny acredita que os pais se separaram porque ele deu esse ultimato, disse que não agüentava mais as brigas e que, ou eles se separavam, ou se acertavam.

Quando isso de fato ocorreu (separação), a mãe disse para Johnny que não o queria morando com ela. Apesar disso, o filho passava algumas temporadas com a mãe, mas nunca se sentiu muito ligado a ela. Johnny percebe que a mãe também não é ligada a ele. Acredita que o desapareço da mãe acabou gerando o seu desapareço. Atribui isso à “falta de postura” dela, à indiferença com que o tratava. Ele podia fazer o que quisesse, jogar videogame três dias, ficar na rua o dia inteiro, que ela não fazia nada, não ligava.

Por volta de 12, 13 anos, Johnny já consumia bebidas alcoólicas, chegando a entrar em coma em certa ocasião, mesmo com a mãe “presente” no mesmo evento, o que culminou com a mudança para a casa do pai e da sua companheira. Desde então, não teve mais contato com a mãe. A mãe não o procura em aniversários, Natal, Ano Novo.

Segundo o pai, os problemas relacionados ao abuso de drogas e cigarro iniciaram há uns 4 anos. O pai acredita que a convivência com a mãe facilitou e o levou a isso, e também a companhia de alguns amigos “barra pesada”. Atribui a responsabilidade pelo problema aos outros, não vê o seu envolvimento e responsabilidade. Ele disponibiliza dinheiro e total liberdade ao filho, facilitando, portanto, o abuso de drogas.

Todas as coisas que Johnny apronta, inclusive na questão das drogas, ele deixa rastros, sempre o pai fica sabendo. O pai não percebe isso como um pedido de ajuda ou de limites do filho, acredita que ele deixa rastros porque pensa que o pai não vai descobrir, porque se acha esperto. O pai referiu que costuma “largar a corda” para ver onde as coisas vão chegar: “eu largo a corda, se ele se enforcar o problema é dele”.

O pai vê o filho como alguém muito sozinho. Acha que os amigos se aproximam por interesse – pelo dinheiro dele, pela carona, pela guitarra, pelo *skate*. Também o vê como alguém que se mostra arrogante, auto-suficiente, “o bom”. E isso faz com que os amigos se aproximem dele por interesse.

A convivência de Johnny com a companheira do pai no início foi distante e difícil. Depois, como ela é super-mãe com a filha, também foi assim com ele. Eles se aproximaram e faziam muitas coisas juntos (ir ao mercado, aulas de inglês, conversavam). No início o pai acha que Johnny se chocou ao ver a maneira como ela tratava a filha dela, já que ele não tinha tido esse tipo de cuidado e atenção, e de repente tinha uma família.

Johnny se envolveu com a filha desta companheira do pai, e houve um rompimento na família depois que a moça revelou o ocorrido. Johnny nega o rompimento do vínculo com a madrasta, e seu sofrimento por causa disso. Mostrou-se forte no momento da saída de casa, investindo nas providências que tinha que tomar ao se instalar na sua nova casa. O pai se divide entre a casa onde Johnny está e a casa da companheira, e diz que para ele está bem assim.

O pai afirma que por um lado é muito ligado a Johnny, mas por outro, se chegar a um ponto em que concluir que não suporta mais, “vai dizer para o juiz que não dá mais”, vai vender tudo o que tem, para não deixar nada para ele, caso ele se torne um mau caráter. Por outro lado o pai também afirma que ele tem muito potencial, muita inteligência, que tem tudo para ir muito longe e dar uma grande contribuição para a sociedade, que acredita nele como ser humano.

Johnny relata que depois da 5ª série sua vida “foi um caos, começou a aprender a vadiar”. Virou “magrão”. Quando os pais se separaram ele já havia fumado. Lembra que o pai bebia às vezes, e quando bebia era “excessivamente”.

Johnny andava com amigos mais velhos, começou a ficar “taradão”, experimentou maconha e gostou. Passava muito tempo sozinho, podia fazer o que queria. Nos anos seguintes teve períodos de uso mais freqüente de maconha, álcool e cigarro, e períodos de uso menos freqüente. Já teve problemas com a polícia, e o pai teve que intervir para que não fosse preso.

Teve uma namorada com quem teve muitas jornadas de “sexo e maconha”. Quando terminaram usou muito álcool e maconha. Nos períodos de prova não fuma nem bebe, quando param as provas é que começa a “barbarizar”.

Johnny descreve a relação com o pai como sendo a pessoa que lhe diz o que é certo e o que é errado. Quando pequeno, eram mais próximos e carinhosos. Hoje, coloca que ele é mais reservado. Ele e o pai pensam diferente em muitas coisas, o pai é mais racional, e ele é mais emocional. O pai não demonstra diretamente o que sente, se gosta, demonstra mais por atitudes.

A análise do *Rorschach* revelou que Johnny apresenta um empobrecimento significativo nas suas vivências afetivas e nas relações objetais. Suas representações objetais são precárias e pouco integradas. As relações superficiais são menos comprometidas, embora haja dificuldades nas trocas afetivas em geral e nos contatos sociais. As relações profundas são instáveis, contraditórias e ambivalentes.

Johnny apresenta falhas na sua capacidade de controle afetivo, o que o impede de dar um contorno, um limite às experiências (“envelope” corporal e psíquico fragilizado). Há evidências de conflito com relação à sexualidade e identidade. Sua representação de si mesmo é instável e desorganizada, com alguma evidência de temores de invasão de conteúdos inconscientes.

O *Rorschach* evidenciou também a presença de conflitos com os objetos internalizados. Parece haver vivências negativas com figuras femininas, e dificuldades importantes com a figura materna, possivelmente relacionadas a alguns indicadores de uma depressão narcísica subjacente e mecanismos para proteger as fronteiras do eu e substituir o vazio do espaço interior. Apresenta também um caráter pouco sólido das bases narcísicas e da luta antidepressiva.

Há uma saliência do pólo pulsional, indicando um funcionamento impulsivo e explosivo. O afeto é intenso, o que pode dificultar o uso da razão e de mecanismos de autocontrole. Todos esses aspectos sugerem pouca estabilidade nos seus vínculos afetivos, fragilidades dos mesmos, e vivências de desamparo e falta de continência relacionada às figuras parentais.

O resultado encontrado no *Inventário de Vínculos Parentais (PBI)* corrobora estes resultados, especialmente no que diz respeito à figura materna. A mãe é percebida por Johnny como “Negligente”, obtendo resultados baixos tanto no que diz respeito à categoria de “Cuidado materno” como “Superproteção materna”. Por outro lado, a percepção dos cuidados oferecidos pela figura paterna indicou “Cuidado ótimo”, resultante da categoria “Cuidado paterno”, percebido como alto, e “Superproteção paterna”, percebida como baixa.

O resultado encontrado nas Escalas de Frequência de Sinais Específicos e Escala Global, aplicadas ao **Desenho da Família**, direcionadas para avaliação da representação dos vínculos de apego foi indicativo de um padrão de apego do tipo inseguro desorganizado.

## **Passo 2: Construção da Explicação Psicodinâmica e Análise de Séries Temporais:**



Um primeiro fato que chama a atenção é a ausência da mãe na avaliação e na própria vida de Johnny. Esse parece ser um aspecto crucial na compreensão psicodinâmica deste caso.

Os vínculos afetivos constituídos por Johnny com suas figuras parentais apresentam expressivas fragilidades e indicadores de conflito. O próprio vínculo estabelecido entre os pais era frágil e repleto de conflitos e ambivalências.

A gravidez de Johnny não foi desejada nem planejada, no momento em que ocorreu o casal não mais namorava, e sua mãe era bastante jovem (18 anos). O casal não tinha estrutura material e nem emocional para constituir uma família.

Tanto a história da mãe de Johnny, como a do seu pai, foram marcadas por vínculos afetivos frágeis e conflituosos. Na família da mãe de Johnny há indicadores de negligência e fragilidade das relações afetivas em três gerações, pelo menos, incluindo a do próprio Johnny. Ela é fruto de uma relação extraconjugal de sua mãe, não tendo recebido muita atenção e investimento por parte dela. Da mesma forma, sua avó materna também teria sido negligente com os filhos e o marido, sendo que uma de suas filhas apresentou problemas mentais e outra se suicidou.

Na linhagem paterna observa-se uma certa inversão nos papéis exercidos pelas figuras materna e paterna dos avós de Johnny, com a mãe de seu pai exercendo o papel de autoridade e o pai uma função mais amparadora e maternal. Há conflitos acirrados entre os irmãos, principalmente com as irmãs, que também parecem figuras dominadoras e autoritárias na família. Esses aspectos podem ter relação com alguns indicadores de conflitos de identidade sexual observados no material projetivo de Johnny, numa via de transmissão intergeracional.

Seu pai, embora se mostrando como uma figura forte, bem sucedida do ponto de vista material, apresenta inconsistências significativas nas suas relações afetivas, na sua capacidade de continência, de tolerância às frustrações, empatia e *insight*. O pai planejava a separação da mãe de Johnny desde que ele nasceu, o que denota que nunca esteve “casado” de fato, e integrado na família. Ainda assim, parece que foi quem melhor conseguiu exercer a maternagem de Johnny, cuidando dele e ao mesmo tempo exercendo o papel de provedor.

A mãe de Johnny, segundo o relato de seu pai e dele próprio, sempre apresentou muitas dificuldades. Parece não ter conseguido se aproximar efetivamente do filho, investir nele, enfim, vincular-se de forma consistente. Os cuidados que dispensou ao menino caracterizaram-se pela distância afetiva, falta de interesse e investimento e até

mesmo indiferença, de acordo com a percepção de Johnny. Não é uma figura de referência minimamente positiva para ele, ao contrário, é percebida como alguém que o rejeitou e abandonou, afetivamente sobretudo. Para Johnny, o “desapego” da mãe em relação a ele conduziu ao seu desapego em relação a ela.

Os resultados do PBI fundamentam essa interpretação. Destinado a avaliar a contribuição do comportamento dos pais no desenvolvimento de um vínculo adequado entre pais e filhos (Hauck et al., 2006), os resultados deste Inventário indicam uma percepção da mãe como completamente ausente e negligente, não dispensando quaisquer cuidados e/ou proteção.

A relação entre os pais de Johnny sempre foi bastante conflituosa, marcada por brigas e atuações. O pai de Johnny, por volta dos 8 ou 9 anos do menino, tinha uma amante e ele acompanhava o pai nas suas visitas a ela. Além disso, Johnny percebe-se como o responsável pela separação do casal, pois devido às brigas intensas dos pais, teria demandado uma posição, no sentido de se entenderem ou se separarem. Esses fatos sugerem uma indiscriminação entre os sistemas parental e filial, ao mesmo tempo em que outorgam para o menino uma posição de onipotência e um ilusório controle sobre os objetos e sobre a vida familiar.

A separação foi conflituosa e ambivalente, com muitas idas e vindas, brigas e retaliações. Coincidiu com a época em que Johnny refere que sua vida ficou “um caos, começou a vadiar”, a usar álcool e drogas, e na qual passava muito tempo sozinho.

A dinâmica familiar comprometida de Johnny vincula-se ao que a literatura tem discutido sobre as relações familiares dos adolescentes com organização *borderline* de personalidade. Algumas pesquisas discutiram o papel das funções maternas e paternas neste contexto. Um dos problemas centrais dos pacientes *borderline* seria a falha no desenvolvimento da constância objetal e a incapacidade de evocar imagens positivas e confortantes dos outros diante de situações ansiogênicas. Tais dificuldades seriam resultantes das inconsistências maternas e falta de empatia em relação à criança. A psicopatologia *borderline* derivaria, então, da ineficácia na introjeção de um *holding* adequado e tranquilizador, pela falta de um ambiente cuidador e protetivo, resultando numa intensa ansiedade de separação e ameaça de aniquilamento (Adler & Buie, 1979; Beresin, 1994; Reich & Zanarini, 2001).

Devido à falta de atenção e cuidados por parte da mãe, Johnny foi morar com o pai, cujos cuidados também se revelavam inconsistentes: o pai mostra-se intolerante e pouco continente para as dificuldades do filho, não valoriza suas conquistas, faz

ameaças de abandono, facilita o uso de drogas e reage agressivamente diante dos problemas que surgem. O pai não percebe os pedidos de ajuda do filho, expressos de forma indireta, através das situações que apronta e dos rastros que deixa, por exemplo.

As lembranças que Johnny possui da sua infância são muito pobres; as que consegue relatar têm cunho agressivo ou violento. Além disso, lembra-se de que era pobre quando nasceu, e que ‘o pai tinha que pedir dinheiro emprestado para comprar leite para ele’, o que, num sentido simbólico, parece sugerir uma percepção da falta de condições afetivas por parte de seus pais de cuidarem dele.

O abuso de álcool e de drogas pode significar uma tentativa de preencher um vazio interior e a precariedade de sua base narcísica. As falhas na introjeção de objetos suficientemente bons e integrados, representantes das figuras materna e paterna, parecem ter relação com a dependência do álcool e das drogas. Da mesma forma, as situações de risco nas quais se coloca exprimem um pedido de ajuda e limites que dificilmente encontra, na medida em que a presença dos pais nunca foi acompanhada por atitudes de proteção, amparo, segurança e regras firmes que tivesse que seguir, tornando-o sempre muito sozinho e abandonado aos próprios impulsos e angústias.

Embora o pai sempre tenha sido a figura mais presente na vida de Johnny, parece que o cuidado e investimento que pôde oferecer sempre se caracterizou pela qualidade material e logística preponderante. Talvez não tenha podido ser uma presença afetiva de modo suficiente. Os resultados do PBI indicam uma percepção positiva dos cuidados oferecidos pela figura paterna. Deve-se salientar, entretanto, que tais resultados podem ser decorrentes de uma certa idealização da figura paterna por parte de Johnny, embora o pai seja a figura que assumiu efetivamente seus cuidados. Porém, foi possível constatar nas entrevistas a sua impaciência, intolerância e pouca empatia em relação a Johnny e suas dificuldades, o que nos leva a questionar esses resultados. O pai de Johnny tem dificuldades em valorizar as conquistas do filho (por exemplo, passar no vestibular), faz ameaças constantes de abandono e reage radicalmente diante dos problemas que surgem. Embora afirmando que o filho é a figura mais importante da sua vida, verbaliza que a qualquer momento é capaz de “largar tudo de mão” e “dar a corda para ele se enforcar”.

Além disso, as próprias dificuldades do jovem sugerem que ele não pôde contar com pelo menos um vínculo afetivo suficientemente seguro e integrado, que lhe possibilitasse lidar com as dificuldades enfrentadas. Talvez a necessidade de Johnny de negar as dificuldades vividas na relação com o pai, e a idealização deste, signifique uma

tentativa desesperada de evitar um estado depressivo subjacente extremamente intenso, aniquilador e desestruturante.

Johnny apresenta um padrão de apego do tipo inseguro desorganizado, o que está em consonância com as constatações de pesquisadores que descreveram as dificuldades nos relacionamentos com as figuras de apego de pacientes com indicadores de organização de personalidade *borderline* (Agrawal et al., 2004; Atienza & Rodriguez, 2004; Cardoso, 2005; Hegenberg, 2000; Levy, 2005; Nickell, Waudby & Trull, 2002). Os pesquisadores reportam, nesse sentido, uma dinâmica familiar caótica, instável, baseada num modelo de comunicação marcado por atuações, e vinculações patológicas (diádicas, narcísicas, superprotetoras ou negligentes). Além disso, o desenvolvimento de modelos representacionais internos múltiplos, contraditórios e desintegrados, a partir de figuras de apego desorganizadas ou ambivalentes, também são definidos como fatores de risco para organização *borderline* na infância e adolescência.

Nesses casos, assim como no de Johnny, as falhas ambientais foram significativas, sendo que os objetos não puderam ser emocionalmente responsivos e adequados às necessidades da criança (Killingmo, 1989; Winnicott, 1958/1983). Os cuidados insuficientes ou inadequados recebidos por essas crianças impedem o desenvolvimento da capacidade de mentalização (Fonagy, 2000; Fonagy & Target, 2000), no seio de um vínculo de apego inseguro, o que pode contribuir para as manifestações atuadas, como por exemplo, o abuso de álcool e de drogas, frequentemente presentes nos sujeitos com organização *borderline*.

Com efeito, pacientes com essa organização de personalidade frequentemente reportam vivências negativas com seus pais, referindo situações de negligência, interações não continentais (pouco cuidado e pouco investimento afetivo por parte dos pais), além de sérios problemas psicopatológicos das figuras parentais, como depressão e alcoolismo (Levy, 2005; Nickell et al., 2002). Aqui podemos lembrar as dificuldades da mãe de Johnny, que já teve várias internações psiquiátricas relacionadas à depressão. Da mesma forma, Johnny reporta situações nas quais seu pai costuma beber excessivamente.

Lyons-Ruth, Yellin, Melnick e Atwood (2005) encontraram uma associação significativa entre o rompimento das comunicações maternas durante a infância (comportamento frio, distante afetivamente, resposta emocional dissonante) e/ou uma postura inapropriada da mãe no processo de individuação do filho com o desenvolvimento da organização *borderline* na adolescência. Parece, portanto, que a

mãe ocupa um papel central nesta dinâmica, apresentando dificuldades em permitir o desenvolvimento da autonomia e individuação do filho adolescente.

Nas interações precoces desses adolescentes, as falhas ocorridas durante sua constituição psíquica quando bebês podem estar relacionadas às falhas na constituição psíquica da própria mãe. O fracasso da constelação narcisista da mãe impediria que ela pudesse exercer a função de objeto materno narcizizante em relação ao filho, não conseguindo dar sentido às experiências do bebê, dificultando, desta forma, sua constituição psíquica. Assim, as vivências não conseguiriam se transformar em experiências, e o sujeito se expressaria a partir de atuações e descargas, em detrimento das representações e simbolizações (Bleichmar, 1994). Daí decorrem as dificuldades nos vínculos afetivos dos adolescentes *borderline*, observadas no caso de Johnny: tornam-se invasivos, provocativos, sem limites claros entre o eu e o outro e buscam testar as pessoas com as quais se relacionam a fim de se certificarem dos vínculos.

Alguns estudos têm apontado uma relação bastante significativa entre experiências de trauma e o desenvolvimento de personalidade *borderline*. Para esses autores a parentalidade inapropriada ou negligente e as experiências traumáticas estão associadas à etiologia do *borderline*. Abuso, negligência, ambiente emocional inicial instável e imprevisível, psicopatologia parental, assim como déficits nos fatores protetivos (talentos artísticos, desempenho escolar, habilidades etc.) podem contribuir substancialmente para o desencadeamento da personalidade *borderline* (Beresin, 1994; Helgeland & Torgerser, 2004). Frequência elevada de violência familiar, incesto e alcoolismo, bem como rejeição materna e negligência foram identificadas nas famílias desses adolescentes (Reich & Zanarini, 2001). Como vimos, no caso de Johnny estão presentes vários desses estressores: a rejeição materna, a negligência, uma vida familiar caótica, acrescida de alto nível de estresse parental e comunicações disruptivas entre seus pais e de seus pais para com ele.

Constata-se que, desde que nasceu, Johnny experienciou um contexto instável: um ambiente que não conseguiu ser responsivo às suas demandas afetivas. Johnny ocupou um “lugar simbólico” de difícil sustentação: ser aquele que uniria seus pais e o que livraria a mãe de sua relação conflituosa com o pai.

O funcionamento caótico e desorganizado de sua mãe, com suas atitudes de negligência para com Johnny parecem interferir em grande proporção na representação que ele tem de si e na forma que se coloca em suas relações. O “tudo ou nada” vivido com a mãe se estende ao modo que funcionam seus envolvimento amorosos. Exige do

objeto uma constante expressão de amor, busca o tempo todo ter um reconhecimento diante do outro, e frustra-se intensamente frente a qualquer decepção e não-gratificação. Por outro lado, as oscilações entre idealizações e desvalorizações no vínculo com o pai também interferem em seu senso de identidade e nos seus demais relacionamentos.

A relação conturbada dos pais, e a separação destes, também conturbada, configuram-se como vivências marcantes que repercutem em suas relações objetais. O modelo de relacionamento conjugal é caracterizado por sendo de “saturol” por Johnny, além de ter prazo de validade antecipado. Além disso, nesse período de desavenças e rompimentos familiares, Johnny ficou bastante “sozinho”, desamparado, o que resultou num momento conflitivo e desestruturante. A imersão no mundo das drogas, a “vadiagem” e a “malandragem” tiveram início neste contexto.

Os constantes rompimentos do pai com figuras aparentemente significativas em sua vida (como os próprios pais e irmãos) denotam a existência de vínculos pouco suportivos, que se “quebram” muito facilmente. Isso vem ao encontro da frase do pai: “dar a corda para se enforcar”. O laço afetivo que tem com as pessoas e com o filho não é um laço que cuida, que une, e sim é algo ameaçador, uma corda para se enforcar. Isso nos faz questionar o “vínculo ótimo” representado por Johnny em relação a seu pai no PBI. Se tivesse um vínculo seguro, de fato, não funcionaria assim. Portanto, parece realmente referir-se a uma idealização e/ou como a única saída que Johnny tem diante de seu contexto de negligência total materna. Ou seja, parece ser necessário negar as situações conflitivas no vínculo com o pai, e idealizar este pai.

Os fatores transgeracionais também parecem estar na origem das experiências de desamparo e abandono afetivo de Johnny. Seus pais têm histórias de vida marcadas por desinvestimentos, rupturas, vínculos frágeis e instáveis, o que parece se repetir na relação deles com o filho. Os impactos disso aparecem nas representações de abandono emocional por parte de Johnny. A solidão, a sensibilidade às frustrações e a extrema necessidade de se sentir amado também se mostram como fatores significativos em seu funcionamento.

## **Caso 2: Natasha**

*“(...)Era Ana Paula, agora é Natasha... Usa salto 15 e saia de borracha...*

*Um passo sem pensar, um outro dia, um outro lugar...*

*O mundo vai acabar, e ela só quer dançar (...)*”.

(‘Natasha’, Capital Inicial).

### **Passo 1: Descrição Abrangente do Caso (cronológica e temática)**

Natasha tem 17 anos, cursa o 2º ano do ensino médio e mora com os pais e dois irmãos – uma moça de 19 anos e um rapaz de 16 anos. A mãe trabalha das 7h às 19h, em atividade comercial, e o pai em uma concessionária de automóveis. As entrevistas com os pais aconteceram separadamente. A mãe de Natasha mostrou-se uma mulher cansada, sofrida e passiva, e relatando várias dores e sofrimentos. O pai portou-se de modo acentuadamente defensivo e projetivo, minimizando as situações e não se implicando nas mesmas.

Para a mãe, os problemas familiares giram em torno principalmente da condição do marido: segunda ela, uma pessoa muito complicada, muito rígida, que está “sempre incomodando”, pois bebe excessivamente e se descontrola. O pai de Natasha freqüentemente se envolve em brigas, discussões, problemas com a polícia. Ele faz uso abusivo de álcool e já se envolveu em acidentes com carros de clientes (inclusive durante a gravidez de Natasha). Recentemente, tentou matar um vizinho, por um desentendimento banal. Já atacou com uma faca a própria esposa, fato que Natasha presenciou e precisou acionar a polícia. Nessa ocasião, o pai também empurrou a filha, que acabou quebrando um dedo. “Achei que ele ia matar eu e ela”, referiu Natasha.

Natasha e sua mãe reclamam da pouca atenção destinada a família por parte dele e da disposição para “festas e bebedeiras” com os amigos. A mãe não sabe mais como lidar com a situação, e já foi até a delegacia de polícia prestar queixa do marido, já que teme suas reações quando se encontra alcoolizado.

A mãe percebe que Natasha se revolta com todas essas situações, e que a agride por isso. Além disso, a mãe contou que Natasha sempre achou que recebia menos atenção do que os irmãos, situação que ela não confirma.

Sobre a história de vida de Natasha, um fato marcante é que um tempo após o nascimento do último filho a mãe entrou em depressão e teve problemas neurológicos (desmaios, ataques epiléticos, perda de memória). Nesta época, Natasha tinha cerca de 3 a 4 anos. A mãe falou deste momento com bastante culpa, afirmando que as crianças ficaram “jogadas”.

Na percepção dos pais, dentre os filhos, Natasha é a que sempre se destacou mais, chamando a atenção de alguma forma. Freqüentemente “aprontava” na escola, envolvendo-se em confusões e brigas com colegas e professores, matando aula etc. A

mãe considera a filha confusa, contraditória, instável, com muitas oscilações de humor e de comportamento. Além disso, percebe que Natasha nunca construiu relações de amizade muito íntimas, e considera que ela tenha companhias somente para “agitar”, “tomar uma cerveja”.

Na percepção do pai, ele tem um bom relacionamento com a filha, e considera que ela o respeita (o que não acontece com a mãe). Disse ser mais explosivo e mais rígido que a esposa, já tendo se utilizado de “surras” na educação dos filhos, principalmente com Natasha. Ele considera a filha muito “emburrada”, sempre insatisfeita e reclamando das coisas. Não permite que as filhas namorem.

Os pais já desconfiaram do uso de drogas por parte de Natasha, pois perceberam mudanças em seu comportamento e incremento da agressividade. Porém, negam a situação, referindo que controlam a filha e acreditando que ela não tem inclinação para isso. Em contrapartida, no relato de Natasha, apareceu o uso abusivo de álcool, cigarro e drogas e a falta de olhar dos pais em relação a ela. A jovem ressaltou várias vezes o quanto não se sentia bem em casa, o que a leva a sair para esquecer dos problemas.

Sobre a relação com a mãe, mostrou-se bastante revoltada e ressentida por não terem uma relação de intimidade. Acha que a mãe não se importa com ela, preferindo os irmãos, e que não valoriza nada nela: “Ela tá sempre ruim, sempre com dor, sempre cansada... Só fala comigo pra me xingar, sempre pelo negativo (...) Pra ela tudo o que eu faço, nada tem importância”.

Natasha tem poucas lembranças de sua infância, mas afirmou “carregar um trauma” de ter sido sempre a culpada de tudo entre os irmãos, e a que mais apanhou do pai. Sempre foi vista como, “a que só dá trabalho”, “a que só vai pro mau caminho”, “a que não presta”. Ressaltou o quanto sofre por ter apanhado muito dos pais, e pela falta de diálogo na família. Apesar disso, salientou que sua relação com o pai era muito boa, inclusive parecendo existir uma certa “aliança” e cumplicidade entre os dois. Rivaliza a atenção do pai com a irmã, e carrega a foto dele em sua carteira. Seguidamente têm manifestações de carinho com o pai, beijando-o e abraçando-o, o que não acontece entre ela e a mãe. Quando questionada sobre o fato de gostar tanto do pai e, ao mesmo tempo, ressentir-se de ter apanhado dele, referiu: “Quanto mais ele me batia parece que mais eu gostava dele sabe... Ele me batia e dizia ‘minha filha é para o teu bem’”.

Natasha se considera uma pessoa muito impulsiva e reativa (envolveu-se em brigas e discussões com professores e colegas). Algumas vezes teve o apoio do pai nessas brigas, embora também apanhasse dele pelas reclamações da escola.



Confia e gosta muito do irmão, e já teve sérios problemas com a irmã. Em uma das brigas, a irmã teria dito que ela era adotada, e que deveria procurar sua família. A partir disso, Natasha começou a desconfiar dessa história, e carrega essa dúvida até hoje.

A adolescente tem a impressão de que possa ter uma doença grave, “tipo um câncer”. Contou que sente “arrepios”, como se passasse um vulto por ela, e tem seguidamente a sensação de que tem alguém lhe observando ou pressentimentos de que algo ruim possa lhe acontecer.

Natasha começou a fumar cigarro aos 13 anos, passando logo em seguida para o uso de maconha e cocaína. Seu vício maior é a cocaína, e a cada final de semana a intensidade do uso de drogas vem aumentando. Sempre se relacionou com namorados usuários de drogas, e assume que a droga serve como um anestésico, fazendo com que não tenha que se deparar com seus problemas e sofrimentos. Sob efeito das drogas consegue “isolar os pais”: “e aí não me atinge em nada”.

Já chegou em casa drogada várias vezes, e seus pais nunca lhe perguntaram se algo estava acontecendo. Nesse sentido, reclamou da indiferença com que se sente tratada em casa: “eles não são de me olhar (...) pra eles eu sou uma pessoa assim, um nada”. Por exemplo, reclamou que embora ela tenha um *piercing* (grande e colorido) na língua, os pais nunca perceberam isso e/ou comentaram.

No que diz respeito aos relacionamentos atuais, tanto as relações de amizade quanto as amorosas são permeadas por inseguranças, dificuldades em estabelecer confiança e sensação de não ser amada. Como não pode namorar, seguidamente “inventa histórias” para poder sair e se encontrar com o namorado. Segundo Natasha, seus namorados sempre lhe trataram melhor que seus pais, preocupando-se e importando-se com ela.

Natasha percebe que o casamento de seus pais não é “saudável e feliz”, pois o pai sempre bebeu bastante, sempre xingou a mãe e esta sempre se submeteu. Além disso, ela e a irmã consideram que a mãe desconta nelas suas frustrações com o marido.

A auto-imagem de Natasha é de uma “moleca”, “uma guriazinha”, uma pessoa confusa que às vezes se sente sozinha, e que queria ter mais atenção de todos, em especial da mãe. Está sempre cansada, dorme demais e é muito “estourada”. Acha seu corpo estranho, não se enxerga como uma “mulher” e afirmou que queria ter nascido homem.

A análise do *Rorschach* mostra a instabilidade afetiva, a falta de controle dos impulsos, a fragilidade identitária e o empobrecimento dos vínculos. Natasha apresentou escassas respostas envolvendo figuras humanas. Quando presentes eram pouco elaboradas e discriminadas, e carregadas de conteúdos agressivos (em especial as pranchas com simbolismo materno). Apresentou poucas respostas de movimento, sugerindo dificuldades na expressão emocional.

Com efeito, Natasha parece ter dificuldades significativas em suportar sua carga afetiva, dotada de ambivalências e de elementos “brutos” (bichos esmagados, objetos secos, fritos, mortos). A falta de vitalidade nas suas representações pode se associar com a predominância dos mecanismos da pulsão de morte. Seu senso de *self* mostrou-se desorganizado e desintegrado. Houve a necessidade de demarcação de alguns contornos (respostas envolvendo “pele”), expressando a busca de uma proteção contra a confusão eu-outro, tendo em vista a sensação de falta de um envelope psíquico protetor (Anzieu, 1961/1989).

O *Rorschach* indicou, ainda, uma elevada instabilidade emocional, com relações interpessoais comprometidas e superficiais, além de vivências de angústias primitivas, de desintegração e desestruturação, fazendo uso de mecanismos de clivagem. O conflito com os objetos internalizados também ficou evidente, a partir da introjeção de figuras agressivas, não protetoras.

O Desenho da Família de Natasha apresentou indicadores de apego inseguro, do tipo desorganizado e/ou evitativo. Trata-se de um desenho bastante empobrecido, sem cor, com poucos elementos, e os que existem denotam tensão, angústia (sombreados, rabiscos). Embora não tenha excluído nenhum integrante da família em seu desenho, ela se coloca bastante distante dos pais e com uma significativa inversão de papéis. Pode-se perceber, ainda, a sua identificação com a figura paterna, tendo em vista que sua vestimenta e a do pai se assemelham no desenho. Salienta-se, também, que todos os membros da família estão “flutuando” e que o desenho não expressa afetividade entre os mesmos.

A representação dos cuidados parentais, a partir das respostas ao PBI, remete a um vínculo de “controle sem afeto” em relação à figura materna, e de “controle afetivo” em relação ao pai.

## **Passo 2: Construção da Explanação Psicodinâmica e Análise de Séries Temporais**

Analisando a história de Natasha, um aspecto a ser ressaltado é que os pais tiveram os 3 filhos “um atrás do outro”. Isso, por si só, já torna mais difícil a constituição subjetiva da criança, pois no momento em que ela ainda precisa ser o centro das atenções desses pais, um outro bebê já toma a cena. O período “normal” do narcisismo primário, de ocupar o lugar de “sua majestade o bebê”, parece não ter se constituído na história de Natasha. Somam-se a isso, as fragilidades no funcionamento psíquico dos pais, o que implica em dificuldades ainda maiores na narcisização do filho e no suporte emocional (Bowlby, 1997, 2002; Killingmo, 1989; Winnicott, 1958/1983).

Mesmo durante a gravidez de Natasha, a mãe parecia estar ocupada com a primeira filha, que ainda era bebê, e com as “atuações” do marido. Mais adiante, após ter tido os 3 filhos, destaca-se o episódio de depressão da mãe, e suas manifestações somáticas/neurológicas, trazendo implicações importantes no distanciamento afetivo e emocional entre ela e a filha. Assim, esta vivência parece ter sido decisiva na vida de Natasha, fazendo com que ela realmente fosse se desligando dessa mãe e se ligando mais ao pai, que apesar das dificuldades foi o principal cuidador neste período.

A psicopatologia parental é evidente nesse caso. A mãe é uma mulher que se mostra fortemente fragilizada do ponto de vista emocional. Parece ter uma precária estrutura psíquica e seu corpo acaba sendo o “palco” em que o sofrimento se expressa. O pai, por sua vez, mostra-se um homem “durão”, rígido, autoritário. Apresenta dificuldades no auto-controle, o que se evidencia no uso abusivo de álcool e nos envolvimento frequentes em discussões e brigas, denotando uma figura frágil e com pouco senso crítico, um sujeito “atrapalhado” psiquicamente. Aplica as leis na família, mas não as cumpre, sendo extremamente contraditório e ambivalente. Parece omitir, negar e minimizar as situações de sua vida e da vida da filha. Reproduz com os filhos a educação que teve com seus pais, em que a rigidez e a agressão são preponderantes: “ter que andar no carreiro certo”. Contraditoriamente, ele não anda neste “carreiro”, e seu comportamento aparece em oposição ao seu discurso.

Fica bastante evidente, nas explanações da adolescente, seu sentimento de desvalorização e seus ressentimentos em relação aos pais. Denota não ter construído um vínculo seguro com as figuras parentais, em especial com a mãe. A relação extremamente comprometida e empobrecida com a mãe parece se associar com o funcionamento desta mãe: uma pessoa depressiva, queixosa, sofrida, passiva, que sempre precisou cuidar dos filhos enquanto o marido fazia festas e bebia com os amigos.

Isso se associa com as representações de Natasha em relação às figuras parentais: percebe-se que ela tem internalizada uma mãe pouco cuidadora e pouco afetiva, “uma pessoa estranha”. Por outro lado, parece se ressentir dessa situação, desejando uma proximidade e intimidade maior com a mãe, inclusive invejando a relação de suas amigas com suas mães. Contudo, nem ela nem a mãe conseguem resgatar uma afetividade maior. O resultado do PBI (Inventário de Vínculos Parentais) sustenta essa situação, a partir da representação do vínculo materno como sendo de “controle sem afeto”, ou seja, constituído de ausência de afeto e muitas atitudes de controle. Suas respostas neste instrumento denotam uma representação de uma mãe emocionalmente fria, pouco carinhosa, que parece não compreender seus problemas e preocupações. Além disso, considera a mãe bastante controladora, invadindo sua privacidade e querendo interferir em suas decisões.

Em relação ao pai, Natasha percebe um cuidado maior, considerado a figura paterna como sendo mais carinhosa e compreensiva, conseguindo lhe fazer sentir melhor quando se encontrava triste. Por outro lado, também tem a representação do pai como sendo controlador e invasivo. Talvez a necessidade dela de idealizar esse pai, para além das situações de violência e maus-tratos sofridas com ele, representa uma tentativa desesperada de evitar um estado depressivo subjacente extremamente intenso, aniquilador e desestruturante. Se na figura materna Natasha não encontra amparo, proteção e reconhecimento, precisa recorrer a este pai, inclusive identificando-se com ele.

Assim, percebe-se que Natasha mostra-se bastante identificada com o pai, sendo tão impulsiva, agressiva e adicta quanto ele. Suas dificuldades com a feminilidade e sexualidade parecem ter relação com o modelo de figura materna que ela tem (a mãe), o qual ela rejeita acentuadamente. Esta afirmação é corroborada pela análise do *Rorschach*, que evidencia dificuldades e conflitivas com figuras femininas, em especial que remetem à maternidade e a identificações sexuais.

Sobre sua postura diante dos relacionamentos amorosos, percebe-se que Natasha tem a sensação de não ser querida e amada. O temor de perda do objeto (abandono) estão sempre presentes nas suas relações afetivas (Levy, Edell & McGlashan, 2007; Maranga, 2002). Confiar no objeto e no amor dispensado por este parece ser muito difícil. Isso parece decorrer da sensibilidade à rejeição e da sensação de não ter tido um reconhecimento em sua família. Além disso, o modelo de relação conjugal que ela tem é permeada por agressões, desrespeitos, submissões e instabilidades. Embora a

adolescente tenha uma crítica acentuada da situação, parece repetir o mesmo padrão familiar em suas relações.

A desconfiança de que pudesse ser adotada reforça a idéia de que Natasha não se sente amada o suficiente em sua família. Carrega um estigma de que é a que menos teve atenção e a que é vista como estando sempre no “mal caminho”. Além disso, ela está sempre em busca de artifícios para “esquecer” ou “minimizar” o impacto de suas vivências traumáticas na família – aí se situa o uso de drogas, o fato de não querer ficar em casa, estar sempre no centro da cidade, no meio dos gurus. As drogas funcionam como anestésicos da dor e do sofrimento psíquico. Sob os efeitos da cocaína, ela refere “isolar” os pais e “não dar bola” para tudo o que já viveu de negativo em sua família.

Aí se evidencia a dificuldade na capacidade reflexiva (mentalização) dessa adolescente. As atuações tomam o espaço das simbolizações, já que suas vivências afetivas com os objetos primários, por se constituírem como traumáticas, não conseguiram se transformar em representações (falhas no processo de simbolização), o que abre espaços para suas inúmeras passagens ao ato (Fonagy, 2000; Fonagy & Target, 2000; Saviotto, 2007).

A inversão de papéis é também evidente na dinâmica familiar, já que a filha “faz e acontece” com a mãe, chamando-lhe de “velha rabugenta”, “louca”, mandando-lhe cuidar de seu marido. Tal inversão também se revela na análise do Desenho da Família.

A partir do exposto, percebe-se que Natasha vive no seio de um funcionamento familiar totalmente instável, caótico, violento e negligente. Além disso, uma dinâmica marcada por ambivalências e contradições. Assim, não foi possível a internalização de um ambiente suficientemente acolhedor e protetor prejudicando fortemente a construção da sua representação de si e suas relações objetais. As angústias depressivas e angústias de despedaçamento se fazem presentes em seu funcionamento, denotando uma fragilidade psíquica acentuada (Bradley & Westen, 2005; Carvalho, 2004; Figueiredo, 2003; Hegenberg, 2000; Reich & Zanarini, 2001; Russ et al., 2003; Villa & Cardoso, 2004).

A trajetória dessa adolescente é permeada por vivências familiares negativas, representações negativas dos cuidados parentais, pouco investimento emocional por parte dos pais e uso de violência física (surras) e psicológica (humilhações, desvalorizações constantes). A representação de que não foi amada, nem olhada e tampouco cuidada o suficiente por parte dos objetos primários (abandono afetivo),

transmite-se aos demais relacionamentos, acarretando prejuízos significativos nos seus vínculos afetivos.

Diante disso, percebe-se que as constantes atuações de Natasha, desde criança, estão à serviço de uma busca de ser olhada e contida, nem que seja às custas de sua saúde mental. A necessidade de receber algum limite parece evidente quando a adolescente chega em casa “chapada”, coloca um *piercing* colorido e grande na língua, mata aulas, envolve-se em brigas e confusões. Ou seja, tratam-se de ferramentas utilizadas por ela para captar o olhar e a atenção destes pais.

### **Caso 3: Camila**

*“Eu que tinha apenas 17 anos, baixava minha cabeça pra tudo, era assim que as coisas aconteciam, era assim que eu via tudo acontecer (...)*

*Mas o ódio cega e você nem percebe, mas o ódio cega (...).”*

(‘Camila, Camila’ – Nenhum de Nós).

#### **Passo 1: Descrição Abrangente do Caso (cronológica e temática)**

Camila tem 16 anos, cursa o 1º ano do Ensino Médio, mora com os pais e a irmã caçula, de 9 anos. Tem outra irmã, casada, que mora com o marido e a filha. O pai trabalha mais de 12 horas por dia, em usinagem. A mãe é dona de casa e cuida da neta. Quando se casaram, sua mãe tinha 18 anos e o pai 29.

A mãe de Camila foi adotada quando tinha 3 anos, mas somente descobriu esse fato aos 15, através de um documento. A mãe adotiva nunca assumiu a história verdadeira, e somente após sua morte isso pôde ser esclarecido. Ela teve uma infância marcada por maus-tratos; sua mãe adotiva não era carinhosa e a surrava muito. Sua mãe biológica era prostituta e não sabia quem era o pai dos filhos. Também não havia pai adotivo. Ela sempre quis ir atrás de sua história e há 5 anos conheceu sua mãe biológica. Decepcionou-se muito, porque esperava que a mãe fosse receptiva e resgatasse a relação, porém isso não aconteceu. Encontrou uma mãe extremamente fria, tal como a mãe adotiva. Tudo isso interfere no seu relacionamento com as filhas, em sua opinião.

O pai de Camila foi o primeiro filho entre 6 irmãos. Saiu de casa com 13 anos para morar em outra cidade e trabalhar, pois sentia necessidade de ser independente. Relatou que apanhava bastante de seu pai, o que foi mais um motivo para sair de casa. Formou-se em um curso técnico, mas seu sonho era ser engenheiro, o que não

conseguiu e lhe causou frustração. Em relação à sua adolescência não lembra de suas vivências. Lembra do tempo em que trabalhava, o que fez com que agisse de forma mais adulta, “pulando” essa fase.

Sobre a história de vida de Camila, os pais relataram que ela foi a única filha realmente planejada, e que resolveram tê-la quando a primeira já havia crescido um pouco. Para suprir sua solidão, a mãe engravidou novamente.

Na última gravidez (época em que Camila tinha cerca de 6 anos) a mãe teve uma depressão “gravíssima”, não saía de casa, não queria receber visitas, não tomava banho, o que levou a várias complicações na gestação. Nessa época, Camila ficou “meio de lado” e a mãe conta que percebia a filha muito triste. Nesse período, a mãe fez tratamento medicamentoso para a depressão. Atualmente, a mãe diz se sentir bem, e brinca que a filha mais nova e a neta são seus antidepressivos.

Quando Camila tinha 6, 7 anos seu pediatra alertou os pais sobre a possibilidade dela se encontrar depressiva, solicitando que a mãe investigasse. Porém, os pais não deram importância e ignoraram esse alerta. Em contrapartida, concordam que Camila sempre teve alterações de humor. Assim como está “faceira” e carinhosa, logo se torna fechada, agressiva, isolada. O pai salientou que a personalidade da filha sempre foi forte, marcante e rígida. Além disso, destacaram que existe um fator genético significativo na família, já que a mãe e a avó materna de Camila já sofreram de depressão.

O pai considera a filha muito pouco carinhosa e como alguém que não expressa o que sente. Com as 3 filhas o pai sentiu um afastamento depois dos 8, 9 anos, atribuindo às mudanças decorrentes da idade, já que “elas passam a viver um mundo diferente”. Camila, em sua opinião, é bastante “isolada”, “tem o mundo dela”, o que preocupa os pais, que não sabem como agir com a filha.

Camila é vista pelos pais como bastante independente. Não pedia ajuda para estudar, sempre fazia tudo sozinha, e não apresentou dificuldades em situações de separação. Para o pai, ela foi “desvinculada desde pequena”. Eles também estranham o fato da filha não pedir para ir a festas e percebem que ela teme a não aceitação deles. O mesmo acontece em relação a namoros. O pai ressentiu-se de não conseguir ter um diálogo mais aberto com a filha.

O pai de Camila é bastante racional, prático e concreto em sua forma de analisar as coisas, e considera a filha sonhadora. Afirma que ela “foge da realidade”, por acreditar que vai conseguir coisas que, para ele, matematicamente são impossíveis de

acontecer (como, por exemplo, a esperança dela em ser aprovada na escola, no ano anterior). Os pais demonstram não acreditar nas capacidades da filha, e antecipam desfechos negativos, que muitas vezes se concretizam.

A reprovação de Camila na escola foi frustrante e atribuída, por ela e pelos pais, à mudança de escola (saiu de uma pequena, na periferia, para uma escola grande no centro da cidade). Camila passou a matar aulas, experimentar bebidas alcoólicas, não investindo nos estudos. Quando repreendida pelos pais, a filha “se recolhe, se retira pra não brigar, e pra sair do quarto tem que ir chamar (...)”.

Em relação às frustrações, Camila se desestrutura muito. Por exemplo, invadiram seu orkut e colocaram fotos pornográficas em seu perfil, o que a deixou em pânico, temendo o julgamento das pessoas. Quando foi reprovada na escola, também ficou muito mobilizada, e pensou em “se atirar na frente de um caminhão” para não precisar enfrentar a situação.

O pai tem fantasias sobre a possibilidade da filha vir a se suicidar, por isso teme interferir na vida dela e frustrá-la. Apresenta também uma expectativa ansiosa de que possa acontecer algo ruim com a família.

Camila considera os pais muito conservadores e controladores, em especial a figura paterna. Não compreende o porquê deles não a deixarem sair, sente-se reprimida em função disso. Usa artifícios para conseguir frequentar algumas festas sem que os pais saibam (por exemplo, indo dormir na casa de amigas). A rigidez dos pais é um fator marcante para Camila, e culminou com ruptura do vínculo da irmã mais velha com os pais (com sua saída de casa), em função da constatação do fato de que ela mantinha relações sexuais com o namorado. Os pais permaneceram quase 2 anos sem falar com a filha, e não compareceram ao seu casamento. Só se reaproximaram com o nascimento da neta, de quem a mãe cuida no momento.

Camila sente que consegue ser mais afetiva com a mãe. Embora na sua infância tivesse uma ligação forte com o pai, hoje percebe um afastamento. Sente-se desmotivada pelas atitudes e postura dos pais em relação a ela, a falta de crédito que depositam nela e teme não orgulhá-los. Sente que os pais não reforçam nem valorizam as coisas boas que faz, somente enxergando as “ruins”.

Os relacionamentos de Camila são permeados pela sua dificuldade em confiar. Tem poucos amigos íntimos, e seu melhor amigo, o qual chama de “irmão”, é gay. Já se decepcionou com algumas amigas, que traíram sua confiança. Camila sente-se insegura de tomar qualquer decisão sozinha, e tem a necessidade de sempre pedir a opinião dos



outros, geralmente fazendo o que lhe dizem, mesmo sendo contrário às suas idéias. Já se envolveu em brigas e discussões na escola, e se considera explosiva. Nas relações amorosas, evita se envolver e se “apegar”, por medo de se decepcionar, sofrer, ser traída, ou por temor à reação dos pais. Por isso, busca estratégias para não se vincular muito, o que lhe causa bastante sofrimento.

Sobre seus sentimentos e mudanças de humor, Camila disse se questionar sobre quem realmente é. Diante de frustrações ou decepções, sente muita raiva. Por exemplo, depois de algum desentendimento com os pais, ela se isola em seu quarto, sente um “ódio mortal” e têm pensamentos altamente destrutivos. Sente uma “vontade de explodir, fugir de tudo”. Já chutou a porta, quebrando-a. Referiu: “eu penso, aí queria matar esses velhos, tomara que morram, tomara que sejam atropelados por um caminhão (...) eu fico pensando ‘aí que ódio quero matar essas pragas...’”. Sente-se mal quando se torna explosiva, mas não se sente culpada por isso.

A intolerância às frustrações é bastante significativa, e Camila já chegou a se auto-agredir em algumas ocasiões (às vezes têm pensamentos suicidas, já “puxou e arrancou” os cabelos, e arranhou o pulso e o pescoço com as próprias unhas). Frequentemente sente vontade de “chorar, chorar, chorar”, e não sabe o porquê disso. Fica angustiada, tranca-se em seu quarto, e “vem tudo de ruim” na sua cabeça: as brigas com os pais, as dificuldades na escola e o fato de não ter namorado. Embora esteja rodeada de pessoas, Camila sente-se sozinha e não compreendida por ninguém. Além disso, se considera muito pessimista e “sinistra”, sempre achando que algo ruim possa acontecer. Sente-se ansiosa e nervosa, tem insônias. Ao sair sozinha na rua se sente insegura, pois tem a sensação de que tem sempre alguém lhe olhando e/ou falando coisas negativas a seu respeito.

A análise do *Rorschach* revelou dificuldade no controle afetivo, nível elevado de angústia, inibição do pensamento e falta de interesse pelo concreto. Apareceram indícios de certo automatismo do pensamento, sem exigência de reflexão, o que se associa com um espírito conformista, marcado por apatia e depressão.

Essa análise apontou também para a construção de relações mais superficiais e menos estáveis, e sentimentos de ambivalência na representação das relações afetivas. Apareceram, ainda, representações de falta de contenção, falta de fronteiras e limites. A qualidade das relações afetivas mostrou-se comprometida, com dificuldades na internalização de objetos bons e continentes. Ficaram evidentes as angústias diante das perdas e desligamentos, associando-se a sentimentos de vazio, solidão e angústia

depressiva. O pólo pulsional é sentido como ameaçador e assustador por Camila, precisando ser negado, evitado.

A análise da Escala de Frequência de Sinais Específicos e da Escala Global do Teste do Desenho da Família indicou sinais de apego inseguro, do tipo evitativo. O desenho evidenciou um alto nível de vulnerabilidade familiar, tensão/raiva aumentada e distanciamento emocional entre os membros da família.

Sobre sua representação acerca dos cuidados parentais, Camila considerou o vínculo com ambos os pais como de “Controle Sem Afeto”. Para ela, os pais interferem em suas decisões, invadem sua privacidade e não permitem que realize suas próprias escolhas. Os cuidados parentais também foram sentidos como insuficientes pela adolescente.

## **Passo 2: Construção da Explicação Psicodinâmica e Análise de Séries Temporais:**

A partir do material trazido pela adolescente e pelos pais, é possível perceber que Camila vive num contexto familiar permeado por dificuldades afetivas. A história dos pais, nesse sentido, torna-se fundamental para esta compreensão.

Pensando nos aspectos transgeracionais da história da mãe, constata-se que esta não vivenciou experiências afetivas satisfatórias. Ao contrário, foi abandonada pela mãe biológica, e mal-tratada pela mãe adotiva. Assim, a mãe de Camila parece ter tido dificuldades de internalizar um ambiente protetor e acolhedor. Na busca incessante por sua história, encontrou uma mãe fria afetivamente, distante, e indiferente. A depressão profunda vivida por ela parece estar relacionada com todo este contexto de sua história e repercute, em algum grau, no vínculo com as filhas.

O pai, por sua vez, embora afirme que sempre teve bom relacionamento familiar, também sofria maus-tratos e, inclusive, optou por sair de casa ainda adolescente, justificando que precisava se sustentar. Além disso, chama a atenção sua expectativa ansiosa marcante, o que transmite para as filhas. Sempre acha que algo de ruim vai acontecer com a família.

A gravidez de Camila foi bastante desejada, mas parece não ter sido motivada pela vinda da criança em si, mas pelo fato de que ela veio ao mundo para “tirar a mãe da solidão”, já que a primeira filha já estava crescida e mais independente. Percebe-se que as filhas (e até a neta) acabam ocupando um lugar de “antidepressivos” da mãe, de alguém que supre os vazios e tristezas dela. Nesse sentido, pode-se lembrar, também, do núcleo depressivo de Camila. Como é impossível cumprir com a missão que veio ao

mundo - a de curar a depressão da mãe - sente que falhou nisso, desvalorizando-se e deprimindo-se também, culpando-se e apresentando comportamentos ou idéias auto-destrutivas.

Os pais parecem não conseguir dar um retorno positivo para as filhas. O negativo, os erros, o que não está bem fica supervalorizado, enquanto o positivo passa despercebido. Camila parece se ressentir muito dessa situação, sentindo-se desvalorizada, humilhada e não reconhecida positivamente.

Um fato importante foi o rompimento da família com a filha mais velha, a partir da constatação de que esta estaria vivendo sua sexualidade. A rigidez, inflexibilidade e intolerância dos pais ficam evidentes nesta situação. Além disso, isso parece repercutir fortemente nos medos e fantasias de Camila acerca dos pais e dos relacionamentos amorosos. O medo de se envolver associa-se com o medo de perder o amor desses pais, reproduzindo a história de sua irmã. Outras situações serviram para reforçar ainda mais essa idéia de que ela não deve se envolver com alguém, como a “serenata” que ela recebeu de um vizinho, e a reação de descontrole e brabeza do pai diante disso. Por tudo isso, Camila tem sentimentos ambivalentes no que se refere aos relacionamentos, pois ao mesmo tempo em que gostaria de ter uma pessoa ao seu lado, e inclusive sofre por não ter, faz um grande esforço para não se apaixonar ou se apegar a alguém, pelo medo da decepção que ela pode vir a ter e que pode vir a causar nos pais.

O pai, ao referir que se considera um “péssimo” pai, e que geralmente se afasta das filhas a partir de uma certa idade (8, 9 anos), demonstra dificuldades em lidar com as situações inerentes ao crescimento dos filhos. Parece preferir se afastar, por não saber como conduzir as situações que se apresentam com a pré-adolescência e adolescência. Isso se incrementa com a constatação, na história de vida dos pais, de que nenhum dos dois vivenciaram a fase da adolescência. Ele porque trabalhava e não tinha condições financeiras para ir em festas, e ela porque a mãe adotiva não permitia. Assim, encontram dificuldades em administrar as demandas adolescentes das filhas.

A relação que o pai estabelece com a filha é calcada em aspectos lógicos, racionais, materiais e matemáticos, carecendo de componentes afetivos. A mãe parece conseguir uma proximidade afetiva maior, apesar das dificuldades. Além disso, pode-se pensar em um certo descuido e uma falta de olhar dos pais em relação à Camila, principalmente pelo relato deles de que desde os 6 anos de idade da filha, um médico já havia alertado sobre a possibilidade dela ter um quadro depressivo, situação que não foi investigada nem tampouco levada a sério pelos pais. Tal situação é corroborada pelos

resultados do PBI (Instrumento de Vínculos Parentais), em que tanto em relação à figura materna quanto paterna, Camila tem a representação de um alto índice de superproteção e controle, e um cuidado baixo, insuficiente.

Infere-se, ainda, a visão equivocada que os pais têm da filha: enquanto eles referem que ela é uma menina quieta, que não discute, “não retruca”, não chora e que não gosta de sair e de namorar, a adolescente se representa como alguém que adora sair e sente falta de ter um namorado (embora tema essa situação). Para tanto, acaba usando de mentiras e enganações para conseguir se divertir. Além disso, Camila se considera muito braba e explosiva, mas admite que perante os pais passe uma imagem de “quietinha”. Tudo isso denota uma falta de sintonia entre pais e filha.

Apesar do pai ser uma pessoa bastante ansiosa e preocupada, uma característica percebida na fala dos pais é a minimização dos “problemas” em relação à filha. Racionalizam e justificam seus comportamentos por eles “indesejados” (como as “bebedeiras”, ou a reprovação na escola), como uma forma de não ter que se deparar com os mesmos.

Há, ainda, um certo rechaço, ou uma espécie de “profecia” dos pais, que parecem determinar a priori o que não vai dar certo na vida da filha. Seu destino fica, então, pré-traçado, pela via do negativo.

Camila têm frequentemente pensamentos auto-destrutivos e negativos em relação a si e aos pais. Diante de situações de frustrações, torna-se bastante agressiva, chegando a desejar a morte dos pais ou se auto-agredindo. A dificuldade no controle afetivo foi evidente, também, na análise do *Rorschach*. No desenho da família, a omissão dela pode estar relacionada com aspectos auto-destrutivos.

Além disso, a adolescente parece ser bastante vulnerável ao julgamento e ao olhar dos outros, situação que se comprova com o desespero frente a invasão de seu orkut, e com o seu relato de que geralmente segue a opinião dos outros, mesmo sendo contrária ao seu desejo. Precisa da aprovação constante de todos, e é bastante exigente consigo e com os demais.

Camila apresenta angústias de cunho depressivo, com sentimentos de inferioridade, culpa, e desvabrização. O sentimento de solidão e de vazio associam-se com sua sensação de desamparo e suas angústias de aniquilamento e desestruturação, o que está de acordo com o que a literatura tem referido sobre os adolescentes com funcionamento *borderline* (Levy et al., 2007; Maranga, 2002; Outeiral, 1993).

Seus relacionamentos superficiais funcionam bem, porém Camila tem poucas relações íntimas e confiáveis. Pode-se inferir que o contexto inseguro familiar tenha efeitos significativos nas dificuldades da adolescente em sentir-se suficientemente segura e confiante para investir em relacionamentos afetivos (Bowlby, 2002; Winnicott, 1958/1983). O temor de que será decepcionada, frustrada, ou que causará danos à sua família “fala mais alto” do que seu desejo de estreitar laços amorosos.

Enfim, percebe-se que Camila tem figuras parentais frágeis: a mãe depressiva e dependente, e o pai ansioso, fóbico e “castrador”. Isso faz com que tenha dificuldades em se identificar com essas figuras e, conseqüentemente, apresenta fragilidades significativas em seu senso de identidade.

No *Rorschach*, Camila dedicou-se, em grande medida, às partes das manchas comumente pouco interpretadas. Por se tratar geralmente de formas negativas, indica nível elevado de angústia, inibição do pensamento e falta de interesse pelo concreto. Denota, ainda, um certo automatismo do pensamento, sem exigência de reflexão, o que está associado com um espírito conformista, marcado por apatia e depressão.

Parece construir relações mais superficiais e menos estáveis, e apresenta sentimentos ambivalentes na representação das relações afetivas. Carrega representações de falta de contenção e falta de fronteiras e limites. A qualidade das relações afetivas mostra-se comprometida, a partir de respostas “inertes”, sem motivações. Isso tudo se associa com dificuldades na internalização de objetos bons e contínuos.

Os conflitos sexuais e as dificuldades em suportar a carga afetiva aparecem com destaque, além das dificuldades na identificação e na identidade, e angústia diante das perdas e desligamentos. Parece existir uma incapacidade de estabelecer fronteiras estáveis entre dentro e fora, e o eu e o outro. Camila presta atenção em detalhes “brancos” da prancha, o que remete a “buracos psíquicos”, associando-se a sentimentos de vazio, solidão e angústia depressiva (Anzieu, 1961/1986; Levy et al., 2007; Vaz & Santos, 2006). O pólo pulsional é sentido como ameaçador e assustador pela adolescente, precisando ser negado, evitado.

A partir da análise da Escala de Frequência de Sinais Específicos e da Escala Global, do Teste do Desenho da Família, Camila apresentou sinais de apego inseguro do tipo evitativo. A partir do desenho, infere-se um alto nível de vulnerabilidade familiar, tensão/raiva aumentada e distanciamento emocional entre os membros da família. Destaca-se o fato de que a adolescente não se incluiu no desenho. Além disso, incluiu a

irmã e o cunhado (que não moram na mesma casa) e os dois cachorros da família. Tal situação denota o senso de não pertencimento dela em relação ao seu ambiente familiar e as fragilidades na sua auto-estima. A adolescente parece não se sentir fazendo parte deste contexto, sentindo-se menosprezada e desvalorizada. Sugere, também, uma atitude auto-destrutiva, no sentido de se fazer desaparecer do cenário familiar.

Sobre sua representação acerca dos cuidados parentais, Camila considera seus pais bastante controladores, interferindo em suas decisões, invadindo sua privacidade e não permitindo que possa realizar suas próprias escolhas. A falta de liberdade e o controle parental estão presentes na sua percepção, um pouco mais intensificados em relação à figura materna.

Os cuidados parentais também são sentidos como insuficientes pela adolescente. Em relação à mãe, sente que esta não lhe ajuda tanto quanto precisa, parece não entender suas necessidades, sendo emocionalmente fria. Por outro lado, refere que a mãe consegue lhe fazer se sentir melhor quando está triste, e que é moderadamente carinhosa, usando de voz meiga e amigável. Em relação ao pai, embora refira que é carinhoso com ela, e que parece entender suas necessidades e preocupações, fazendo com que se sinta melhor diante de situações difíceis, sente que ele não gosta de conversar com ela, e que tenta lhe fazer dependente dele.

Diante disso, constata-se que os vínculos afetivos constituídos por Camila com seus pais são atravessados por sentimentos de desamparo, desvalorização e instabilidades, o que vai ao encontro do que se tem discutido sobre as dinâmicas familiares dos adolescentes *borderline* (Atienza & Rodríguez, 2004; Baird, Veague & Rabbitt, 2005; Levy, 2005; Lyons-Ruth et al., 2005). Além disso, destaca-se, em sua história de vida, o episódio de depressão materna, ocasionando um afastamento na relação mãe-filha; a reprovação na escola; e os intensos pensamentos destrutivos, voltados a si ou ao mundo externo.

### **Passo 3: Síntese dos Casos Cruzados:**

A Tabela 3 apresenta os resultados dos instrumentos aplicados, oferecendo uma visualização panorâmica de tais resultados, nos três casos estudados.

**Tabela 3: Síntese Cruzada dos Resultados dos Instrumentos**

	<b>Johnny</b>	<b>Natasha</b>	<b>Camila</b>
<b>Vínculo Materno (PBI)</b>	Negligente	Controle sem afeto	Controle sem afeto
<b>Vínculo Paterno (PBI)</b>	Vinculação ótima	Controle Afetivo	Controle sem afeto
<b>Desenho da Família</b>	Apego inseguro, do tipo desorganizado	Apego inseguro, desorganizado e/ou evitativo	Apego inseguro, do tipo evitativo
<b>Rorschach</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>* Labilidade emocional;</li> <li>* Angústias Depressivas;</li> <li>* Baixa capacidade de auto-reflexão</li> <li>* Impulsividade</li> <li>* Dificuldades com figura materna</li> <li>* Conflito com objetos internalizados</li> <li>* Tênu e integração das emoções</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>* Relações Interpessoais comprometidas;</li> <li>* Dificuldades na adaptabilidade social;</li> <li>* Instabilidade emocional</li> <li>* Introjção de figuras agressivas, não protetoras;</li> <li>* Fragilidade identitária.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>* Inibição afetiva</li> <li>* Labilidade emocional</li> <li>* Dificuldades nas relações objetais</li> <li>* Fragilidade identitária;</li> <li>* Comprometimento com os objetos bons internalizados</li> <li>* Dificuldades na capacidade de estabelecer fronteiras estáveis entre dentro-fora, eu - outro.</li> </ul>

A partir da análise dos Estudos de Caso, percebe-se que os achados desta pesquisa vêm ao encontro do que a literatura tem explanado acerca das vinculações afetivas dos adolescentes *borderline*. Ou seja, predominam, nesses adolescentes, padrões de apego inseguro, do tipo desorganizado e/ou evitativo, denotando vínculos pouco consistentes, instáveis e ambivalentes, com falhas na capacidade de confiança e no senso de ser amado. São vínculos frágeis, permeados por inseguranças, desconfianças, idealizações e frustrações intensas (Agrawal et al., 2004; Bradley & Westen, 2005; Cardoso, 2005; Fruzzetti et al., 2005; Graña, 2007; Maranga, 2002; Nickel et al., 2002; Russ et al, 2003).

Constata-se que nos três casos avaliados os objetos primários não puderam ser emocionalmente responsivos e adequados às necessidades destes adolescentes, sobretudo as emocionais e afetivas, denotando um ambiente não protetor e/ou cuidador. Segundo Fonagy, Target, Gergely, Allen & Bateman (2003), os cuidados insuficientes ou inadequados recebidos acabam por impedir o desenvolvimento da capacidade de mentalização. Tais dificuldades emergem a partir de vínculos de apego inseguro, o que pode contribuir para as manifestações de *actings out*, como por exemplo, o abuso de álcool e de drogas. O sofrimento, portanto, aparece através das atuações, como uma busca incessante por um olhar e uma contenção.

Outro ponto em comum são os conflitos e insatisfações desses adolescentes na relação com a mãe. Parece existir uma percepção de falta de cuidado, de interesse, de investimentos, de olhar por parte destas mães. A relação com a figura paterna aparece idealizada, em especial nos casos de Johnny e Natasha, sugerindo uma saída de “sobrevivência” diante do vínculo tão desorganizado e frágil com as figuras maternas.

Nas histórias de vida dos adolescentes aparecem estressores, como rejeição parental, negligências, violências (físicas e, principalmente, psicológicas), psicopatologia parental e rompimentos afetivos. Esse contexto afeta a construção identitária destes adolescentes, fazendo com que se sintam desamparados, não dignos de amor, e entregues aos seus próprios impulsos. Parecem não sentir uma presença cuidadosa e amparadora do ambiente, tampouco se sentem contidos. Os limites, nesse sentido, mostram-se insuficientes, o que abre espaços para as diversas atuações e manifestações destrutivas. Suas dinâmicas familiares mostram-se caóticas, instáveis, marcadas por funcionamentos atuadores e interações afetivas patológicas (Atienza & Rodríguez, 2004; Baird et al., 2005; Beresin, 1994; Bernstein, Cohen, Skodol, Bezirgianian & Brook, 2002; Levy, 2005; Reich & Zanarini, 2001).

Os sinais de psicopatologia parental são visualizados nos três casos. As figuras maternas mostram-se bastante comprometidas e fragilizadas: mulheres passivas, depressivas e com histórias familiares de negligência e abandono afetivo. Os pais, por sua vez, mostram-se incoerentes, ambivalentes, com dificuldades acentuadas na esfera afetiva e no autocontrole.

As angústias depressivas também aparecem com destaque, vinculadas às fragilidades das bases narcísicas dos adolescentes avaliados. O temor de abandono e de perda de objeto estão presentes nos três casos, o que repercute fortemente nos seus demais relacionamentos afetivos (Levy et al., 2007; Maranga, 2002).



A influência dos aspectos transgeracionais foi um fator importante na análise dos casos estudados. As situações não-elaboradas na história de vida dos pais, assim como suas vivências em suas famílias de origem, são questões que parecem estar se transmitindo entre as gerações e repercutindo substancialmente nos vínculos afetivos (Correa, 2003; Kaës, Faimberg, Enriquez & Barane, 2001). Encontra-se, na trajetória dos pais, a não vivência do processo adolescente, a saída precoce de casa, as representações de abandono e maus-tratos e histórias de rompimentos com figuras significativas. Esses fatores parecem dificultar a aproximação afetiva destes pais com seus filhos.

Assim, apesar das singularidades de cada adolescente, pôde-se perceber que as situações discutidas acima aparecem em todos os casos participantes desse estudo, em maior ou menor intensidade. Diante disso, os resultados da presente pesquisa sustentam o que os demais estudiosos têm relatado no que diz respeito a esta temática, e abre espaço para outras análises, como a da dimensão transgeracional, e sua relação com a organização *borderline* na adolescência.

### **1.8. Considerações Finais**

A partir deste estudo foi possível ilustrar, nos casos estudados, as principais características dos vínculos afetivos constituídos entre adolescentes com organização de personalidade *borderline* e seus pais. Os aspectos principais, discutidos a partir desta pesquisa, foram as desorganizações e inseguranças dos estilos de apego, os vínculos frágeis e pouco suportivos, as representações dos adolescentes dos cuidados insuficientes ou inadequados por parte dos objetos primários (não responsivos emocionalmente), os estressores e situações significativas na história de vida dos participantes, e a dimensão transgeracional e seus impactos nas dificuldades vinculares.

Considera-se, como um ponto forte deste trabalho, a metodologia utilizada, já que os Estudos de Caso permitiram uma análise exaustiva das situações, a partir da diversidade de fontes de evidências utilizadas. Pôde-se explorar a riqueza dos casos, bem como analisar em profundidade o objetivo em questão neste estudo. Cabe destacar, assim, a importância de pesquisas qualitativas no âmbito da Psicologia Clínica.

Mesmo não permitindo generalizações, sustenta-se que o conhecimento obtido a partir deste estudo pode trazer benefícios importantes para outros casos semelhantes. Os resultados e discussões desta pesquisa podem servir de subsídios para a clínica de adolescentes (nesse trabalho, em especial destacando a clínica psicanalítica), uma vez

que é cada vez mais comum encontrarmos esses modos de funcionamento *borderline* na prática profissional. Outra contribuição é a análise e entendimento da relação entre as características dos vínculos afetivos pais-filhos e o desenvolvimento de psicopatologias e dificuldades emocionais.

A compreensão das dificuldades vinculares dos adolescentes com organização *borderline* torna-se útil para a criação de ações de prevenção e, também, para a psicoterapia psicanalítica. Nesse sentido, destaca-se a importância de se incluir os familiares na abordagem terapêutica desses adolescentes, atentando para os fatores transgeracionais. Faz-se necessário, ainda, intervenções que desenvolvam a capacidade de mentalização dos adolescentes com esse modo de funcionamento, e que trabalhem no sentido de ressignificar suas representações acerca dos cuidados recebidos pelas figuras parentais.

Assim, este estudo insere-se numa perspectiva não apenas de intervenção, mas também de prevenção e promoção de saúde mental, e parte da consideração pela dimensão intersubjetiva na estruturação psíquica e na capacidade de resiliência das crianças, adolescentes e suas famílias. Sugere-se que mais pesquisas possam contribuir para a elucidação desse assunto, considerando que ainda se trata de um campo bastante aberto ao conhecimento psicológico.

## Seção 2

### Revisão da Literatura: Adolescência e organização de personalidade *borderline* - caracterização dos vínculos afetivos<sup>4</sup>

#### 2.1. Introdução

Esta seção consiste em uma revisão de literatura sobre a temática dos vínculos afetivos estabelecidos entre adolescentes com indicadores de organização de personalidade *borderline* e seus pais (ou principais cuidadores). A literatura revisada insere-se no campo da teoria psicanalítica, em especial no que diz respeito à psicodinâmica dos adolescentes com organização *borderline* e suas famílias, bem como as vicissitudes dos seus vínculos afetivos, em particular os de apego.

Parte-se do pressuposto que o desenvolvimento psicológico é compreendido como acontecendo em uma matriz intersubjetiva e os vínculos familiares ocupam, portanto, um lugar de destaque neste processo (Berenstein, 2003; Kaës et al., 2001). Além disso, considera-se que o período da adolescência, por si só, já se configura como uma situação-limite, tendo em vista todos os enfrentamentos necessários e todas as reorganizações subjetivas daí decorrentes. Por caracterizar-se como um período emocionalmente turbulento, marcado por ressignificações e movimentações pulsionais intensas, entende-se que das derivações dessas turbulências é que serão definidas as características mais fixas e estáveis da personalidade (Baird et al., 2005).

De acordo com a vertente psicanalítica, o adolescente vivencia situações complexas: desidentificações, neoidentificações, difusões identitárias, oscilações entre a busca da dependência e a necessidade de estabelecer sua individuação, confrontação de gerações, dentre outras. Revisitar os ideais narcísicos parentais, diferenciar-se e subjetivar-se se afiguram como desafios significativos deste processo (Calligaris, 2000; Jeammet & Corcos, 2005; Kancyper, 1999).

Jeammet e Corcos (2005), nesse sentido, apontam que quanto mais a dependência é evitada e intolerável, social e subjetivamente, mais ela terá que ser expressa em sua forma mais “crua”, mediante os sintomas dos adolescentes de hoje. Afirmam, ainda, que o terreno psíquico (com suas representações simbólicas e afetivas) perde para as dimensões do campo sensorial e perceptivo nas manifestações da adolescência. Assim, as relações de dependência associam-se com a predominância das

---

<sup>4</sup> Essa revisão de literatura compõe um dos artigos da Dissertação, que foi submetido à revista Estilos da Clínica.

“patologias do agir”, tais como as toxicomanias, o alcoolismo, as condutas auto-destrutivas, o uso abusivo de medicamentos, os transtornos alimentares (anorexia e bulimia) e as demais manifestações *borderline*. Situações que buscam, desesperadamente, impor um limite corpóreo a uma vida sem limites que lhes é oferecida pelo mundo adulto e o social. Ou seja, anseia-se por uma marcação simbólica, um lugar de reconhecimento.

Assim, postula-se que a capacidade reflexiva e a possibilidade de simbolização aparecem como essenciais no processo adolescente. Dar sentido às vivências e nomear as turbulências e mudanças experimentadas permite uma reestruturação psíquica satisfatória. Na medida em que se possibilita a representação em palavras das vivências, dos sentimentos e daquilo que foi excluído da “história oficial”, os não-ditos, o silenciado, o desmentido e os *actings out* perdem seu lugar de destaque na dinâmica do adolescente (Fonagy & Target, 2004; Graña, 2007; Leivi, 1995; Levisky, 2002; Savietto, 2007, Savietto & Cardoso, 2006).

Em se tratando dos adolescentes com organização *borderline*, toda esta dinâmica revela-se ainda mais intensificada. Adquire relevância, portanto, a dimensão da história de vida destes adolescentes, geralmente marcadas por funcionamentos familiares bastante comprometidos, denotando um contexto instável, caótico, inseguro. Assim, experiências traumáticas, negligências, abusos, violências das mais diversas ordens têm sido apontadas como precursores do desenvolvimento de uma organização de personalidade *borderline* na adolescência (Bradley & Westen, 2005; Carvalho, 2004; Figueiredo, 2003; Reich & Zanarini, 2001; Russ et al., 2003; Villa & Cardoso, 2004).

Para compreender a dinâmica da vincularidade afetiva entre adolescentes com indicadores de personalidade *borderline* e seus pais (ou cuidadores), inicia-se por uma breve revisão de autores que se dedicam ao contexto da adolescência contemporânea. Discute-se, em seguida, a organização de personalidade *borderline* e suas apresentações na adolescência, para então abordar a questão dos vínculos afetivos de adolescentes com essa organização de personalidade, incluindo as vicissitudes de sua história e a possibilidade de experiências traumáticas.

## **2.2. Adolescência e cultura contemporânea**

Para além das questões intrapsíquicas e intersubjetivas, fundamentais para a constituição de uma personalidade saudável, faz-se necessário considerar os atravessamentos transubjetivos – a saber, a influência da cultura contemporânea em

todo este processo e suas interferências nas vivências da adolescência. O tempo contemporâneo é marcado pelo instantâneo, pela superficialidade e pelo imediatismo que (des)estrutura as relações (Cardoso, 2005; Figueiredo, 2003; Justo, 2005). Outras “marcas” desse panorama atual são fluidez das relações, a sociedade depressiva (Roudinesco, 2000), a cultura do narcisismo (Lasch, 1983) e a sociedade do espetáculo (Debord, 1997).

Soma-se a isso a questão de que, culturalmente, ser adolescente é um ideal e a mídia contribui significativamente para a representação deste ideal: ser jovem, transgredir, não ter limites, estar “fora da lei” (Calligaris, 2000; Conte, 1997; Corso, 1999; Kehl, 1998; Savietto, 2007). Assim, as barreiras intergeracionais cada vez diminuem mais, o que deixa o adolescente numa situação de desamparo, sem uma figura de adulto para se identificar (Jeammet & Corcos, 2005).

Quanto a isso, Kehl (2003), discutindo o fenômeno de “*teenagização* da cultura ocidental” e das mudanças nas configurações familiares, refere que o abandono das crianças e adolescentes de hoje ocorre quando os adultos responsáveis não sustentam sua diferença diante deles, não lhes conferindo um lugar. Tal situação resulta, segundo a autora, na fragilidade da transmissão de parâmetros éticos para as novas gerações. Este entendimento remete ao fenômeno da “*adulescência*” percebido nos dias atuais. Pais e filhos vestindo as mesmas roupas, disputando as mesmas mulheres, freqüentando os mesmos lugares, portando-se da mesma maneira, são situações que podem acarretar uma confusão muito grande para o adolescente, que se encontra em pleno processo de consolidação de identidade e de busca de confrontações e diferenciações (Calligaris, 2000; Corso, 1999; Kehl, 1998).

Como ser diferente num mundo de iguais? Como “amadurecer” e tornar-se um adulto, quando os adultos querem ser e portam-se tal como os adolescentes? Como ter uma segurança básica e uma sustentação adequada para explorar o mundo num contexto marcado pela violência, vínculos narcísicos e/ou fragilidades nos referenciais simbólicos culturais? São muitas as mensagens contraditórias transmitidas aos adolescentes.

Com efeito, o “fenômeno *borderline*” articula-se ao contexto da atualidade, tendo em vista este mal-estar contemporâneo, marcado por uma cultura cada vez mais competitiva, individualista e narcísica. Como consequência, aparece o “desenraizamento” do ser humano e o aumento de seu desamparo. O adolescente *borderline*, assim, busca um lugar de acolhimento cada vez mais difícil de encontrar

(Cardoso, 2005; Figueiredo, 2003; Hegenberg, 2000). Todos estes fatores, somados à proliferação da violência nos mais diversos âmbitos (urbano, familiar, institucional), à crise de valores éticos e às novas configurações familiares não podem ser desprezados quanto às suas implicações em termos de sofrimento psíquico e repercussões nos vínculos afetivos durante a adolescência (Birman, 2005; Calligaris, 1999; Levisky, 2002; Roudinesco, 2003; Savietto, 2007; Savietto. & Cardoso, 2006).

Diante desse panorama, os pais encontram-se “desmapeados” e, conseqüentemente, os filhos “desamparados” (Corso, 1999; Savietto, 2007; Savietto & Cardoso, 2006). Como repercussão, aparece o acréscimo das manifestações psicopatológicas entre os adolescentes expressas por meio do registro do ato (atuações) e da convocação do corpo, o que supõe uma precariedade dos mecanismos de simbolização (Conte, 1997; Corso, 1999; Figueiredo, 2003; Fonagy & Target, 2004; Levisky, 2002; Savietto & Cardoso, 2006).

Nessa vertente, Roudinesco (2003) salientou a ‘desordem’ em algumas dinâmicas familiares no cenário atual, em que a hierarquia parece não ter mais sentido, já que o poder se encontra descentralizado, caracterizando uma família “fraterna”, igualitária. Como conseqüência, aparece o enfraquecimento das referências parentais e a diluição dos limites e das regras, o que, muitas vezes, se traduz em desamparo, sobre-excitação e tendência a descargas afetivas na adolescência (Savietto, 2007).

Pode-se associar estas situações com as manifestações *borderline*, tendo em vista que nos adolescentes com este funcionamento a vivência afetiva apresenta-se desorganizada, com vinculações afetivas comprometidas, senso de identidade fragilizado e dinâmicas familiares marcadas por apegos do tipo inseguro. Além disso, as atuações (*acting out*) aparecem em relevo, podendo-se associar à insuficiência na rede de apoio e na sustentação afetiva percebida por estes adolescentes para o desenvolvimento de seu *self* (Bradley & Westen, 2005; Fonagy & Target, 2000; Graña, 2007; Levy, 2005).

### **2.3. Adolescência e organização de personalidade *borderline***

Há muitas controvérsias no que se refere às definições de “condições psicopatológicas” no período da adolescência, já que é muito sutil a barreira que separa o “normal” e o “patológico” neste momento evolutivo. O adolescente está ainda em processo de formação de sua personalidade, bastante atravessado pelo contexto em que

se encontra – portanto torna-se difícil falar em “estrutura” ou “transtorno de personalidade”.

Enquanto alguns autores são categóricos em caracterizar transtornos de personalidade na infância e adolescência (Kernberg, 1990, 2003), outros, como Giovachinni (1993), Outeiral (1993) e Masterson (1993), definem as situações patológicas na adolescência como “estados” ou “organizações”. Nesta mesma linha, Bergeret (1988) postula as anestruturas.

No que remete à concepção psicodinâmica da organização de personalidade *borderline* na infância e adolescência, os autores tendem a ter um consenso sobre este funcionamento psíquico e sobre suas vicissitudes. Assim, pensa-se numa personalidade marcada por fragilidades nas vinculações afetivas, uso de defesas primitivas, dificuldades acentuadas no processo de individuação, difusão de identidade (falta de integração do conceito de *self* e de outros significativos) e nível de operações defensivas primitivas (centradas no mecanismo de clivagem e identificação projetiva). Soma-se a isso a falta constitucional de autonomia primária, a baixa tolerância à ansiedade, o excessivo desenvolvimento de impulsos agressivos e a vivência de uma realidade que produz excesso de frustração nestes adolescentes (Baird et al., 2005; Bradley & Westen, 2005; Cardoso, 2005; Graña, 2007; Kernberg, 1995; Kernberg, Selzer, Koenigsberg, Carr & Appelbaum, 1991; Levy, 2005; Maranga, 2002).

Destacam-se, ainda as dificuldades nos relacionamentos interpessoais (acentuadamente conturbados e instáveis), as angústias de cunho depressivo (depressão narcísica) e um funcionamento marcadamente impulsivo e atuador. A intolerância à frustração, a precariedade na capacidade sublimatória, a falta de constância objetal e as falhas narcísicas estão presentes nesta dinâmica, acarretando graves perturbações na construção identitária e nas relações de objeto (denotando uma indiscriminação *self*-objeto). A tênue integração do superego também é um fator relevante, resultando em tendências anti-sociais e predomínio do processo primário (Agrawal et al., 2004; Bradley & Westen, 2005; Bradley et al., 2005; Cardoso, 2005; Carvalho, 2004; Diguier et al., 2004; Figueiredo, 2003; Kernberg, 2003; Outeiral, 1993; Vaz & Santos, 2006; Villa & Cardoso, 2004; Westen, Ludolph, Lerner, Ruffins & Wiss, 1990; Zilberleib, 2006).

Além disso, estão presentes dificuldades em reconhecer, diferenciar e integrar emoções, assim como representações fragmentadas e malevolentes de si e dos outros, além de características comportamentais - suicídio e auto-agressão, uso de substâncias,

bulimia. Tais situações trazem, como conseqüências, confusões de pensamentos e sentimentos, dificuldades com os limites, fronteiras frágeis, fluidas, e dificuldades em manter relações íntimas e duradouras com as pessoas. Nesse sentido, a gestão das tormentas afetivas mostra-se fundamental nos adolescentes com esta organização de personalidade (Agrawal et al., 2004; Bradley & Westen, 2005; Kernberg, 2003; Westen, Muderrisoglu, Shedler, Fowler & Koren, 1997).

A questão do senso de identidade dos adolescentes *borderline* é explorada em vários estudos (Bradley et al., 2005; Fonagy & Target, 2000; Kernberg, 1995; Wilkinson, Ryan & Westen, 2000 citados por Bradley & Westen, 2005). Os autores afirmam que a falta de uma identidade integrada é uma característica essencial na organização *borderline* de personalidade, repercutindo na experiência subjetiva de vazio crônico e percepções de si e dos outros contraditórias, empobrecidas e superficiais. O *self* é visto como inadequado, não – louvável e indigno pelos adolescentes *borderline*. Além disso, estes adolescentes referem se sentir estranhos, inferiorizados, impotentes, enxergando-se como permanentemente danificados, fragilizados, “do mal”. Disso decorre a sensibilidade à rejeição, o temor à solidão e o conflito entre uma desesperada necessidade de conexão com os outros (para regular seus afetos e seus medos) e o medo da vinculação. Ainda, aparecem sentimentos de raiva e ódio, decorrentes de sensações de rejeição, incompreensão ou vitimização por parte destes adolescentes (Bradley et al., 2005; Bradley & Westen, 2005; Gunderson, 1996; Putnam & Silk, 2005).

Kernberg (1995) levanta o questionamento relativo às dificuldades em diferenciar os graus normais e patológicos de difusão de identidade na adolescência. O autor conclui que a diferença está na “capacidade do adolescente não-*borderline* de experimentar a culpa e preocupação, de estabelecer relações interpessoais duradouras e não-exploradoras (...) e de avaliar realisticamente e em profundidade as pessoas” (p.53). Assim, os sujeitos *borderline*, no final da adolescência, se diferenciam por não realizarem as tarefas desenvolvimentais típicas dessa etapa, especialmente a consolidação de um senso de identidade do ego, a afirmação da identidade sexual, o afrouxamento dos laços com as figuras parentais e a superação da regência pelo superego infantil.

A partir da revisão de pesquisas sobre o funcionamento dos adolescentes *borderline* e suas famílias, percebe-se que a grande maioria dos estudos utiliza-se de métodos quantitativos e são predominantemente trabalhos internacionais. É freqüente o uso de questionários para a compreensão das características e dificuldades inerentes a



esta organização de personalidade (Barone, 2003; Bernstein et al., 2002; Chabrol, Montovany, Ducongé, Kallmeyer, Mullet & Leichsenring, 2004; Harvey & Byrd, 2000; Helgeland & Torgerser, 2004; Nickell et al., 2002; Reich & Zannarini, 2001; Rosenstein & Horowitz, 1996; Russ et al., 2003).

Por outro lado, algumas pesquisas qualitativas têm contribuído para essa temática, possibilitando uma análise em profundidade de sua psicodinâmica. Aí se situam as pesquisas com materiais clínicos (artigos teórico-clínicos) e com utilização de técnicas projetivas (Romero & Loreiro, 1997; Silva & Yazigi, 2004; Westen et al., 1990; Zilberleib, 2006).

Estudos de revisão de literatura também têm trazido acréscimos na elucidação das questões que permeiam a psicodinâmica dos adolescentes *borderline* e seus estilos de vinculações afetivas (Baird et al., 2005; Bradley & Westen, 2005; Fruzzetti et al., 2005; Lenzenweger & Cicchetti, 2005). Dentre as pesquisas teóricas sobre o tema, algumas têm focalizado as dimensões das relações de apego destes pacientes (Agrawal et al., 2004; Barone, 2003; Bateman & Fonagy, 2003; Holmes, 2003, 2004; Levy, 2005).

Na linha de estudos qualitativos, a partir da utilização do TAT (Teste de Apercepção Temática) e do *Rorschach*, alguns autores têm tratado das dimensões da identidade e das relações objetais dos pacientes *borderline*, sugerindo um funcionamento permeado por fragmentações, desvalorizações, manipulações, necessidade de gratificações dos objetos, impulsividade e dificuldades egóicas. Além disso, tendência a pensar de forma egocêntrica, apresentando dificuldades em diferenciar a sua perspectiva da dos outros (Romero & Loreiro, 1997; Silva & Yazigi, 2004; Vaz & Santos, 2006; Westen et al., 1990; Zilberleib, 2006).

A questão da possibilidade diagnóstica da personalidade *borderline* na adolescência (e suas manifestações) tem sido o foco de alguns estudos (Bleiberg, 1994; Bradley et al., 2005; Chabrol, Chouicha, Montovany & Callahan, 2001; Chabrol et al., 2004; Crick, Murray-Close & Woods, 2005; Paris, 2005). Essas pesquisas sugerem que se deve considerar seriamente o diagnóstico de personalidade *borderline* na adolescência sempre quando os pacientes apresentarem as características clássicas desta desordem.

Os sintomas mais frequentes encontrados nestes adolescentes, segundo a pesquisa de Chabrol et al. (2001), foram ideação paranóide ou sintomas dissociativos (97.1%), instabilidade afetiva (88.6%), sentimento intenso de raiva (85.6%),

comportamentos auto-destrutivos ou suicidas (82.9%), esforços imensos para evitar o abandono (77%), impulsividade (65.7%), relacionamentos instáveis e intensos (62.9%), distúrbio da identidade (60%), e o sentimento de vazio (57.1%). Dessa forma, apesar do *continuum* entre normalidade e patologia na adolescência, a personalidade *borderline* parece representar uma situação específica neste período (Bradley et al., 2005; Crick et al., 2005; Kernberg, 2003; Paris, 2005).

Diante da complexidade dos aspectos representacionais e das vicissitudes da constituição psíquica dos adolescentes *borderline*, constata-se a importância da compreensão de suas experiências e história familiar, além das relações existentes entre as características das vinculações afetivas entre pais e filhos e /ou os padrões de apego estabelecidos e a sua saúde mental e/ou psicopatologia. Este é o foco tratado a seguir.

#### **2.4. Os vínculos afetivos dos adolescentes com organização de personalidade *borderline***

A história familiar e os vínculos afetivos ocupam um lugar de destaque na psicodinâmica dos adolescentes *borderline*. Nesse sentido, a literatura tem enfatizado os antecedentes desenvolvimentais dessa organização de personalidade, discutindo o papel das experiências traumáticas, como abuso sexual e físico, história de prolongadas separações precoces e perdas parentais (como divórcio, doenças, viagens), exposição a atitudes parentais dominadoras, frias afetivamente e sádicas, marcadas por negligência emocional, superproteção e controle excessivo. Nessa senda, aparece um contexto familiar instável e caótico, marcado por ansiedade de separação, negação da autonomia dos filhos e um modelo de comunicação baseado em atuações (em detrimento das palavras). Geralmente, trata-se de vínculos afetivos comprometidos (diádicos, narcísicos, superprotetores e /ou negligentes), relacionadas a padrões de apego inseguro (Agrawal et al., 2004; Bradley & Westen, 2005; Cardoso, 2005; Fruzzetti et al., 2005; Graña, 2007; Hegenberg, 2000; Kernberg, 2003; Levy, 2005; Maranga, 2000; Outeiral, 1993; Zanarini, Williams, Lewis, Reich, Vera, Marino et al., 1997).

Alguns autores discutem as dificuldades na capacidade de mentalização (reconhecimento do estado mental do outro e do seu próprio estado mental) por parte dos pacientes *borderline* (Fonagy, 2000; Fonagy & Target, 2000; Fonagy et al., 2003). Segundo eles, a diminuição da capacidade reflexiva destes pacientes dá-se em função dos padrões de apego inseguro em seus vínculos parentais, a partir de vivências de relações objetais primárias comprometidas (em especial na fragilidade da função

especular que deveria ter sido exercida pelos cuidadores). Dessa forma, os “maus-tratos” sofridos por estes pacientes impedem a “mentalização” já que se torna perigoso reconhecer a intenção dos pais, pois isso faz com que se sintam sem valor, não dignos de amor. Assim, acabam tornando-se hipervigilantes em relação aos outros, tentando adaptar-se a eles, mas sem conseguir apreender seus próprios estados mentais.

No que se refere à associação da organização *borderline* com um contexto de relações familiares comprometidas, algumas pesquisas discutiram o papel das funções maternas e paternas nas manifestações deste sofrimento. Um dos problemas centrais dos pacientes *borderline* seria a falha no desenvolvimento da constância objetal e a incapacidade de evocar imagens positivas e confortantes dos outros diante de situações ansiogênicas. Tais dificuldades seriam resultantes das inconsistências maternas (falhas ambientais) e falta de empatia em relação à criança. A psicopatologia *borderline* derivaria, então, da ineficácia na introjeção de um *holding* adequado e tranquilizador, pela falta de um ambiente cuidador e protetivo, resultando numa intensa ansiedade de separação e ameaça de aniquilamento (Adler & Buie, 1979; Beresin, 1994; Bleichmar, 1994; Fonagy et al., 2003; Killingmo, 1989; Reich & Zonarini, 2001).

Levy (2005) realizou uma revisão de pesquisas acerca das implicações dos vínculos afetivos para a organização da personalidade *borderline*. O autor concluiu que há evidências substanciais sugerindo alguns fatores de risco para o desencadeamento desse quadro: vida familiar caótica, acrescida de alto nível de estresse parental e comunicações disruptivas entre os cuidadores e as crianças. Tais fatores interagem com o temperamento e predisposições genéticas como impulsividade, afeto negativo e propensão à agressão. A relação entre os fatores constitucionais e ambientais precisa ser considerada, portanto, no entendimento do funcionamento *borderline*.

Grande parte das pesquisas que tratam de relacionamentos pais-filhos em adolescentes *borderline*, utilizam-se, enquanto embasamento, da teoria do apego, a partir dos pressupostos de Bowlby (1997, 2002), Ainsworth (1989) e Main (1988). Por exemplo, Nickell et al. (2002) realizaram um estudo que mostrou que o vínculo afetivo e o estilo de apego - especialmente apego inseguro, ansioso ou ambivalente, e a percepção de uma relativa falta de cuidado e proteção da figura materna - estão associados com organizações *borderline* na infância e adolescência. A conclusão dessa pesquisa foi que os pacientes *borderline* apresentam dificuldades na esfera das relações íntimas e conflituosas no que se refere à dinâmica dependência versus distanciamento afetivo das pessoas. Mais especificamente, as disfunções nos padrões de apego refletem

dificuldades em manejar a ansiedade, o que afeta as relações interpessoais e pode se manifestar como instabilidade afetiva, sentimentos extremos de raiva e ódio e comportamentos autodestrutivos.

Em concordância, para Atienza e Rodríguez (2004) o estilo de apego desorganizado tem sido o mais consistentemente associado com psicopatologia na infância e adolescência, estando relacionado com o desenvolvimento da organização de personalidade *borderline*. Crianças e adolescentes com este estilo de apego apresentam condutas confusas e desordenadas, com dificuldades de separação em relação à figura de apego, ausência de estratégias na busca de conforto diante de situações de estresse e atitudes ambivalentes e evitativas. As mães destes adolescentes com frequência foram vítimas de traumas, sendo ansiosas e temerosas. Projetam seus medos nas circunstâncias atuais e são incapazes de reconhecer as demandas de seu filho, oferecendo respostas inconsistentes (Atienza & Rodriguez, 2004). Os autores referem, ainda, que as consequências deste padrão de apego ainda são pouco conhecidas, mas que se associa com ambientes familiares marcados por fatores de risco aumentados, como depressão materna, conflitos maritais ou maus-tratos e abuso.

Agrawal et al. (2004) corroboram a afirmação de que relações de apego inseguro (principalmente do tipo desorganizado), durante a infância, mostram-se como um fator de risco significativo para a personalidade *borderline*, tendo em vista que todos os estudos por eles revisados associam o diagnóstico de personalidade *borderline* com estilos de apego inseguro. Porém, alertam para o fato da existência de diversos instrumentos que se prestam a medir e avaliar o apego, o que faz com que a subclassificação de apego inseguro varie entre as pesquisas (evitativo, preocupado, não-resolvido, desorganizado e temeroso são os mais citados).

Além disso, alguns estudos têm avaliado o papel da negligência e da superproteção na infância dos pacientes *borderline*, além das representações parentais por parte dos adolescentes com essa organização de personalidade (Hallie & Paris, 1991; Levy, 2005; Nickell et al., 2002). Destacam-se, nesse sentido, as percepções contraditórias, fragmentadas e conflitivas em relação aos pais. As mães geralmente são vistas como pouco carinhosas e pouco cuidadoras, altamente controladoras, com altos níveis de encorajamento de autonomia e alta permissividade, o que acaba refletindo numa representação de falta de controle parental. Assim, famílias não abastecedoras (do ponto de vista emocional), instáveis, imprevisíveis e com história de abuso intrafamiliar foram associadas ao desenvolvimento da organização *borderline* em adolescentes

(Lyons-Ruth et al., 2005; Reich & Zanarini, 2001; Westen et al., 1990; Zanarini et al., 1997).

Aponta-se, ainda, que as falhas ocorridas durante a constituição psíquica destes adolescentes associam-se às suas interações precoces, podendo estar relacionadas às falhas na constituição psíquica da própria mãe. O fracasso da constelação narcisista da mãe impediria que ela pudesse exercer a função de objeto materno narcizizante, não conseguindo dar sentido às experiências do bebê. Assim, as vivências não conseguiriam se transformar em experiências, e o sujeito se expressaria a partir de atuações e descargas (em detrimento das representações e simbolizações) (Bleichmar, 1994; Fonagy et al., 2003; Graña, 2007; Outeiral, 1993). Daí decorre as dificuldades nos vínculos afetivos dos adolescentes *borderline*: tornam-se invasivos, provocativos, sem limites claros entre o eu e o outro e buscam testar as pessoas com as quais se relacionam a fim de se certificarem dos vínculos (André, 2004; Villa & Cardoso, 2004).

A organização *borderline* de personalidade também tem sido relacionada a experiências traumáticas vivenciadas na infância (Baird et al., 2005; Fonagy et al., 2003; Reich & Zanarini, 2001). Ainda existem controvérsias no que diz respeito a esta associação: enquanto alguns estudos têm apontado uma relação bastante significativa entre experiências de trauma e o desenvolvimento de personalidade *borderline*, outros têm buscado romper com esta associação.

No primeiro grupo, já foi referido que a parentalidade inapropriada ou negligente e as experiências traumáticas estão associadas à etiologia do *borderline*. Abusos (físicos e sexuais), negligências, cuidados parentais empobrecidos, ambiente emocional primitivo imprevisível, psicopatologia parental, alcoolismo parental, assim como déficits nos fatores protetivos (talentos artísticos, desempenho escolar, habilidades etc.) podem contribuir substancialmente para o desencadeamento da personalidade *borderline* (Barone, 2003; Beresin, 1994; Bradley, Jenei & Westen, 2005; Fruzzetti et al., 2005; Gunderson & Zanarini, 1989, citado por Reich & Zanarini, 2001; Helgeland & Torgerser, 2004; Nickell et al., 2002; Russ et al., 2003).

Por outro lado, discutindo a relação de causalidade entre as duas variáveis – abuso sexual e personalidade *borderline*, algumas pesquisas discutem o fato de que um significativo percentual dos pacientes avaliados como sendo *borderline* não tiveram situações de abuso físico e/ou sexual em sua infância. Deste modo, a evidência disponível não sustenta este fator (abuso) ou outros fatores ambientais como suficientes

para explicar o desenvolvimento de personalidade *borderline* (Fruzzetti et al., 2005; Zanarini et al., 1997).

Dessa forma, a presença de alguma forma de violência é um fator relevante na etiologia do *borderline*, mas tais ocorrências durante a infância parecem contribuir parcialmente na predição da personalidade *borderline*, dependendo da influência do ambiente familiar. A psicopatologia parental, bem como os cuidados parentais, parecem ter efeitos mais significativos no desenvolvimento dessa organização de personalidade.

## **2.5. Considerações Finais**

A temática das vinculações afetivas dos adolescentes com organização de personalidade *borderline*, tratada no presente estudo, vêm ao encontro das demandas atuais da clínica psicológica, tendo em vista o incremento destas manifestações na contemporaneidade. Assim, cabe refletirmos acerca da adolescência a partir de uma ótica contextualizada. Neste panorama, o sofrimento psíquico dos adolescentes tem se mostrado predominantemente associado com fenômenos de passagens ao ato (Savietto, 2007; Savietto & Cardoso, 2006). Dentre essas manifestações, os funcionamentos *borderline* vêm ganhando largo espaço, diante da instabilidade, vulnerabilidade, incertezas e inseguranças decorrentes do contexto social e familiar atual. O desamparo, a falta de ancoragem simbólica e as desestruturações cada vez mais intensas dos vínculos têm contribuído, em alguma medida, para tais sofrimentos.

Destacam-se, nestas organizações, as dificuldades na identidade e nas relações objetais. Além disso, uma psicodinâmica em que habitam situações de descontroles afetivos, sentimentos de raiva e ódio, intolerância à frustração e à solidão e fragilidades na capacidade reflexiva (Fonagy et al., 2003; Gunderson, 1996; Reich & Zanarini, 2001).

A literatura existente sobre as organizações *borderline* na infância e na adolescência vem ganhando destaque no contexto científico, porém ainda muito do que se sabe sobre esse modo do funcionamento é fruto de investigações em adultos. Nesse sentido, urge a necessidade de mais pesquisas acerca desse tema, com estas populações, a fim de proporcionar maiores esclarecimentos sobre suas características e vicissitudes.

Soma-se a isso a constatação de que a maioria dos estudos que se debruçaram nesse tema são oriundos de fontes internacionais, carecendo-se, dessa forma, de pesquisas com as crianças e adolescentes brasileiros com organização *borderline* de personalidade. Além disso, os métodos quantitativos predominam na literatura referente

a essa temática, buscando elucidar os principais fatores desencadeantes desses funcionamentos e os instrumentos que se prestam a medir as características do mesmo.

Sem deixar de considerar as contribuições que tais estudos têm trazido, ressalta-se a importância de explorações qualitativas, prezando por aprofundamentos e compreensão das singularidades dessa organização de personalidade na infância e adolescência. Assim, estudos clínicos poderiam oferecer uma contribuição fundamental.

A partir da revisão realizada, percebe-se, também, que a questão dos vínculos afetivos nestes adolescentes ainda é pouco discutida, carecendo de mais pesquisas. O que se tem sugerido, nesse ponto, é que a história familiar dos adolescentes com organização *borderline* é frequentemente marcada por situações de desamparo, fragilidades no suporte familiar, vivências de abusos das mais diversas ordens e dinâmicas familiares bastante instáveis, desorganizadas, em que predominam estilos de apego inseguro (em especial do tipo desorganizado). A falta de coerência e de estabilidade na identidade e nas relações objetais e as fragilidades nos vínculos afetivos destes adolescentes parecem ser as características mais marcantes nos adolescentes *borderline*.

Embora alguns estudos tenham se dedicado à relação entre a organização *borderline* e os padrões de apego na infância e adolescência, permanece a necessidade de se compreender em que medida e de que forma as histórias de vida e as características dos vínculos afetivos destes adolescentes contribuem para as manifestações desse sofrimento. Ou seja, cabe examinar como e em que medida as relações objetais destes adolescentes se interligam com o desenvolvimento de uma organização *borderline* de personalidade. Estudos longitudinais poderiam beneficiar esta discussão.

### Seção 3

#### **Artigo Empírico<sup>5</sup>: Johnny, Camila e Natasha: caracterização dos vínculos afetivos de adolescentes com indicadores de organização de personalidade *borderline* e seus pais<sup>6</sup>.**

##### **3.1. Introdução**

O foco deste estudo foi a caracterização, a análise e a compreensão dos vínculos afetivos de adolescentes com indicadores de organização de personalidade *borderline*, em especial os estabelecidos com seus pais ou cuidadores primários. Buscou-se apreender a história de vida destes adolescentes, bem como os eventos significativos na sua trajetória, integrando-os numa compreensão psicodinâmica, e analisando suas repercussões sobre os vínculos afetivos e a organização de personalidade *borderline*. O estudo foi pautado por uma abordagem qualitativa de pesquisa, e baseou-se em uma leitura psicanalítica.

A organização de personalidade *borderline* na adolescência constitui um tema pouco explorado no campo científico. A partir da revisão de literatura realizada, constatou-se que ainda são poucos os estudos que se debruçaram sobre os aspectos vinculares destes adolescentes. Além disso, a grande maioria das pesquisas nesta área trata de pacientes *borderline* em geral, encontrando-se predominantemente estudos internacionais e quantitativos.

Assim, considerou-se que o estudo destas manifestações na adolescência, em especial no que diz respeito às vicissitudes dos vínculos afetivos desses jovens, numa abordagem qualitativa de pesquisa, mostra-se como um desafio para a clínica psicológica. Além disso, partiu-se do pressuposto de que o significativo número de manifestações *borderline* na atualidade não pode ser desvinculado do panorama cultural contemporâneo, marcadamente individualista, egocêntrico, permeado por funcionamentos familiares conflitivos, caóticos e instáveis (Birman, 2005; Figueiredo, 2003; Hegenberg, 2000; Jeammet & Corcos, 2005). Em decorrência, o desamparo e as manifestações de sofrimento via ato (*acting-out*) têm ganhado espaço na clínica de adolescentes (Cardoso, 2005; Jeammet & Corcos, 2005; Savietto, 2007; Savietto &

---

<sup>5</sup> Esta seção compõe o Artigo Empírico da Dissertação, o qual será submetido à revista Psicologia, Teoria e Pesquisa.

<sup>6</sup> Os resultados e análises aparecem, de modo mais exaustivo, no Relatório de Pesquisa (Seção 1). Nessa seção serão apresentados novamente os casos e as discussões dos mesmos, de forma mais suscinta.



Cardoso, 2006).

Os vínculos constituídos entre pais e filhos exercem um papel essencial na saúde mental e/ou no desenvolvimento de psicopatologias no decorrer da infância e da adolescência. Relações saudáveis do ponto de vista emocional funcionam como fatores de proteção. A qualidade das relações interpessoais e suas representações afetivas desempenham, portanto, um papel essencial na determinação de vulnerabilidades a psicopatologias, assim como na promoção de resiliência e ajustamento psicossocial (Assis, Pesce & Avanci, 2006; Atienza & Rodríguez, 2004; Bolles, 1999; Brown & Wright, 2001; Harvey & Byrd, 2000).

Em contrapartida, vínculos inseguros, desorganizados e indiscriminados mostram-se fortemente relacionados ao sofrimento psíquico dos adolescentes, expondo-os a situações de vulnerabilidade emocional e afetiva. Dentre essas situações, situa-se o adolescente *borderline*, acentuadamente atuador, com fragilidades significativas nas representações de si (identidade) e dos outros. Trata-se de funcionamentos psicodinâmicos em que predominam angústias primitivas e desestruturantes, intolerância à ansiedade e às frustrações, temor de perda do objeto (angústia depressiva) e intensos sentimentos de raiva. Assim, a dimensão narcísica encontra-se debilitada nesta organização de personalidade, o que se associa com a precariedade emocional do ambiente em que se deu o desenvolvimento destes adolescentes (Baird et al., 2005; Bleiberg, 1994; Bradley & Westen, 2005; Cardoso, 2005; Graña, 2007; Levy, 2005; Maranga, 2002; Outeiral, 1993).

Para Levy et al. (2007) existe uma base depressiva, de cunho fenomenológico, que precisa ser considerada nesses pacientes. Segundo os autores, a esfera depressiva do *borderline* associa-se com suas condutas auto-destrutivas, comportamentos impulsivos e dificuldades nas relações interpessoais. Da mesma forma, Maranga (2002) refere que o *borderline* está sempre em busca de “novos investimentos numa procura constante do que nunca teve e se recusa a aceitar que nunca terá, ou seja, um amor incondicional por parte dos objetos primordiais” (p.222). Trata-se, portanto, de uma depressão de abandono, pelo temor da perda, da solidão, da falta, do desamparo.

Nessa ótica, a literatura tem apontado que as famílias destes adolescentes também se caracterizam por um funcionamento dinâmico *borderline*, em que imperam as atuações (em detrimento das simbolizações), dificuldades no processo de separação-individação, denotando um ambiente não-responsivo e não-protetor, com histórias de abusos e negligências. Geralmente, constituem-se como núcleos familiares caóticos e

instáveis, com acentuadas dificuldades na comunicação interpessoal e na esfera afetiva (Agrawal et al., 2004; Bradley & Westen, 2005; Cardoso, 2005; Fonagy et al., 2003; Fruzzetti et al., 2005; Graña, 2007; Hegenberg, 2000; Kernberg, 2003; Levy, 2005; Maranga, 2000; Outeiral, 1993; Reich & Zanarini, 2001).

No que diz respeito às relações objetais e às representações dos cuidados parentais, alguns estudos têm sugerido que os adolescentes *borderline* tendem a representar seus pais como pouco cuidadores e altamente controladores, resultando numa percepção de um *holding* falho e insuficiente. Além disso, é comum nas famílias destes adolescentes a existência de psicopatologia parental e/ou abuso de álcool ou substâncias, e histórias de violências das mais diversas ordens (Barone, 2003; Fruzzetti et al., 2005; Helgeland & Torgerser, 2004; Nickell et al., 2002; Russ et al., 2003).

Algumas pesquisas têm se utilizado da teoria do apego a fim de elucidar a associação entre os padrões de apego entre pais e filhos e a etiologia da organização *borderline* (Agrawal et al., 2004; Barone, 2003; Bateman & Fonagy, 2003; Holmes, 2003, 2004; Levy, 2005; Nickell et al., 2002). Nesse sentido, o apego inseguro do tipo desorganizado tem sido o mais fortemente relacionado com essa organização de personalidade. As conseqüências disso, dentre outras, seriam a diminuição na capacidade reflexiva, a falta de constância objetal, e a construção de modalidades relacionais instáveis, marcadas por idealizações e frustrações constantes (Agrawal et al., 2004; Atienza & Rodríguez, 2004; Bateman & Fonagy, 2003; Fonagy et al., 2003; Holmes, 2004; Levy, 2005; Nickell et al., 2002).

Faz-se necessário, também, considerar a influência da dimensão transgeracional na dinâmica vincular destes adolescentes, levando-se em consideração que nos resultados da presente pesquisa esse aspecto apareceu com bastante destaque. A vertente da transgeracionalidade tem sido cada vez mais contemplada e estudada pela psicanálise contemporânea. Entretanto, ainda não tem sido explorada a influência deste aspecto na organização *borderline* na adolescência. Kancyper (1999) refere que o narcisismo parental constitui-se como um fator que pode dificultar o desenvolvimento da vida subjetiva do filho, já que algumas vezes estes permanecem aprisionados aos ideais narcísicos de seus pais, através de uma “identificação alienante”. A necessária confrontação entre as gerações torna-se, portanto, condição de possibilidade para o adolescente adquirir sua própria identidade, “efetuando um trabalho diário de reelaboração para conquistar sua condição subjetiva de ser vivo com existência própria” (Kancyper, 1999, p. 85).

Os autores que vem se dedicando ao estudo da transgeracionalidade têm discutido os mecanismos de projeções, introjeções e identificações, através dos quais se operam as transmissões psíquicas – em especial aquelas não elaboradas na história de cada família. Para Correa (2003) e Kaës et al. (2001), essa transmissão pode ser tanto estruturante (definindo um lugar simbólico de pertencimento na família, e possibilitando a reprodução de crenças, valores e princípios familiares) quanto alienante (em que o sujeito fica depositário de conteúdos não-metabolizados, não-representados, acarretando em atuações e psicopatologias). A transmissão negativa, alienante, retira do sujeito seu discurso singular e o aprisiona nos fantasmas familiares, repercutindo substancialmente no surgimento de sintomas e psicopatologias.

Diante do exposto, a pesquisa realizada focalizou os vínculos afetivos de adolescentes com indicadores de organização de personalidade *borderline*, buscando descrevê-los, analisá-los e compreendê-los. A literatura científica e a experiência clínica com adolescentes vêm mostrando a importância da dimensão intersubjetiva /vincular nesse período. Além disso, estes adolescentes mostram-se como um desafio à clínica psicanalítica atual, o que convoca à investigação científica.

### **3.2. Método**

O estudo foi pautado por uma abordagem qualitativa-exploratória, a partir da realização de Estudos de Casos Múltiplos (Yin, 2003). Participaram três adolescentes, com idades entre 16 e 17 anos, sendo um do sexo masculino e duas do sexo feminino. Os participantes foram acessados a partir de uma triagem realizada em duas escolas de Ensino Médio. A triagem foi baseada na aplicação de dois instrumentos auto-relatados, que foram preenchidos pelos adolescentes: o CBCL (*Child Behaviour Checklist* - Achenbach, 1991), versão auto-relatada para jovens, e o BPI (Inventário de Personalidade *Borderline*, Leichsenring, 1999). Foram selecionados aqueles que obtiveram escores clínicos tanto nos problemas internalizantes quanto externalizantes no CBCL e os que apresentaram pontuação no BPI indicativa de organização *borderline* de personalidade. Esses adolescentes foram convidados a participar da segunda etapa do estudo, juntamente com seus pais. O projeto foi submetido à apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa da UNISINOS, e todos os participantes, tanto da primeira etapa (triagem) quanto da segunda (Estudos de Caso) foram detalhadamente informados a respeito do estudo, seus objetivos e procedimentos, concordando em participar.

O número de participantes da segunda etapa não foi definido *a priori*, tendo sido utilizado o critério da saturação para a continuidade das avaliações. Nesta etapa, foram utilizados os seguintes instrumentos: a) entrevistas semi-estruturadas com os pais e entrevistas semi-estruturadas com os adolescentes, a fim de estabelecer um *rapport* inicial, e a escuta da história de vida dos pais, dos adolescentes, e da representação dos vínculos afetivos, na perspectiva de ambos; b) Inventário de Vínculo Parental (Traduzido do PBI - *Parental Bonding Instrument* - Parker et al., 1979; Hauck et al., 2006), instrumento auto-relatado que avalia a representação do vínculo materno e paterno por parte dos adolescentes, com base em itens que se referem às dimensões da percepção dos cuidados recebidos e do nível de controle/superproteção; c) Teste do Desenho da Família, avaliado pela Escala de Frequência de Sinais Específicos e Escala Global, desenvolvidas por Fury et al. (1997) e validadas no Brasil por Cecconello e Koller (1999) e Cecconello et al. (2000) que analisam as características do apego familiar; d) Teste Projetivo *Rorschach*, com base nos postulados da escola francesa de psicanálise, a fim de elucidar a psicodinâmica das relações objetais dos adolescentes (Anzieu, 1961/1986; Chabert, 1987/1993; Rausch de Traubenberg, 1970/1998).

Os dados foram analisados com base no referencial teórico psicanalítico, especialmente nas contribuições dos teóricos das relações objetais e na revisão de pesquisas sobre os vínculos afetivos dos adolescentes *borderline*. Como estratégia analítica geral, foi adotado o método de proposições teóricas, de acordo com Yin (2003) tendo sido percorridas as seguintes etapas:

1º. Passo: foi realizada uma descrição abrangente de cada caso, organizada de forma **cronológica** (seguindo os eventos importantes da história de vida dos adolescentes, de acordo com a percepção dos seus pais e a sua própria) e **temática** -com base nas seguintes categorias de análise: “vínculos entre os adolescentes e seus pais”, conforme foram descritos por ambos, “eventos significativos de vida” e “eventos estressores”, também na percepção de ambos, “representações inconscientes das relações com os objetos primários”, baseada nos resultados do *Rorschach*, “representação dos vínculos de apego”, baseada nos resultados do Teste do Desenho da Família e “percepção dos cuidados parentais pelos adolescentes”, baseada nos resultados do Inventário de Vínculos Parentais (PBI).

2º. Passo: foi utilizada a técnica de Construção da Explicação, com o objetivo de analisar exaustivamente os dados de cada estudo de caso e construir uma explicação psicodinâmica sobre o mesmo, e a técnica de Análise de Séries Temporais, na

modalidade cronológica, com o objetivo de explorar os eventos ao longo da história de vida do adolescente, identificando presumíveis eventos causais, especificamente em relação àqueles que tiveram impacto sobre as relações objetivas significativas do adolescente (Yin, 2003).

3º. Passo: foi utilizada a técnica de Síntese de Casos Cruzados (Yin, 2003), com o objetivo de confrontar os resultados obtidos na análise de cada caso, identificando convergências e divergências e buscando, desta forma, evidências que auxiliassem a responder quais são as características dos vínculos afetivos constituídos entre adolescentes com organização de personalidade *borderline* e seus pais ou cuidadores primários.

### **3.3. Resultados**

#### *Caso 1: Johnny: o frágil selvagem*

Johnny é um jovem de 17 anos, que vive com seu pai. Os dados foram obtidos através de entrevistas com seu pai e com ele. Sua gravidez não foi desejada nem planejada. Ocorreu num momento em que os pais haviam terminado o namoro, sua mãe ainda era adolescente (18 anos). O casamento de seus pais ocorreu por pressão da avó paterna e o casal foi viver com a avó materna de Johnny.

As relações familiares sempre foram conturbadas, tanto na linhagem materna como paterna. A mãe de Johnny foi fruto de uma relação extraconjugal da mãe, e não sabia disso (embora sempre tivesse desconfiado). Há conflitos na sua família até hoje com os irmãos, em função de herança. Sua mãe foi negligente com ela, e sua avó materna também teria sido negligente com os filhos. Além disso, tem uma tia com problemas mentais, e uma outra que se suicidou.

Na família do pai de Johnny, sua mãe era a figura autoritária, e o pai era compreensivo, amparava. Houve vários conflitos entre ele e suas irmãs, o que provocou um afastamento da mãe em alguns períodos. Quando sua mãe morreu, ela lhe pediu perdão por tê-lo feito se casar.

O relacionamento conjugal dos pais de Johnny sempre foi instável. Não havia um vínculo forte entre eles. Depois do nascimento do filho a mãe revelou que engravidou de propósito, e o pai, que não planejava se casar nem ter filhos, declarou que quando o menino completasse 8 anos se separaria. Segundo o pai, a mãe era “desligada”, não tinha proximidade afetiva com o filho; era ele quem fazia a função materna: dava mamadeira, trocava fraldas, lavava fraldas, fazia dormir, brincava e

passeava com ele, mesmo trabalhando muito e ficando pouco em casa. Para Johnny a referência em termos de carinho, limites e educação é o pai.

O casal se separou quando Johnny tinha 10 anos, sendo que o processo de separação foi tumultuado, demorado e ambivalente. Envolveu muitas brigas, agressões, processo judicial, batalhas financeiras, retiradas de móveis e objetos de casa. As brigas do casal também provocaram o afastamento do pai de Johnny de seu próprio pai, sendo que os dois acabaram rompendo e não resgataram sua relação até a morte desse avô paterno.

Johnny referiu que os pais “brigavam direto” na sua infância, o que fazia com que ele se sentisse mal. Era uma relação de “saturo”, em sua opinião. Seu pai havia tido amantes e o filho participava da situação, acompanhando o pai em visitas e viagens com elas. Johnny acredita que os pais se separaram porque ele deu um ultimato, dizendo que não agüentava mais a situação. Quando isso de fato ocorreu, a mãe disse para Johnny que não o queria morando com ela. Apesar disso, o filho passava algumas temporadas com a mãe, mas nunca se sentiu muito ligado a ela. Percebe que a mãe também não é ligada a ele. Acredita que o desapego da mãe acabou gerando o seu desapego.

A mãe de Johnny teve várias internações por problemas psiquiátricos. Envolveu-se com um jovem viciado em cocaína, foi perdendo tudo o que tinha (carros, dinheiro). Investiu em atividades que não deram certo.

Por volta de 12, 13 anos Johnny já consumia bebidas alcoólicas, chegando a entrar em coma em certa ocasião, mesmo com a mãe “presente” no mesmo evento, o que culminou com a mudança definitiva para a casa do pai e da sua companheira atual. Desde então, não teve mais contato com a mãe. A mãe não o procura em aniversários, Natal, Ano Novo.

Segundo o pai, os problemas relacionados ao abuso de drogas e cigarro iniciaram há uns 4 anos. O pai acredita que a convivência com a mãe facilitou e o levou a isso, e também a companhia de alguns amigos “barra pesada”. Atribui a responsabilidade pelo problema aos outros, não vê o seu envolvimento e responsabilidade. Ele disponibiliza dinheiro e total liberdade ao filho, facilitando, portanto, o abuso de drogas.

Segundo Johnny, depois da 5ª série sua vida “foi um caos, começou a aprender a vadiar”. Virou “magrão”. Johnny andava com amigos mais velhos, começou a fazer uso de maconha. Passava muito tempo sozinho, podia fazer o que queria. Nos anos

seguintes teve períodos de uso mais freqüente de maconha, álcool e cigarro, e períodos de uso menos freqüente. Já teve problemas com a polícia, e o pai teve que intervir para que não fosse preso. Teve, também, uma namorada com quem viveu jornadas de “sexo e maconha”.

Todas as coisas que Johnny apronta, inclusive na questão das drogas, ele deixa rastros, e sempre o pai fica sabendo. O pai não percebe isso como um pedido de ajuda ou de limites do filho. O pai referiu que costuma “largar a corda” para ver onde a situação vai chegar: “eu largo a corda, se ele se enforcar o problema é dele”.

O pai vê o filho como alguém muito sozinho. Acha que os amigos se aproximam por interesse – pelo dinheiro dele, pela carona, pela guitarra, pelo skate. Também o vê como alguém que se mostra arrogante, auto-suficiente, “o bom”.

A convivência de Johnny com a companheira do pai, no início foi distante. Depois, como ela é uma “super-mãe” com a filha, também foi assim com ele, e houve uma aproximação maior; faziam muitas coisas juntos (ir ao mercado, aulas de inglês, conversavam). No início o pai acha que Johnny se chocou ao ver a maneira como sua companheira tratava a filha, já que ele não teve esse tipo de cuidado e atenção, e de repente tinha uma família.

Sobre a relação com o filho, o pai afirmou que por um lado é muito ligado a Johnny, mas por outro, se chegar a um ponto em que achar que não suporta mais, “vai dizer para o juiz que não dá mais”, vai vender tudo o que tem para não deixar para ele, caso se torne um mau caráter. Johnny, por sua vez, descreveu a relação com o pai como sendo a pessoa que lhe diz o que é certo e o que é errado. Quando pequeno eram mais próximos e carinhosos. Hoje, percebe que se afastaram um pouco.

A análise do *Rorschach* revelou que Johnny apresenta um empobrecimento significativo nas suas vivências afetivas e nas relações objetais. Suas representações objetais são precárias e pouco integradas. As relações superficiais são menos comprometidas, embora haja dificuldades nas trocas afetivas em geral e nos contatos sociais. As relações profundas são instáveis, contraditórias e ambivalentes.

Johnny apresenta falhas na sua capacidade de controle afetivo, o que o impede de dar um contorno, um limite às experiências (“envelope” corporal e psíquico fragilizado) (Anzieu, 1961/1986). Há uma saliência do pólo pulsional, o afeto é intenso, o que dificulta o uso da razão e de mecanismos de autocontrole. Há evidências de conflito com relação à sexualidade e identidade. Sua representação de si é instável e desorganizada, permeada por temores de invasão de conteúdos inconscientes.

O *Rorschach* evidenciou, ainda, a presença de conflitos com os objetos internalizados. Aponta para vivências negativas com figuras femininas, e dificuldades importantes com a figura materna, possivelmente relacionadas a alguns indicadores de uma depressão narcísica subjacente e mecanismos para proteger as fronteiras do eu e substituir o vazio do espaço interior. Todos esses aspectos sugerem pouca estabilidade nos seus vínculos afetivos, fragilidades dos mesmos, e vivências de desamparo e falta de continência relacionada às figuras parentais.

O resultado encontrado no *Inventário de Vínculos Parentais (PBI)* corrobora estes achados, especialmente no que diz respeito à figura materna. A mãe é percebida por Johnny como “Negligente”, obtendo resultados baixos tanto no que diz respeito à categoria de “Cuidado materno” como “Superproteção materna”. Por outro lado, a percepção dos cuidados oferecidos pela figura paterna indicou “Cuidado ótimo”, resultante da categoria “Cuidado paterno”, percebido como alto, e “Superproteção paterna”, percebida como baixa.

O resultado encontrado nas Escalas de Frequência de Sinais Específicos e Escala Global, aplicadas ao **Desenho da Família**, foi indicativo de um padrão de apego do tipo inseguro desorganizado.

### *Caso 2: Natasha*

Natasha tem 17 anos, e mora com os pais e dois irmãos – uma moça de 19 anos e um rapaz de 16 anos. A mãe de Natasha mostrou-se uma mulher cansada, sofrida e passiva, relatando várias dores e sofrimentos. O pai portou-se de modo acentuadamente defensivo e projetivo, minimizando as situações e não se implicando nas mesmas.

Para a mãe, os problemas familiares giram em torno principalmente da condição do marido: segunda ela, uma pessoa muito complicada, muito rígida, que está “sempre incomodando”, pois bebe excessivamente e se descontrola. O pai de Natasha freqüentemente se envolve em brigas, discussões, problemas com a polícia. Ele faz uso abusivo de álcool e já se envolveu em acidentes com carros de clientes (inclusive durante a gravidez de Natasha). Recentemente, tentou matar um vizinho, por um desentendimento banal. Já atacou com uma faca a própria esposa, fato que Natasha presenciou e precisou acionar a polícia. Nessa ocasião, o pai também empurrou a filha, que acabou quebrando um dedo. “Achei que ele ia matar eu e ela”, referiu Natasha.



Natasha e sua mãe reclamaram da pouca atenção destinada a família por parte dele e da disposição para “festas e bebedeiras” com os amigos. A mãe não sabe mais como lidar com a situação, e já foi até a delegacia de polícia prestar queixa do marido.

Sobre a história de vida de Natasha, um fato marcante é que após o nascimento do último filho a mãe entrou em depressão e teve problemas neurológicos (desmaios, ataques epiléticos, perda de memória). Nesta época, Natasha tinha cerca de 3 a 4 anos. A mãe falou deste momento com bastante culpa, afirmando que as crianças ficaram “jogadas”.

Na percepção dos pais, dentre os filhos, Natasha é a que sempre se destacou mais, chamando a atenção de alguma forma. Frequentemente “aprontava” na escola, envolvendo-se em confusões e brigas com colegas e professores, matando aula etc. A mãe considera a filha confusa, contraditória, instável, com muitas oscilações de humor e de comportamento. Além disso, percebe que Natasha nunca construiu relações de amizade muito íntimas, e considera que ela tenha companhias somente para “agitar”, “tomar uma cerveja”.

Na percepção do pai, ele tem um bom relacionamento com a filha, e considera que ela o respeita (o que não acontece com a mãe). Disse ser mais explosivo e mais rígido que a esposa, já tendo se utilizado de “surras” na educação dos filhos, principalmente com Natasha. Ele considera Natasha muito “emburrada”, sempre insatisfeita e reclamando das coisas. Não permite que as filhas namorem.

Os pais já desconfiaram do uso de drogas por parte de Natasha, pois perceberam mudanças em seu comportamento e incremento da agressividade. Porém, negam a situação, referindo que controlam a filha e acreditando que ela não tem inclinação para isso. Em contrapartida, no relato de Natasha, apareceu o uso abusivo de álcool, cigarro e drogas e a falta de olhar dos pais em relação a ela. A jovem ressaltou várias vezes o quanto não se sentia bem em casa, o que a leva a sair para esquecer dos problemas.

Sobre a relação com a mãe, Natasha mostrou-se bastante revoltada e ressentida por não terem uma relação de intimidade. Acha que a mãe não se importa com ela, preferindo os irmãos, e que não a valoriza: “Ela tá sempre ruim, com dor, cansada... Só fala comigo pra me xingar (...) Pra ela tudo o que eu faço, nada tem importância”.

Natasha têm poucas lembranças de sua infância, mas afirmou “carregar um trauma” de ter sido sempre a culpada de tudo entre os irmãos, e a que mais apanhou do pai. Sempre foi vista como, “a que só dá trabalho”, “a que só vai pro mau caminho”, “a que não presta”. Apesar disso, salientou que sua relação com o pai era muito boa,

inclusive parecendo existir uma certa “aliança” e cumplicidade entre os dois. Quando questionada sobre o fato de gostar tanto do pai e, ao mesmo tempo, ressentir-se de ter apanhado dele, referiu: “Quanto mais ele me batia parece que mais eu gostava dele... Ele me batia e dizia ‘minha filha é para o teu bem’”.

Natasha se considera uma pessoa muito impulsiva e reativa (envolveu-se em brigas e discussões com professores e colegas). Algumas vezes teve o apoio do pai nessas brigas, embora também apanhasse dele pelas reclamações da escola.

Confia e gosta muito do irmão, e já teve sérios problemas com a irmã. Em uma das brigas, a irmã teria dito que ela era adotada, e que deveria procurar sua família. A partir disso, Natasha começou a desconfiar dessa história, e carrega essa dúvida até hoje.

Começou a fumar cigarro aos 13 anos, passando logo em seguida para o uso de maconha e cocaína. Seu vício maior é a cocaína, e cada final de semana a intensidade do uso de drogas vem aumentando. Sempre se relacionou com namorados usuários de drogas, e assume que a droga serve como um anestésico, fazendo com que não tenha que se deparar com seus problemas e sofrimentos. Sob efeito das drogas consegue “isolar os pais”: “e aí não me atinge em nada”. Natasha já chegou em casa drogada várias vezes, e seus pais nunca lhe perguntaram se algo estava acontecendo. Nesse sentido, reclamou da indiferença com que se sente tratada em casa: “eles não são de me olhar”. Por exemplo, reclamou que embora ela tenha um *piercing* (grande e colorido) na língua, os pais nunca perceberam isso e/ou comentaram.

No que diz respeito aos relacionamentos atuais, tanto suas relações de amizade quanto as amorosas são permeadas por inseguranças, dificuldades em estabelecer confiança e sensação de não ser amada. Como não pode namorar, seguidamente “inventa histórias” para poder sair e se encontrar com o namorado. Segundo ela, seus namorados sempre lhe trataram melhor que seus pais, preocupando-se e importando-se com ela.

Natasha percebe que o casamento de seus pais não é “saudável e feliz”, pois o pai sempre bebeu bastante, sempre xingou a mãe e esta sempre se submeteu. Além disso, ela e a irmã consideram que a mãe desconta nelas suas frustrações com o marido.

A auto-imagem de Natasha é de uma “moleca”, “uma guriuzinha”, uma pessoa confusa que às vezes se sente sozinha, e que queria ter mais atenção de todos, em especial da mãe. Está sempre cansada, dorme demais e é muito “estourada”. Acha seu

corpo estranho, não se enxerga como uma “mulher” e afirmou que queria ter nascido homem.

A análise do *Rorschach* mostra a instabilidade afetiva, a falta de controle dos impulsos, a fragilidade identitária e o empobrecimento dos vínculos. Natasha apresentou escassas respostas envolvendo figuras humanas, pouco elaboradas e discriminadas, e carregadas de conteúdos agressivos (em especial as pranchas com simbolismo materno). Apresentou poucas respostas de movimento, sugerindo dificuldades na expressão emocional. Com efeito, Natasha parece ter dificuldades significativas em suportar sua carga afetiva, dotada de ambivalências e de elementos “brutos” (bichos esmagados, objetos secos, fritos, mortos). A falta de vitalidade nas suas representações pode se associar com a predominância dos mecanismos da pulsão de morte. Seu senso de *self* mostrou-se desorganizado e desintegrado.

O *Rorschach* indicou, ainda, uma elevada instabilidade emocional, com relações interpessoais comprometidas e superficiais, além de vivências de angústias primitivas, de desintegração e desestruturação, fazendo uso de mecanismos de clivagem. O conflito com os objetos internalizados também ficou evidente, a partir da introjeção de figuras agressivas, não protetoras.

O Desenho da Família de Natasha apresentou indicadores de apego inseguro, do tipo desorganizado e/ou evitativo. Trata-se de um desenho bastante empobrecido, sem cor, com poucos elementos, e os que existem denotam tensão, angústia (sombreados, rabiscos). Salienta-se, também, que todos os membros da família estão “flutuando” e que o desenho não expressa afetividade entre os mesmos.

A representação dos cuidados parentais, a partir das respostas ao PBI, remete a um vínculo de “Controle Sem Afeto” em relação à figura materna, e de “Controle Afetivo” em relação ao pai.

### *Caso 3: Camila*

Camila tem 16 anos, mora com os pais e a irmã caçula, de 9 anos. Tem outra irmã, casada, que mora com o marido e a filha. Quando os pais se casaram, sua mãe tinha 18 anos e o pai 29.

A mãe de Camila foi adotada quando tinha 3 anos, mas somente descobriu esse fato aos 15, através de um documento. A mãe adotiva nunca assumiu a história verdadeira, e somente após sua morte isso pôde se esclarecer. A mãe de Camila teve uma infância marcada por maus-tratos; sua mãe adotiva não era carinhosa e a surrava

muito. Sua mãe biológica era prostituta e não sabia quem era o pai dos filhos. Também não havia pai adotivo. Ela sempre quis ir atrás de sua história e há 5 anos conheceu sua mãe biológica. Decepcionou-se muito, porque encontrou uma mãe extremamente fria, tal como a adotiva. Tudo isso interfere no seu relacionamento com as filhas, em sua opinião.

O pai de Camila foi o primeiro filho entre 6 irmãos. Saiu de casa com 13 anos para morar em outra cidade e trabalhar, pois sentia necessidade de ser independente. Relatou que apanhava bastante de seu pai, o que foi mais um motivo para sair de casa. Em relação a sua adolescência não lembra de suas vivências. Trabalhava muito nessa fase, o que fez com que agisse de forma mais adulta.

Sobre a história de vida de Camila, os pais relataram que ela foi a única filha realmente planejada, e que resolveram tê-la quando a primeira já havia crescido um pouco, para suprir a solidão da mãe. Na última gravidez (época em que Camila tinha cerca de 6 anos) a mãe teve uma depressão “gravíssima”, não saía de casa, não queria receber visitas, não tomava banho, o que levou a várias complicações na gestação. Nessa época, Camila ficou “meio de lado” e a mãe conta que percebia a filha muito triste. Nesse período, a mãe fez tratamento medicamentoso para a depressão. Atualmente, a mãe diz sentir-se bem, e brinca que a filha mais nova e a neta são seus antidepressivos.

Quando Camila tinha 6, 7 anos seu pediatra alertou os pais sobre a possibilidade dela encontrar-se depressiva, solicitando que a mãe investigasse. Porém os pais não deram importância e ignoraram esse alerta. Em contrapartida, concordam que Camila sempre teve alterações de humor. Assim como está carinhosa, logo se torna fechada, agressiva, isolada. O pai salientou que a personalidade da filha sempre foi forte, marcante e rígida. Além disso, destacaram que existe um fator genético significativo na família, já que a mãe e a avó materna de Camila já sofreram de depressão.

O pai considera a filha muito pouco carinhosa e como alguém que não expressa o que sente. Com as três filhas o pai sentiu um afastamento depois dos 8 e 9 anos, atribuindo às mudanças decorrentes da idade, já que “elas passam a viver um mundo diferente”. Camila, em sua opinião, é bastante “isolada”, “tem o mundo dela”, o que preocupa os pais, que não sabem como agir com a filha.

Camila é vista pelos pais como bastante independente. Não pedia ajuda para estudar, sempre fazia tudo sozinha, e não apresentou dificuldades em situações de separação. Para o pai, ela foi “desvinculada desde pequena”. Eles também estranham o

fato da filha não pedir para ir a festas e percebem que ela teme a não aceitação deles. O mesmo acontece em relação a namoros. O pai ressenha-se de não conseguir ter um diálogo mais aberto com a filha.

O pai de Camila é bastante racional, prático e concreto em sua forma de analisar as coisas, e considera a filha sonhadora. Afirma que ela “foge da realidade”, por acreditar que vai conseguir coisas que, para ele, matematicamente são impossíveis de acontecer (como, por exemplo, a esperança dela em ser aprovada na escola, no ano anterior). Os pais demonstram não acreditar nas capacidades da filha, e antecipam desfechos negativos, que muitas vezes se concretizam.

A reprovação de Camila na escola foi frustrante e atribuída, por ela e pelos pais, à mudança de escola (saiu de uma pequena, na periferia, para uma escola grande no centro da cidade). Camila passou a “matar” aulas, experimentar bebidas alcoólicas, não investindo nos estudos. Quando repreendida pelos pais, a filha “se recolhe, pra não brigar, e pra sair do quarto tem que ir chamar (...)”.

Em relação às frustrações, Camila se desestrutura muito. Por exemplo, invadiram seu orkut e colocaram fotos pornográficas em seu perfil, o que a deixou em pânico, temendo o julgamento das pessoas. Quando foi reprovada na escola, também ficou muito mobilizada, e pensou em “se atirar na frente de um caminhão” para não precisar enfrentar a situação. O pai tem fantasias sobre a possibilidade da filha vir a se suicidar, por isso teme interferir na vida dela e frustrá-la. Apresenta também uma expectativa ansiosa de que possa acontecer algo ruim com a família.

Camila considera os pais muito conservadores e controladores, em especial a figura paterna. Não compreende o porquê deles não a deixarem sair, sentindo-se reprimida. Em função disso, usa artifícios para conseguir freqüentar algumas festas sem que os pais saibam (por exemplo, indo dormir na casa de amigas). A rigidez dos pais é um fator marcante para Camila, e culminou com ruptura do vínculo da irmã mais velha com os pais (com sua saída de casa), em função da constatação do fato de que ela mantinha relações sexuais com o namorado. Os pais permaneceram quase 2 anos sem falar com a filha, e não compareceram ao seu casamento. Só se reaproximaram com o nascimento da neta, de quem a mãe cuida no momento.

Camila sente que consegue ser mais afetiva com a mãe. Embora na sua infância tivesse uma ligação forte com o pai, hoje percebe um afastamento. Sente-se desmotivada pelas atitudes e postura dos pais em relação a ela, a falta de crédito que depositam nela e teme não orgulhá-los. Sente que os pais não reforçam nem valorizam

as coisas boas que faz, somente enxergando as “ruins”.

Os relacionamentos de Camila são permeados pela sua dificuldade em confiar. Tem poucos amigos íntimos. Nas relações amorosas, evita se envolver e se “apegar”, por medo de se decepcionar, sofrer, ser traída, ou por temor à reação dos pais. Por isso, busca estratégias para não se vincular muito, o que lhe causa bastante sofrimento.

Camila sente-se insegura de tomar qualquer decisão sozinha. Já se envolveu em brigas e discussões na escola, e se considera explosiva. Sobre seus sentimentos e mudanças de humor, Camila disse se questionar sobre quem realmente é. Diante de frustrações ou decepções, sente muita raiva. Por exemplo, depois de algum desentendimento com os pais, ela se isola em seu quarto, sente um “ódio mortal” e têm pensamentos altamente destrutivos. Sente uma “vontade de explodir, fugir de tudo”. Já chutou a porta, quebrando-a. Referiu: “eu penso, aí queria matar esses velhos, tomara que morram, tomara que sejam atropelados por um caminhão (...) aí que ódio quero matar essas pragas...”. Sente-se mal quando se torna explosiva, mas não se sente culpada por isso.

A intolerância às frustrações é bastante significativa, e Camila já chegou a se auto-agredir em algumas ocasiões (às vezes têm pensamentos suicidas, já “puxou e arrancou” os cabelos, e arranhou o pulso e o pescoço com as próprias unhas). Frequentemente sente vontade de “chorar, chorar, chorar”, e não sabe o porquê disso. Fica angustiada, tranca-se em seu quarto, e “vem tudo de ruim” na sua cabeça: as brigas com os pais, as dificuldades na escola e o fato de não ter namorado. Embora esteja rodeada de pessoas, Camila sente-se sozinha e não-compreendida por ninguém. Além disso, se considera muito pessimista e “sinistra”, sempre achando que algo ruim possa acontecer. Considera-se ansiosa e nervosa, tem insônias. Ao sair sozinha na rua se sente insegura, pois tem a sensação de que tem sempre alguém lhe olhando e/ou falando coisas negativas a seu respeito.

A análise do *Rorschach* revelou dificuldade no controle afetivo, nível elevado de angústia, inibição do pensamento e falta de interesse pelo concreto. Apareceram indícios de certo automatismo do pensamento, sem exigência de reflexão, o que se associa com um espírito conformista, marcado por apatia e depressão.

Essa análise apontou também para a construção de relações mais superficiais e menos estáveis, e sentimentos ambivalência na representação das relações afetivas. Houve também representações de falta de contenção, falta de fronteiras e limites. A qualidade das relações afetivas mostrou-se comprometida, com dificuldades na

internalização de objetos bons e continentes. Apareceram angústias diante das perdas e desligamentos, associando-se a sentimentos de vazio, solidão e angústia depressiva. O pólo pulsional é sentido como ameaçador e assustador por Camila, precisando ser negado, evitado.

A análise da Escala de Frequência de Sinais Específicos e da Escala Global do Teste do Desenho da Família indicou sinais de apego inseguro, do tipo evitativo. O desenho evidenciou um alto nível de vulnerabilidade familiar, tensão/raiva aumentada e distanciamento emocional entre os membros da família.

Sobre sua representação acerca dos cuidados parentais, Camila considerou o vínculo com ambos os pais como de “Controle Sem Afeto”. Para ela, os pais interferem em suas decisões, invadem sua privacidade e não permitem que realize suas próprias escolhas. Os cuidados parentais também foram sentidos como insuficientes pela adolescente

### **3.4. Discussão**

Analisando-se os dados obtidos através dos Estudos de Caso constatou-se, como pontos em comum, histórias de negligência, pouco investimento afetivo, representações parentais permeadas por controle excessivo e pouco suporte emocional, resultando em ressentimentos e sentimentos de desamparo. Além disso, estão presentes fragilidades identitárias, atuações de diversas ordens, e dificuldades na construção e manutenção de vínculos afetivos.

A literatura vem sustentando a idéia de que a constituição de uma organização *borderline* de personalidade está associada a um contexto de relações familiares comprometidas, caóticas e instáveis. As inconsistências dos cuidados parentais resultariam em dificuldades na introjeção de um ambiente protetor e acolhedor. Em função disso, os adolescentes *borderline* apresentariam dificuldades no desenvolvimento da constância objetal e na capacidade de evocar imagens positivas e confortantes dos objetos primários diante de situações ansiogênicas. Daí as intensas ansiedades de separação e ameaça de aniquilamento por parte destes adolescentes (Atienza & Rodríguez, 2004; Baird et al., 2005; Beresin, 1994; Bernstein et al., 2002; Reich & Zanarini, 2001; Levy, 2005; Maranga, 2002; Winnicott, 1958/1983).

Os resultados encontrados nesse estudo articulam-se com esses pressupostos. Nesse sentido, na história de vida de Camila percebe-se um certo descuido e uma falta de olhar dos pais em relação à filha (por exemplo, pela desconsideração do seu

sofrimento). Os pais de Camila, frequentemente, não acreditam nas suas capacidades, não valorizam suas conquistas e conferem uma super dimensão às situações negativas, o que repercute em seu senso de não ser amada e não orgulhar os pais. Natasha também apresenta essa vivência de não ser cuidada nem amada, em especial em relação à figura materna. O cuidado sentido como insuficiente por parte dos objetos primários (abandono afetivo) transmite-se aos demais relacionamentos, acarretando prejuízos significativos para os vínculos afetivos. No caso de Johnny, a própria ausência da mãe na avaliação já é um primeiro ponto a ser destacado. As constantes vivências de desamparo e negligência, no vínculo com a mãe, além das instabilidades e ambivalências no vínculo com o pai, são aspectos decisivos nas suas dificuldades vinculares. A mãe parece não ter conseguido se aproximar efetivamente do filho, investir nele, enfim, vincular-se de forma consistente. Os cuidados que dispensou ao menino caracterizaram-se pela distância afetiva, falta de interesse e investimento e até mesmo indiferença. Não é uma figura de referência minimamente positiva para Johnny, ao contrário, é percebida como alguém que o rechaçou e abandonou, afetivamente sobretudo.

Alguns estudos têm apontado uma relação bastante significativa entre experiências de trauma e o desenvolvimento de personalidade *borderline* (Beresin, 1994; Fruzzetti et al., 2005; Helgeland & Torgerser, 2004; Reich & Zanarini, 2001). Para esses autores, a parentalidade inapropriada ou negligente e as experiências traumáticas estão associadas à etiologia do *borderline*. Nessa perspectiva, abusos, negligências, ambiente emocional inicial instável e imprevisível, psicopatologia parental, assim como déficits nos fatores protetivos, podem contribuir substancialmente para o desencadeamento da personalidade *borderline*.

Como vimos, no caso de Johnny estão presentes vários desses estressores: a rejeição materna, a negligência, uma vida familiar caótica, acrescida de alto nível de estresse parental e comunicações disruptivas entre seus pais e de seus pais para com ele. A mãe é vista como uma mulher atrapalhada emocionalmente. Seu pai, embora se mostrando como uma figura forte, bem sucedida do ponto de vista material, apresenta inconsistências significativas nas suas relações afetivas, na sua capacidade de continência, de tolerância às frustrações, empatia e *insight*. Tem dificuldades em valorizar as conquistas do filho, faz ameaças de abandono, facilita o uso de drogas e reage agressivamente diante dos problemas que surgem. Além disso, não percebe os pedidos de ajuda do filho, expressos de forma indireta, através das situações que apronta



e dos rastros que deixa, por exemplo.

Camila também tem figuras parentais frágeis: uma mãe depressiva e dependente, e um pai extremamente ansioso e com desorganizações na esfera afetiva. Daí as dificuldades da adolescente em se identificar com essas figuras, o que repercute nas fragmentações em seu senso de identidade.

A psicopatologia parental é também evidente no caso de Natasha. O episódio depressivo da mãe em sua infância parece estar na origem das vivências de abandono e negligência de Natasha, repercutindo na fragilidade e pouco investimento do vínculo entre mãe e filha. A trajetória dessa adolescente é permeada pelo uso de violência física (surras) e psicológica (humilhações, desvalorizações constantes). A mãe é uma mulher que se mostra fortemente fragilizada do ponto de vista emocional. Parece ter uma precária estrutura psíquica e seu corpo acaba sendo o “palco” em que o sofrimento se expressa. O pai, por sua vez, mostra-se um homem “durão”, rígido, autoritário. Apresenta dificuldades de auto-controle, o que se evidencia no uso abusivo de álcool e nos envolvimento frequentes em brigas e discussões, o que denota uma pessoa comprometida psiquicamente e com pouco senso crítico. Aplica as leis à família, mas não as cumpre, sendo extremamente contraditório e ambivalente. Parece omitir, negar e minimizar as situações de sua vida e da vida da filha. Reproduz com os filhos a educação que teve com seus pais, em que a rigidez e a agressão são preponderantes, mas apresenta um comportamento oposto ao seu discurso.

Lyons-Ruth et al. (2005) encontraram uma associação significativa entre o rompimento das comunicações maternas durante a infância (comportamento frio, distante afetivamente, resposta emocional dissonante) e/ou uma postura inapropriada da mãe no processo de individuação do filho com o desenvolvimento da organização *borderline* na adolescência. Parece, portanto, que a mãe ocupa um papel central nesta dinâmica. Para Bleichmar (1994), a insuficiente base narcísica da figura materna e as fragilidades de sua constituição psíquica impediriam que ela pudesse exercer a função de objeto narcizante em relação ao filho, não conseguindo dar sentido às experiências do bebê. Isso se associa com a inclinação aos *actings out*, e com as intensas dificuldades nos vínculos afetivos dos adolescentes *borderline*, observadas nos casos avaliados: tornam-se invasivos, provocativos, sem limites claros entre o eu e o outro e buscam testar as pessoas com as quais se relacionam a fim de se certificarem do seu amor, da sua disponibilidade e confiança.

Tratando-se da representação dos adolescentes *borderline* acerca dos cuidados parentais, algumas pesquisas constataram que os filhos freqüentemente reportam vivências negativas com seus pais, referindo situações de interações não contidas (Levy, 2005; Nickell et al., 2002). De acordo com estes estudos, as figuras parentais são vistas como pouco carinhosas e pouco cuidadoras, e altamente controladoras. A partir da interpretação dos resultados do PBI (Inventário de Vínculos Parentais), percebe-se que na representação dos adolescentes avaliados nesta pesquisa, os objetos primários não puderam ser emocionalmente responsivos e adequados às suas necessidades, sobretudo as emocionais e afetivas.

Nesse sentido, tanto em relação à figura materna quanto paterna, Camila tem a representação de um alto índice de superproteção e controle, e um cuidado baixo, insuficiente. A relação com seu pai é calcada em aspectos lógicos, racionais, materiais e matemáticos, carecendo de componentes afetivos. Natasha também tem internalizada uma mãe pouco cuidadora e pouco afetiva, “uma pessoa estranha”. Para ela, o vínculo com a mãe é constituído por uma ausência de afeto e muitas atitudes de controle, denotando a percepção de uma mãe emocionalmente fria. Por outro lado, o vínculo de Natasha com o pai configura-se como sendo totalmente ambivalente – por um lado existe uma idealização desta figura, por outro ressentimentos e sentimentos de ódio intensos. Pode-se pensar que a relação afetiva entre pai e filha deu-se pela via da agressão. Ou seja, a forma como ela sentia alguém próximo, alguém que se importava com ela, era através das surras que levava. Talvez a necessidade de idealizar esse pai, para além das situações de violência e maus-tratos sofridas com ele, representa uma tentativa desesperada de evitar um estado depressivo subjacente extremamente intenso, aniquilador e desestruturante. Se na figura materna Natasha não encontra amparo, proteção e reconhecimento, precisa recorrer a este pai, inclusive identificando-se com ele.

Situação semelhante pôde-se observar no vínculo de Johnny com o pai. O “Vínculo Ótimo” representado pelo adolescente também parece representar uma saída idealizada, diante do vínculo “Negligente” estabelecido com a mãe, a qual não dispensou quaisquer cuidados e/ou proteção, na percepção de Johnny. Assim, o adolescente nega suas dificuldades com o pai, além de evitar se deparar com o sofrimento oriundo da separação da madrasta (com quem havia construído um vínculo maternal), por não conseguir suportar a experiência de abandono e depressão, já vivenciada com a figura materna. Embora o pai seja a figura que assumiu efetivamente

seus cuidados, foi possível constatar nas entrevistas a sua impaciência, intolerância e pouca empatia em relação a Johnny e suas dificuldades, o que nos leva a questionar esses resultados. Embora afirmando que o filho é a figura mais importante da sua vida, verbaliza que a qualquer momento é capaz de “largar tudo de mão” e “dar a corda para ele se enforçar”. Parece que o cuidado e investimento que pôde oferecer ao filho foi pautado pela qualidade material e logística preponderante, não conseguindo ser uma presença afetiva de modo suficiente.

Outro aspecto presente nos vínculos dos adolescentes avaliados, com seus pais, em especial nos casos de Johnny e Natasha, é a inversão de papéis e a indiscriminação entre os sistemas parental e filial. Johnny, por exemplo, percebe-se como o responsável pela separação dos pais, já que isso ocorreu diante da demanda do filho por uma posição do casal, no sentido de se entenderem ou se separarem. Dessa forma, os pais outorgam para o menino uma posição de onipotência e um ilusório controle sobre os objetos e sobre a vida familiar. A inversão de papéis é também evidente na dinâmica familiar de Natasha, já que a filha “faz e acontece” com a mãe, chamando-lhe de “velha rabugenta”, “louca”, mandando-lhe cuidar de seu marido.

As conseqüências dessas configurações familiares e dessas características vinculares, dentre outras, seriam o desenvolvimento de modelos representacionais internos múltiplos, contraditórios e desintegrados, a partir de figuras de apego desorganizadas ou ambivalentes, o que têm sido considerado como fator de risco para uma organização *borderline* na infância e adolescência (Agrawal et al., 2004; Atienza & Rodríguez, 2004; Cardoso, 2005; Hegenberg, 2000; Levy, 2005; Nickell et al., 2002). Assim, de modo geral, pode-se inferir que as figuras parentais dos adolescentes desta pesquisa mostram-se confusas, contraditórias, rígidas, intolerantes e inconsistentes. Aparecem falhas importantes na capacidade de suporte emocional e continência afetiva por parte dos pais (Killingmo, 1989; Winnicott, 1958/1983). Para Fonagy (2000) e Fonagy e Target (2000), esses cuidados insuficientes, no seio de um vínculo de apego inseguro, impedem o desenvolvimento da capacidade de mentalização, o que pode contribuir para as manifestações atuadas, como por exemplo, o abuso de substâncias psicoativas.

Natasha, por exemplo, está sempre em busca de artifícios para “esquecer” ou “minimizar” o impacto de suas vivências traumáticas na família – aí se situa o uso de drogas, o fato de não querer ficar em casa, estar sempre no centro da cidade, no meio dos guris. Sob os efeitos da cocaína, Natasha “isola” os pais e “ignora” o que viveu de

negativo em sua família. Em seu caso, e também no caso de Johnny, as drogas funcionam como anestésicos para a dor e o sofrimento psíquico. Podem significar também uma tentativa de preencher um vazio interior, em função da precariedade de suas bases narcísicas. As condutas e pensamentos auto-destrutivos desses adolescentes também podem ser compreendidos por essa via. As auto-agressões de Camila e seu “ódio mortal” direcionado aos pais, além da exposição às situações de risco de Johnny e Natasha, exprimem um pedido de ajuda e limites que dificilmente encontram, na medida em que a presença dos pais não foi suficientemente acompanhada por atitudes de proteção, amparo, segurança e regras firmes, tornando-os sempre muito sozinhos e abandonados aos próprios impulsos e angústias. Exemplos dessa solicitação de contenção é o fato de Natasha chegar em casa drogada, colocar um *piercing* colorido e grande na língua, “matar” aulas e envolver-se em brigas e confusões. Johnny, por sua vez, deixa “pegadas” em suas travessias pelas drogas, fazendo com que o pai sempre as descubra. E Camila tranca-se em seu quarto, suscitando fantasias de uma provável ideação suicida no pai.

Aí se evidenciam as dificuldades na capacidade reflexiva (mentalização) desses adolescentes (Bateman & Fonagy, 2003; Fonagy et al., 2003; Fonagy & Target, 2000). As atuações tomam o espaço das simbolizações, já que suas vivências afetivas com os objetos primários, por se constituírem como precárias, não conseguiram se transformar em representações (falhas no processo de simbolização), o que abre espaços para as inúmeras passagens ao ato.

Chamou atenção, nos três casos avaliados, a importância dos aspectos transgeracionais: na história de vida dos pais encontram-se experiências de desamparo, abandono, negligência e violências das mais diversas ordens. Assim, tais vivências parecem estar se transmitindo entre as gerações e repercutindo substancialmente sobre os vínculos afetivos. Aparecem, nos três casos, a não vivência do processo adolescente por parte dos pais, a saída precoce de casa, as representações de abandono e maus-tratos e histórias de rompimentos com figuras significativas de suas vidas.

Destaca-se, na história de Camila, a relação de sua mãe com a mãe adotiva e a biológica, e suas frustrações e estados depressivos decorrentes disso, bem como os maus-tratos sofridos pelo seu pai, conduzindo à sua saída de casa, ainda adolescente. Em relação a Johnny, tanto a história de sua mãe como a de seu pai foram marcadas por vínculos afetivos frágeis e conflituosos. Na linhagem materna há indicadores de negligência e fragilidade das relações afetivas em três gerações, pelo menos, incluindo a

do próprio Johnny. Na linhagem paterna observa-se uma certa inversão nos papéis exercidos pelas figuras materna e paterna (avós de Johnny), com a mãe exercendo o papel de autoridade e o pai uma função mais amparadora e maternal. Há conflitos acirrados entre os irmãos, principalmente com as irmãs, que também parecem figuras dominadoras e autoritárias na família. Esses aspectos podem ter relação com alguns indicadores de conflitos de identidade sexual observados no material projetivo de Johnny, numa via de transmissão intergeracional.

A partir desses atravessamentos transgeracionais, cabe analisar o lugar simbólico que esses adolescentes ocupam em suas dinâmicas familiares. Constatou-se, por exemplo, que Camila veio ao mundo para “tirar a mãe da solidão”, ocupando um lugar de “antidepressivo” da mãe, de alguém que possa suprir seus vazios e tristezas. Como é impossível cumprir com essa missão sente que falhou, desvalorizando-se e deprimindo-se também, culpando-se e apresentando comportamentos e idéias auto-destrutivas. Analisando a história de Natasha, um aspecto a ser ressaltado é que os pais tiveram os três filhos “um atrás do outro”. Isso, por si só, pode tornar mais difícil a constituição subjetiva da criança, pois no momento em que ela ainda precisa ser o centro das atenções desses pais, um outro bebê já toma a cena. Além disso, durante a gravidez de Natasha, a mãe, além de estar ocupada com a primeira filha, ainda via-se às voltas com as “atuações” do marido. Assim, a configuração vincular na qual deveria ter se constituído como objeto da atenção e do investimento total por parte da mãe parece não ter se constituído na história de Natasha. No caso de Johnny, sua gravidez não foi desejada nem planejada, e o casal não tinha estrutura material e nem emocional para constituir uma família. Além disso, a mãe assumiu que engravidou para ver-se livre de seu pai e para conseguir se casar. Portanto, não havia o desejo pelo bebê em si, mas sim pela “solução” que ele poderia significar para as situações não resolvidas na história dos pais.

Assim, parece não ter sido possível, para esses adolescentes, a internalização de um ambiente suficientemente acolhedor e protetor, o que prejudicou fortemente a representação de si e suas relações objetais. As angústias depressivas e angústias de despedaçamento se fazem presentes em seu funcionamento, denotando uma fragilidade psíquica acentuada, o que está em consonância com a literatura (Hegenberg, 2000; Bradley & Westen, 2005; Russ et al., 2003; Figueiredo, 2003; Villa & Cardoso, 2004; Carvalho, 2004; Reich & Zanarini, 2001). Os sentimentos de solidão e de vazio apareceram no relato dos três casos avaliados, sugerindo um senso de desamparo e

angústias depressivas (Levy et al., 2007; Maranga, 2002). Esses sentimentos parecem estar associados às dificuldades parentais em oferecer um retorno positivo para os filhos e, por consequência, dar-lhes um lugar de reconhecimento. Camila apresenta um núcleo depressivo, permeado por sentimentos de desvalorização e desqualificação. No caso de Natasha, a desconfiança de que pudesse ser adotada reforça a idéia de que não se sente amada o suficiente em sua família. Carrega um estigma de que é a que menos teve atenção e a que é vista como estando sempre no “mal caminho”, a que sempre apanhou dos pais. Johnny, por sua vez, possui poucas lembranças da infância, e as que consegue relatar têm cunho agressivo ou violento. Além disso, lembra-se de que era pobre quando nasceu, e que “o pai tinha que pedir dinheiro emprestado para comprar leite para ele”, o que, num sentido simbólico, parece sugerir uma percepção da falta de condições afetivas por parte de seus pais de cuidarem dele.

As dificuldades atuais na construção e manutenção de vínculos íntimos e duradouros também estão presentes na dinâmica destes adolescentes. As relações de amizade são superficiais, os envolvimentos amorosos são permeados por ambivalências e conflitos. Camila, por exemplo, teme decepções e frustrações, o que faz com que evite se “apegar”. Além disso, fica insegura sobre os possíveis danos que poderá causar em sua família, tendo em vista o rompimento dos pais com sua irmã, em função da vivência de sua sexualidade. Natasha, em seus relacionamentos, tem a sensação de não ser querida e amada. O temor de perda do objeto e de abandono estão sempre presentes nas suas relações afetivas. Confiar no objeto e no amor dispensado por este parece ser muito difícil. O modelo de relação conjugal que ela tem é permeado por agressões, desrespeitos, submissões e instabilidades. Embora a adolescente tenha uma crítica acentuada da situação, parece repetir o mesmo padrão familiar em suas relações. Johnny também parece repetir em suas relações amorosas o modelo de “tudo ou nada” vivido com a figura materna. Seguidamente “entra de cabeça num relacionamento” (por exemplo, usando anel de compromisso), mas logo se “desliga” e se torna insatisfeito, rompendo a relação.

### **3.5. Considerações Finais**

Os resultados obtidos na análise dos Estudos de Caso vêm ao encontro do que a literatura tem apontado: a presença de figuras parentais inapropriadas e/ou desorganizadas, a frequência elevada de violência familiar e alcoolismo, o contexto familiar negligente e de maus-tratos, o temor à solidão, as atuações e angústias

depressivas, como fatores nucleares na organização *borderline* na adolescência. Além disso, relações objetais permeadas por conflitos e ambivalências, denotando, por um lado, uma necessidade intensa de aproximação com os outros (a fim de regular e modular seus afetos e seus medos) e, por outro, sentimentos intensos de raiva, ódio, decorrentes de sensações de rejeição, desvalorização, incompreensão e/ou vitimização por parte destes adolescentes (Baird et al., 2005; Barone, 2003; Bradley et al., 2005; Bradley & Westen, 2005; Levy, 2005; Levy et al., 2007; Maranga, 2002; Reich & Zanarini, 2001).

Com efeito, os vínculos afetivos constituídos entre estes adolescentes e suas figuras parentais, mostraram-se significativamente fragilizados, permeados por representações de desamparo e falta de continência afetiva e emocional. São vinculações muito instáveis, sensíveis às quebras e rupturas. Daí decorrem as dificuldades no estabelecimento de um senso identitário integrado por parte destes adolescentes e, conseqüentemente, na construção e manutenção de vínculos afetivos saudáveis. A confiança básica necessária para investir em uma relação emocional parece não ter se constituído, dando espaço ao temor do abandono e a sensibilidade às frustrações.

Os maus-tratos aparecem na história familiar de todos os participantes (inclusive na dos pais), seja sob a forma de negligência (principalmente em Johnny), de violência física (em Natasha), e de violência psicológica (visualizada nos três casos). Também se podem evidenciar, nos três adolescentes, as vivências de abandono, decorrentes da falta de investimento experimentadas na relação com os pais e, em especial, com a figura materna nos primeiros anos da infância. Camila e Natasha vivenciaram episódios importantes de depressão materna, implicando no afastamento de seus cuidados físicos e psicológicos. Na história de Johnny, também é possível inferir que houve sofrimento materno, dado o relato de internações e uso de medicações psiquiátricas por parte da mãe. Nesse sentido, estas experiências parecem tecer um papel importante no distanciamento emocional entre os adolescentes e suas mães, repercutindo em suas representações de não terem sido suficientemente cuidados e reconhecidos por elas.

Um fator que merece destaque nesta pesquisa, foi a importância e intensidade dos aspectos transgeracionais nas características e nas conflitivas dos vínculos afetivos desses adolescentes. Essa relação entre organização *borderline* de personalidade e transgeracionalidade ainda não foi explorada na literatura sobre o assunto, o que instiga a maiores investigações. Diante disso, torna-se relevante aprofundar a compreensão dos

atravessamentos da dimensão transgeracional, em especial os efeitos das transmissões negativas, nessa organização de personalidade.

Considera-se importante, portanto, a realização de mais estudos qualitativos, que possam contribuir para elucidar essa temática. A clínica atual de adolescentes cada vez mais tem se deparado com as manifestações limítrofes, o que exige estudos e intervenções coerentes com essa demanda. Por se tratarem de adolescentes, ainda em fase de estruturação, as intervenções nessa fase tornam-se promissoras. Salienta-se, dessa forma, a importância de intervir com esses adolescentes e suas famílias, a fim de prevenir impactos emocionais futuros.



## Alguns apontamentos finais

A partir da trajetória percorrida durante o Mestrado, em especial no decorrer desta pesquisa, pontuam-se algumas considerações: a importância do aprendizado extraído do exercício metodológico vivenciado no processo da pesquisa e a percepção dos efeitos que uma pesquisa pode acarretar nos participantes (em especial, a partir de uma abordagem psicanalítica de pesquisa). Aí se situa a discussão da “pesquisa-intervenção”.

Parte-se da proposição de Szymanski & Cury (2004), de que toda a investigação psicológica implica sempre uma intervenção, na qual tanto participante como pesquisador são afetados pela situação de pesquisa. Nesse sentido, foi possível observar que as avaliações muitas vezes funcionaram como espaços terapêuticos, mesmo que pouca ou nenhuma “intervenção propriamente dita” tenha sido feita. Muitos pais e adolescentes relataram a importância de ter “parado” e conseguido olhar para sua história, e o quanto não haviam se questionado ou refletido antes sobre algumas questões suscitadas pelas entrevistas. Alguns adolescentes, no decorrer dos encontros, também mostraram melhoras nos seus relacionamentos familiares, assim como nas suas “atuações”.

Exemplo disso é a fala de Natasha, na última entrevista realizada: *“Eu gostei de fazer esse trabalho, porque parece que eu olhei pras coisas que eu tava empurrando com a barriga sabe... Até faz duas semanas que não cheiro (cocaína)... E tô bem disposta a tentar mudar, melhorar minha vida, parar de ‘ratar’ tanto...”*. A adolescente foi encaminhada, e já se encontra em acompanhamento psicológico em uma clínica-escola da cidade.

Camila, na ocasião da entrevista de devolução, mencionou o quanto a participação nesse estudo propiciou que ela pudesse se aproximar um pouco mais dos pais e repensar sua vida: *“Antes eu achava que o que eles faziam era contra mim, que não gostavam de mim, sei lá. Parece que agora eu consigo enxergar que não é bem assim, que eles têm os problemas deles, que tem a ver com o jeito que eles foram criados né... Se for pensar até, pela história deles, eles poderiam ser muito piores né!”*. Além disso, Camila referiu que estava sentindo seu pai mais próximo e percebendo que eles estavam depositando uma maior confiança nela. Os pais de Camila também disseram que foi importante pensar nas dificuldades que eles têm na relação com as

filhas, em seus medos e fantasias, para que possam, a partir daí, buscar novas alternativas e posicionamentos.

O pai de Johnny ficou bastante sensibilizado em algumas entrevistas. Chorou, dizendo que tinha muitas coisas em sua história que há muito tempo ele não “mexia”, e que havia sido importante resgatar algumas coisas, e pensar a respeito. Também referiu que não gostaria de repetir alguns erros e posturas, relacionados à sua história de vida, na relação com o filho. Johnny, apesar de se esforçar para negar suas frustrações, afirmou que as entrevistas fizeram com que ele repensasse muitas coisas: “*parece que me clareou algumas coisas conversando contigo, porque a gente não pára muito pra pensar né*”.

Isso indica que o espaço de escuta oferecido serviu, de certa forma, como um possibilitador de ressignificações e elaborações para os participantes. Assim, ressalta-se o quanto não se pode dissociar pesquisa de intervenção, em especial quando se está situado numa perspectiva psicanalítica e/ou qualitativa. Além das mudanças percebidas e relatadas pelos participantes, outro fator relevante é que no percurso da investigação científica, os próprios participantes vão oferecendo *feedbacks*, que possibilitam reorganizar as hipóteses, objetivos, métodos etc. E é justamente aí, nessas questões que “saem fora do controle” da pesquisa, que pode se dar a riqueza do conhecimento.

Em relação aos objetivos propostos neste estudo, considera-se que foram contemplados. A escolha metodológica (Estudos de Casos Múltiplos), nesse sentido, tornou-se fundamental para o aprofundamento e análise exaustiva da caracterização dos vínculos afetivos de adolescentes com organização *borderline* e seus pais. Puderam ser avaliadas as inter-relações entre as experiências traumáticas, os eventos significativos de vida, as representações sobre as relações familiares e sobre os cuidados parentais, e os aspectos psicodinâmicos, com as características e dificuldades nos vínculos afetivos destes adolescentes.

Destacaram-se, nesse sentido, os estressores ambientais na história desses adolescentes (maus-tratos, psicopatologia parental, negligência, rompimentos afetivos, atravessamentos transgeracionais, dentre outros), repercutindo em sentimentos de desamparo, desproteção e falta de limites/contenção. Diante disso, os vínculos constituídos entre esses adolescentes e seus pais são fortemente instáveis, inseguros, contraditórios e desorganizados. Os aspectos transgeracionais parecem ter um peso importante nessas dificuldades, tendo em vista que os pais desses adolescentes também não puderam vivenciar um ambiente emocional acolhedor e responsivo.

Enfim, espera-se que os resultados desta pesquisa sejam mais um passo nas contribuições para a clínica psicanalítica de adolescentes, em especial daqueles com organização de personalidade *borderline*. Esses dados colaboram, ainda, para a compreensão das possíveis relações entre a organização *borderline* e as características dos vínculos afetivos, o que sustenta a lógica de prevenção e promoção em saúde mental. Assim, enfatiza-se a relevância de estudos e intervenções focados na temática dos vínculos afetivos, considerados fatores preponderantes na construção identitária, no potencial de resiliência e na constituição subjetiva das crianças e adolescentes.

## Referências Bibliográficas

Achenbach, T.M. (1991). *Manual for the Child Behavior Checklist/4-18 and 1991 Profile*. Burlington: University of Vermont, Department of Psychiatry.

Adler, G. & Buie, D. H. (1979). Aloneness and borderline psychopathology: the possible relevance of child developmental issues. *International Journal of Psychoanalysis*, 60, 83-96.

Agrawal, H. R., Gunderson, J., Holmes, B. M. & Lyons Ruth, K. (2004). Attachment Studies with Borderline Patients: A Review. *Harv Rev Psychiatry*, 12, 94-104.

Ainsworth, M. (1989). Attachments beyond infancy. *American Psychologist*, 44, 709-716.

André, J. (2004). Transferência Borderline. Em M. R. Cardoso (org.). *Limites* (pp. 71-80). São Paulo: Escuta.

Anzieu, D. (1986). *Os Métodos Projetivos*. (M. L. E. Silva, Trad.). Rio de Janeiro: Campus, 5a. ed. (Trabalho original publicado em 1961).

Assis, S., Pesce, R. P. & Avanci, J. Q. (2006). *Resiliência: enfatizando a proteção dos adolescentes*. Porto Alegre: Artmed.

Atienza, D. & Rodríguez, B. (2004). El vínculo y psicopatología en la infancia: evaluación y tratamiento. *Revista de Psiquiatría y Psicología del Niño y del Adolescente*, 4, 82-90.

Baird, A., A., Veague, H. B. & Rabbitt, C. E. (2005). Developmental precipitants of borderline personality disorder. *Development and Psychopathology*, 17, 1031-1049.

Barone, L. (2003). Developmental protective and risk factors in borderline personality disorder: A study using the Adult Attachment Interview. *Attachment & Human Development*, 5, 64-77.

Bateman, A. W. & Fonagy, P. F. (2003). The development of attachment – based treatment program for borderline personality disorder. *Bulletin of Menninger Clinic*, 67, 187-211.

Berenstein, I. (2003). Reflexões sobre uma psicanálise do vínculo. Em A. Green, (org.). *Psicanálise Contemporânea: Revista Francesa de Psicanálise*, Número especial, 2001 (pp. 183-198). Imago, Rio de Janeiro.

Beresin, E. (1994). Developmental formulation and psychotherapy of borderline adolescents. *American Journal of psychotherapy*, 48, 5-28.

Bergeret, J. (1988). *Personalidade normal e patológica*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Bernstein, D. P.; Cohen, P.; Skodol, A. M. D.; Bezirgianian, S. M. D. & Brook, J. S. (2002). Childhood antecedents of Adolescent Personality Disorders. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 70, 6-20.

Birman, J. (2005). *Mal-estar na atualidade: psicanálise e as novas formas de subjetivação*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Bleiberg, E. (1994). Borderline disorders in children and adolescents: the concept, the diagnosis and the controversies. *Bulletin of the Menninger Clinic*, 58, 169-196.

Bleichmar, S. (1994). *A fundação do inconsciente: destinos de pulsão, destinos do sujeito*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Bolles, S. A. (1999). A model of parental representations, adolescent individuation, and psychological adjustment in late adolescence. *Journal of Clinical Psychology*, 55, 487-512.

Bowlby, J. (1997). *Formação e rompimento de laços afetivos*. SP: Martins Fontes

Bowlby, J. (2002). *Cuidados maternos e saúde mental*. São Paulo: Martins Fontes.

Bradley, R. & Westen, D. (2005). The psychodynamics of borderline personality disorder: A view from developmental psychopathology. *Development and psychopathology*, 17, 927-957.

Bradley, R., Jenei, J., & Westen, D. (2005). Etiology of borderline personality disorder: Disentangling the contributions of intercorrelated antecedents. *Journal of Nervous and Mental Disease*, 193, 24-31.

Bradley, R., Zittel, C. & Westen, D. (2005). The borderline personality diagnosis in adolescents: gender differences and subtypes. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 46, 1006-1019.

Brown, L. C. & Wright, J. (2001). Attachment Theory in Adolescence and its Relevance to Developmental Psychopathology. *Clinical Psychology and Psychotherapy*, 8, 15-32.

Calligaris, C. (2000). *A adolescência*. São Paulo: Publifolha (Caderno Folha Explica).

Cardoso, M. R. (2005). A servidão ao “outro” nos estados limites. *Psychê, ano IX, 16*, 65-75.

Carvalho, M. T. M. (2004). Sobre o alcance e os limites do recalçamento nas chamadas "psicopatologias da contemporaneidade". Em M. R. Cardoso (org.). *Limites* (pp. 151-167). São Paulo: Escuta.

Cecconello, A. M. & Koller, S. (1999). Avaliação da representação mental da relação de apego através do Desenho da Família: um estudo com crianças brasileiras. *Arquivos Brasileiros de Psicologia, 51*, 39-51.

Cecconello, A. M., Krum, F. M. & Koller, S. (2000). Indicadores de risco e proteção no relacionamento mãe-criança e representação mental da relação de apego. *Psico, 31*, 81-122.

Chabert, C. (1993). *A psicopatologia no exame do Rorschach*. (N. da Silva Jr., Trad.). São Paulo: Casa do Psicólogo. (Trabalho original publicado em 1987).

Chabrol, H., Chouicha, K., Montovany, A. & Callahan, S. (2001). Symptomatology of DSM IV borderline personality disorder in a non-clinical sample of adolescents: Study of 35 borderline cases. *L'Encephale, 27*, 120-127.

Chabrol, H., Montovany, A., Ducongé, E., Kallmeyer, A., Mullet, E. & Leichsenring, F. (2004). Factor Structure of the Borderline Personality Inventory in Adolescents. *European Journal of Psychological Assessment, 20*, 59–65.

Conte, M. (1997). Ser herói já era: seja famoso, seja toxicômano, seja marginal! Em Associação Psicanalítica de Porto Alegre (APOA) - *Adolescência: entre o passado e o futuro* (pp. 249-257). Porto Alegre, RS: Artes e Ofícios.

Correa, O. R. (2003). Transmissão psíquica entre as gerações. *Psicologia USP, 14*, 35-45.

Corso, M. (1999). Admirável mundo *teen*. Em: “*O adolescente e a Modernidade*” – Congresso Internacional de Psicanálise e suas Conexões. Rio de Janeiro, RJ.

Crick, N., Murray–Close, D. & Woods, K. (2005). Borderline personality features in childhood: A short-term longitudinal study. *Development and Psychopathology, 17*, 1051–1070.

Debord, G. (1997). *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Editora Contraponto.

Diguer, L., Pelettier, S., Hébert, E., Descôteaux, J., Rousseau, J. P. & Daoust, J. P. (2004). Personality organizations, psychiatric severity, and self and object representations. *Psychoanalytic Psychology*, 21, 259–275.

Figueiredo, L. C. (2003). *Elementos para a clínica contemporânea*. São Paulo, Ed. Escuta.

Fonagy, P. (2000). Apegos patológicos y acción terapéutica. *Aperturas Psicoanalíticas*, 4. Recuperado em 31/08/2003, de <http://www.aperturas.org/4fonagy.html>

Fonagy, P. & Target, M. (2004). Questões desenvolvimentais na adolescência normal e colapso na adolescência. Em R. Granã & A. Piva (org). *A Atualidade da Psicanálise de Adolescentes: formas do mal-estar na juventude contemporânea*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Fonagy, P. & Target, M. (2000). Playing with reality: III. The persistence of dual psychic reality in borderline patients. *International Journal of Psychoanalysis*, 81, 853-876.

Fonagy, P.; Target, M.; Gergely, G.; Allen, J. G. & Bateman, A. (2003). The developmental roots of borderline personality disorder in early attachment relationships. *Psychoanalytic Inquiry*, 23, 412-459.

Fruzzetti, A., Shenk, C., & Hoffman, P. (2005). Family interaction and the development of borderline personality disorder: A transactional model. *Development and Psychopathology*, 17, 1007–1030.

Fury, G.; Carlson, E. A. & Sroufe, A. (1997). Children's representations of attachment relationships in family drawings. *Child Development*, 68, 1154-1164.

Gil, A. C. (2002). *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Editora Atlas.

Giovacchini, P. (1993). Os aspectos borderline da adolescência e o estado borderline. Em J. Outeiral (org). *O adolescente Borderline* (pp. 86 – 104). Porto Alegre: Artes Médicas.

Graña, R. (2007). La psicopatología de la adolescencia y el espectro borderline. *Revista de Psicoanálisis Aperturas Psicoanalíticas*, 26. Recuperado em 09/08/2007, de <http://www.aperturas.org/26grana.html>

Gunderson, J. G. (1996) The borderline patient's intolerance of aloneness: insecure attachments and therapist availability. *American Journal of Psychiatry*, 153, 752-758.

Hallie, Z. & Paris, J. (1991). Parents' emotional neglect and overprotection according to the recollections of patients with borderline personality disorder. *American Journal of Psychiatry*, 145, 648-651.

Harvey, M. & Byrd, M. (2000). Relationships between adolescents' attachment styles and family functioning. *Adolescence*, 35, 345-356.

Hauck, S., Schestatsky, S., Terra, L., Knijnik, L., Sanchez, P. & Ceitlin, L. H. (2006). Adaptação transcultural para o português brasileiro do *Parental Bonding Instrument* (PBI). *Revista de psiquiatria do Rio Grande do Sul*, 28, 61-68.

Hegenberg, M. (2000). *Borderline*. Coleção Clínica Psicanalítica, vol. IV. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Helgeland, M. & Torgersen, S. (2004) Developmental Antecedents of Borderline Personality Disorder. *Comprehensive Psychiatry*, 45, 138-147.

Holmes, J. (2003). Borderline personality disorder and the search for meaning: an attachment perspective. *Australian and New Zealand Journal of Psychiatry*, 37, 524-531.

Holmes, J. (2004). Disorganized attachment and Borderline Personality Disorder: A clinical perspective. *Attachment & Human Development*, 6, 181-190.

Jeammet, P. & Corcos, M. (2005). *Novas problemáticas da adolescência: evolução e manejo da dependência*. SP: casa do psicólogo.

Justo, J. S. (2005). O “ficar” na adolescência e paradigmas de relacionamento amoroso da contemporaneidade. *Revista do Departamento de Psicologia - UFF*, 17, 61-77.

Kaës, R., Faimberg, H., Enriquez, M. & Barane, J. J. (2001). *Transmissão da Vida Psíquica entre Gerações*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Kancyper, L. (1999). *Confrontação de Gerações – Estudo Psicanalítico*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Kehl, M. R. (1998, setembro). A ‘teenagização’ da cultura. Em: *Folha de São Paulo*, SP.

Kehl, M. R. (2003). Em defesa da família tentacular. Em G. C. Groeninga & R. C. Pereira (org.). *Direito de Família e Psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago.

Kernberg, O., Selzer, M. A., Koenigsberg, H. W., Carr, A. C. & Appelbaum, A. H. (1991). *Psicoterapia psicodinâmica de pacientes borderline*. Porto Alegre: Artes Médicas.



Kernberg, O. (1995) *Transtornos Graves de Personalidade – estratégias psicoterapêuticas*. Porto Alegre: editora Artes Médicas Sul Ltda.

Kernberg, P. (1990). Resolved: borderline personality exists in children under twelve. *Journal of American Academy of Child and Adolescent Psychiatry*, 29, 478-483.

Kernberg, P. (2003). *Transtornos da Personalidade em crianças e adolescentes*. Porto Alegre: Artmed.

Killingmo B. (1989). Conflict and deficits: Implications for technique. *International Journal of Psychoanalysis*, 70, 65-79.

Lasch, C. (1983). *A cultura do narcisismo: a vida americana numa era de esperanças em declínio*. (E. Pavareli, Trad.). Rio de Janeiro: Imago (Série Logoteca).

Leichsenring, F. (1999). Development and first results of the *borderline personality inventory*: a self-report instrument for assessing *borderline borderline* organization. *Journal of personality assessment*, 1, 45-63.

Leivi, M. (1995). Historización, actualidad y acción en la adolescência. *Revista de la Asociacion Psicoanalitica de Buenos Aires*, 17, 585-611.

Lenzenweger, M. & Cicchetti, D. (2005). Toward a developmental psychopathology approach to borderline personality disorder. *Development and Psychopathology*, 17, 893-898.

Levy, K (2005). The implications of attachment theory and research for understanding borderline personality disorder. *Development and Psychopathology*, 17, 959-986.

Levy, K. N.; Edell, W. S. & McGlashan, T. H. (2007). Depressive experiences in inpatients with *borderline* personality disorder. *Psychiatric Quarterly*, 78, 129-143.

Levisky, D. L. (2002). Depressões narcísicas na adolescência e o impacto da cultura. *Psychê, ano VI*, 10, 125-136.

Lyons–Ruth, K., Yellin, C., Melnick, S., & Atwood, G. (2005). Expanding the concept of unresolved mental states: Hostile/helpless states of mind on the Adult Attachment Interview are associated with disrupted mother–infant communication and infant disorganization. *Development and Psychopathology*, 17, 1–23.

Main, M. (1988). Categories of response to reunion with the parents at age 6: predictable from infant attachment classifications and stable over a month period. *Developmental Psychology*, 24, 415-426.

Maranga, R. (2002). Organizações borderline: Aspectos psicodinâmicos. *Análise Psicológica*, 2, 219-223.

Masterson, J. (1993) O adolescente borderline: uma visão das relações de objeto. Em J. Outeiral. (org). *O adolescente Borderline* (pp. 110-125). Porto Alegre: Artes Médicas.

Nickell, A. D., Waudby, C. J. & Trull, T. J. (2002). Attachment, Parental Bonding And Borderline Personality Disorder Features In Young Adults. *Journal of Personality Disorders*, 16, 148-159.

Outeiral, J. (1993). *O adolescente borderline*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Paris, J. (2005). Diagnosing borderline personality disorder in adolescence. *Adolescent Psychiatry*, 29, 237–247.

Parker, G., Brown, L. & Tuppling, H. (1979). A Parental Bonding Instrument. *Journal of Medical Psychology*, 52, 1-10.

Putnam, K. M. & Silk, K. R. (2005). Emotion dysregulation and the development of borderline personality disorder. *Development and Psychopathology*, 17, 899–925.

Rausch de Traubenberg, N. (1998) *A prática do Rorschach*. ( A. J. Lelé, Trad.). São Paulo: Vetor, 8ª edição. (Trabalho original publicado em 1970).

Reich D. B. & Zanarini, M. C. (2001). Developmental aspects of borderline personality disorder. *Harvard Rev Psychiatry*, 9, 295-301.

Romaro, R. A. & Loreiro, S.R. (1997). Distúrbio de personalidade borderline – comparação em dois momentos da avaliação através da técnica de Rorschach. *Boletim de Psicologia*, 47, 73-89.

Rosenstein, D & Horowitz, H. (1996). Adolescent Attachment and Psychopathology. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 64, 244–253.

Roudinesco (2000). *Por que a psicanálise?*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor.

Roudinesco (2003). *A família em desordem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor.

Russ, E., Heim, A. & Westen, D. (2003). Parental bonding and personality pathology assessed by clinician report. *Journal of Personality Disorders*, 17, 522-536.

Savietto, B. B. (2007). Passagem ao ato e adolescência contemporânea: pais “desmapeados”, filhos desamparados. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 3. Recuperado em 03/04/2007, de <http://www.fundamentalpsychopathology.org/anais2006/fedida/3.men.htm>.

Savietto, B. B. & Cardoso, M. R. (2006). Adolescência: ato e atualidade. *Revista mal-estar e subjetividade, Fortaleza –CE, ano VI, 1, 15 – 43*.

Silva, J. F. & Yazigi, L. (2004). Dois vértices da investigação de pacientes borderline: a clínica psicanalítica e a avaliação psicológica: Alice quebra-vidros. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 38, 621-636.

Szymanski, H. & Cury, V. (2004). A pesquisa intervenção em psicologia da educação e clínica: pesquisa e prática psicológica. *Estudos de Psicologia*, 9, 355-364.

Vaz, C. & Santos, M. A. (2006). Representação de objeto e organização psíquica: integração dinâmica dos dados do Rorschach. *Psico*, 37, 249-261.

Villa, F. C. & Cardoso, M R (2004). A questão das fronteiras nos estados limites. Em M. R. Cardoso, (org.). *Limites* (pp. 59-70). São Paulo: Escuta.

Westen, D., Ludolph, P., Lerner, H., Ruffins, S. & Wiss, C. (1990). Object Relations in Borderline Adolescents. *Journal of American Academy of Child and Adolescent Psychiatry*, 29, 338-348.

Westen, D., Muderrisoglu, S., Shedler, J., Fowler, C., & Koren, D. (1997). Affect regulation and affective experience: Individual differences, group differences, and measurement using a Q-sort procedure. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 65, 429-439.

Winnicott, D.W. (1983). *O ambiente e os processos de maturação. Estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. (I.C.S. Ortiz, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1958).

Zanarini, M. C., Williams, A. A., Lewis, R.E., Reich, R. B., Vera, S.C., Marino, M.F., Levin, A., Yong, L. & Frankenburg, F. R. (1997). Reported pathological childhood experiences associated with the development of borderline personality disorder. *American Journal of Psychiatry*, 154, 1101-1106.

Zilberleib, C. M. O. V. (2006). O acompanhamento terapêutico e as relações de objeto em pacientes-limites. *Psychê*, 18, 53-66.

Yin, R. (2003). *Estudo de Caso: planejamento e método*. Bookman editora.